

ABRIL, 2013

IV SÉRIE - Nº 31

BIMESTRAL

Macau

Fórum Macau

**UMA DÉCADA A LIGAR A
LUSOFONIA À CHINA**

Perfil

**OLÍVIA DE SOUZA,
MÉDICA MACAENSE NO
AFEGANISTÃO**

Cultura

**A FADISTA QUE TEM
TRANSFORMADO O
GÊNERO PORTUGUÊS**

RECEITA PARA PROSPERIDADE

Simbologia chinesa, superstições
e histórias de quem cresceu na vida

Momentos Encantadores

*Vistas magníficas, hotéis sumptuosos e instalações contemporâneas...
usufrua de um ambiente romântico que o vai impressionar e cativar
para que regresse vezes sem conta.*



MOMENTOS MEMORÁVEIS

SENTIR **MACAU**



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADEGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, n° 762 a 804
Edif. China Plaza, 15° andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**Delta Edições, Lda.
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601**EDITOR**

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Rita Ferreira

KauTim - Productive Creations, Ltd

CORDENAÇÃO DE MARKETING

Marta Vaz Silva

COLABORAM NESTA EDIÇÃO:**Texto:** Alexandra Lages, Ana Cristina Alves,
Andreia Sofia Silva, Catarina Domingues, Cecília
Lin, Filipa Queiroz, Mónica Menezes, Nuno G.
Pereira, Vera Penêda **Fotografia:** Gonçalo Lobo
Pinheiro e Paulo Cordeiro (Portugal)**FOTOGRAFIA DA CAPA:** Gonçalo Lobo Pinheiro**Modelo:** Fefe Chan (Summit Mice / Macau Cover
Girl)**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International"
14° andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com**IMPRESSÃO:** Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL****ANGOLA:** AOA 2,620.00 | **BRASIL:** BRL 56.00
CABO VERDE: CVE 2,459.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,634.00
MACAU: MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 771.00
PORTUGAL: EUR 22.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 546,445.00
TIMOR-LESTE: USD 28.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 35.00

Macau



O envio para impressão deste número da MACAU coincidiu com a realização na RAEM do Fórum e Exposição de Cooperação Ambiental (MIECF, na sigla inglesa) de 2013. Seria pois inevitável que o tema da preservação do ambiente merecesse algum destaque entre

os assuntos abordados nesta edição da revista. Assim, num dos artigos explicam-se quais as metas a serem alcançadas até 2020, nos termos do documento Planeamento da Protecção Ambiental de Macau, em que se prevê um papel central à Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental Macau, criada em 2009. Num segundo artigo é abordado o projecto de construção no território de duas unidades de reciclagem de água, como medidas inseridas num plano que visa a poupança desse bem natural precioso.

Finalmente, também destacamos a presença na RAEM, por ocasião do MIECF, de uma das principais empresas do País no campo da conservação energética e da protecção ambiental. Finalmente, entre diversos outros temas abordados, publicamos nesta edição mais um artigo da série referente aos grandes ícones da cultura chinesa.

A trilogia das divindades estelares da Felicidade (Fu 福), da Prosperidade (Lu 祿) e da Longevidade (Shou 壽) constitui um dos pilares da cultura tradicional chinesa, sendo aliás possível detectar a sua omnipresença no dia-a-dia de Macau. A primeira das divindades, da Felicidade, mereceu uma análise desenvolvida numa das edições passadas. Desta vez concentramo-nos na da Prosperidade, abordada quer do ponto de vista da vivência quotidiana quer do seu significado mais profundo e filosófico. Numa das próximas edições, será a vez da divindade estelar da Longevidade.

LUÍS ORTET

ÍNDICE

MACAU VISTO DO MAR

A silhueta da cidade em fotos, **8**

Gonçalo Lobo Pinheiro

ALTO DIRIGENTE CHINÊS CUMPRE SONHO NA RAEM

20 anos da Lei Básica, **18**

Andreia Sofia Silva

O MAIOR DESAFIO ECOLÓGICO DE SEMPRE

Desenvolvimento e sustentabilidade, **24**

Mark O'Neill

ARROJADO PLANO PARA A POUPANÇA DA ÁGUA

Investimento na reutilização, **30**

Ou Nian-le

LIÇÕES AMBIENTAIS DA CHINA

Acordo em prol do ambiente, **36**

Cecília Lin

FÓRMULA PARA CONQUISTAR A PROSPERIDADE

Histórias de quem chegou lá, **40**

Catarina Domingues

A DIVINDADE DA PROSPERIDADE

A tradição por detrás de um deus, **56**

Ana Cristina Alves

FENG SHUI À PORTUGUESA

A tradição chinesa que está na moda, **64**

Mónica Menezes

UMA DÉCADA DE FÓRUM MACAU

Ponte para todos os caminhos, **72**

Nuno G. Pereira

UM MUNDO DE POTENCIALIDADES

Entrevista com Chang Hexi, secretário-geral do

Fórum Macau, **80**

Nuno G. Pereira

UM MECANISMO ÚNICO

Entrevista com Marcelo D'Almeida, secretário-geral adjunto do Fórum Macau, **84**

Nuno G. Pereira

A COOPERAÇÃO NUM SORRISO

Entrevista com Rita Santos, secretário-geral adjunta do Fórum Macau, **88**

Nuno G. Pereira

A ARTE MILENAR DE COZINHAR

Ícones chineses – O wok, **104**

SECÇÕES

Aconteceu, **4**

Cartaz, **122**

Memórias, **128**

DIAS DE PROSPERIDADE

São muitos séculos de história para ter a presunção que o dinheiro não traz prosperidade. Traz sim. Mas a prosperidade tem outros caminhos, que nem sempre passam pela riqueza material. Conheça as histórias de quem se considera próspero, percorra o trilho da prosperidade em Macau e entenda o conceito aos olhos da tradição chinesa.

p. 40

MACAU NA MISSÃO CABUL

Olívia de Souza é provavelmente a única macaense que sabe combater incêndios, é uma entendida em protecção em ambiente nuclear, radiológico, biológico e químico, sabe lidar com engenhos explosivos, disparar armas pesadas e, ao mesmo tempo, salvar vidas. Olívia é médica na Força Aérea Portuguesa e foi como tal que passou meses na guerra do Afeganistão.

p. 92

PINCÉIS LUSÓFONOS CONQUISTAM A CHINA

A relação comercial entre a China e os países de língua portuguesa está a começar a desbravar novos caminhos. Artistas plásticos lusófonos estão atentos à expansão do mercado de arte chinês. Há todo um mundo por explorar.

p. 108

FADO COM SOTAQUE CHINÊS

Cao Bei é a única pessoa que canta fado em mandarim. Em entrevista, conta a sua história de amor, a aventura e o choque de deixar a China há 20 anos para casar com um português e viver num monte nos arredores de Lisboa. Falou do seu fado oriental e do sonho de cantá-lo na China.

p. 116

* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.

澳門

Macao

理想的會議展覽舉辦地
THE IDEAL MICE DESTINATION

- 世界旅遊休閒中心、國際級會展設施
A World Tourism and Leisure Centre Equipped with World-class Convention and Exhibition facilities
- 位處大珠三角地區，地理位置優越
Advantageous location in the Greater Pearl River Delta region
- 政府提供鼓勵會展優惠政策
The Government provides preferential policies to encourage the development of the convention and exhibition industry
- 貿易投資促進局提供會展競投及支援“一站式”服務
IPIIM provides “One-Stop Service” for MICE Bidding and Support in Macao

會展競投及支援“一站式”服務 “One-Stop Service” for MICE Bidding and Support in Macao

服務內容 ◆ SERVICE FIELDS

招攬、引進會展活動在澳門舉辦	◆ Attract and introduce convention and exhibition projects to Macao
協助競投會展項目	◆ Assist in bidding for convention and exhibition projects
“一站式”會展資訊	◆ “One-stop” Convention and exhibition updates
委派專人協助跟進落實在澳門舉辦會展項目	◆ Designated staff to provide follow-up service and assist in organising events in Macao
協助申請會展活動激勵計劃	◆ Assist in the application for the Convention and Exhibition Stimulation Programme
協助於本局參與之活動(澳門境內外)進行宣傳推廣	◆ Provide publicity and promotion opportunities in local and overseas events participated by IPIIM
協調與本澳相關政府部門聯繫	◆ Co-ordinate and liaise with Macao government departments
協助在澳成立公司開展會展項目	◆ Assist Macao Companies to develop MICE projects
提供會展合作配對服務，協助尋找合作伙伴	◆ Provide MICE cooperation matching service in search for potential partners

IPIM 澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

聯絡資料 / Contact Information :

地址：澳門友誼大馬路918號世貿中心一至四樓

Address : Av. Amizade, No. 918, Edif. World Trade Centre, 4 andar, Macau

網址 Website : www.ipim.gov.mo / 電郵 E-mail: mice-onestop@ipim.gov.mo

電話 Tel.: (853) 2871 0300 / 傳真 Fax: (853) 2859 0309 / 2872 6777

網址 Website : www.ipim.gov.mo

辦公時間 / Office Hours :

上午 Morning :

09:00 – 13:00 (星期一至五 / Monday to Friday)

下午 Afternoon :

14:30 – 17:45 (星期一至四 / Monday to Thursday)

14:30 – 17:30 (星期五 / Friday)



Artes e letras conquistam cidade

O II Festival Literário de Macau Rota das Letras, que pretende ser um ponto de encontro de autores lusófonos e chineses e que decorreu entre 10 e 16 de Março, trouxe à cidade mais de 30 escritores, editores, tradutores, jornalistas, músicos, cineastas e artistas plásticos. Várias instituições de Macau abriram as portas para acolher exposições, concertos e conversas com escritores proeminentes da literatura chinesa contemporânea, da lusofonia e da francofonia. Um dos pontos altos do festival foi o lançamento do livro de contos sobre Macau. Na primeira edição da Rota das Letras, em 2012, o público foi convidado a participar num concurso de contos nas línguas chinesa, portuguesa e inglesa, e os melhores trabalhos estão agora publicados.

Chui Sai On na 12.^a Assembleia Popular Nacional

O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, deslocou a Pequim duas vezes durante o mês de Março para participar nas cerimónias de abertura e de encerramento da 12.^a Assembleia Popular Nacional. O líder do Governo teve um encontro com Zhang Dejiang, agora responsável pela pasta de Hong Kong e Macau, que frisou a necessidade de uma maior aposta na diversificação da economia e elogiou os recentes progressos da RAEM.



Morreu Manuel Vicente, o “arquitecto de Macau”

Manuel Vicente, conhecido como o “arquitecto de Macau”, morreu a 9 de Março aos 78 anos, em Lisboa, vítima de doença prolongada. Figura de destaque em Macau, onde viveu muito tempo e desenvolveu grande parte do seu trabalho, Manuel Vicente é responsável por obras como o conjunto habitacional Fai Chi Kei, que lhe valeu a Medalha de Ouro da ARCASIA, o edifício do *World Trade Center*, o posto dos bombeiros no bairro da Areia Preta, o prédio da TDM-Teledifusão de Macau ou ainda o plano do fecho da Baía da Praia Grande.

Reforçar cooperação para maior desenvolvimento

O Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, afirmou no início de Fevereiro que pretende reforçar a “cooperação com o exterior” para promover o desenvolvimento da região. Numa recepção ao Gabinete de Ligação do Governo Central chinês no âmbito da celebração do Ano Novo Lunar, que teve início a 10 de Fevereiro, Chui Sai On disse que o Executivo irá “dedicar esforços na intensificação do intercâmbio e da cooperação com o exterior no sentido de um maior desenvolvimento conjunto”.



Mais 23 estagiários portugueses em empresas locais

Macau acolhe este ano 23 estagiários no âmbito do Programa Inov Contacto, programa de estágios profissionais do Governo português. Na edição do ano passado tinham sido 17 os participantes. Os estágios oferecidos são nas áreas da banca e das tecnologias, assim como em empresas de vinho, turismo e em escritórios de advogados.



Estudo para avaliar equilíbrio do turismo

O Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, revelou em Março que o seu Governo vai realizar um estudo sobre a capacidade local de acolhimento de turistas face ao crescente número de visitantes do Interior da China. O projecto está a cargo do Gabinete de Estudo das Políticas e tem como objectivo analisar as influências do turismo na economia local, o nível de satisfação dos visitantes e a capacidade de acolhimento do território, para não afectar a qualidade de vida da população.

.....
231.582
assinantes de serviço de Internet foram contabilizados até ao fim de 2012

Cursos de Verão em Lisboa com mais ofertas

O Gabinete de Apoio ao Ensino Superior de Macau anunciou em Fevereiro o lançamento da segunda edição do curso de verão de português "Ser e Saber da Língua Portuguesa 2013", uma iniciativa que duplica o número de vagas para 56. O curso está dividido em duas fases: a primeira, em Macau, a decorrer no Instituto Português do Oriente, onde os alunos vão frequentar 50 horas de aprendizagem do português, e uma segunda fase em Lisboa, para onde serão escolhidos os melhores alunos.



Pedidos de residência com número recorde

Uma média mensal de 20 portugueses requereu, ao longo do ano passado, o Bilhete de Identidade de Residente (BIR) de Macau, o valor mais elevado desde a transferência, em Dezembro de 1999. Segundo a Direcção dos Serviços de Identificação (DSI), no ano passado, um total de 245 cidadãos de nacionalidade portuguesa solicitou, pela primeira vez, a emissão do bilhete de identidade da RAEM.

.....
9.500.000
é o novo número recorde de hóspedes em hotéis em 2012

Escola Portuguesa com avaliação "excelente"

A Escola Portuguesa de Macau obteve a classificação de "excelente" na avaliação da Inspeção Geral de Educação e Ciência do Ministério da Educação português que avaliou três parâmetros nos quais a instituição obteve a pontuação máxima. A Escola Portuguesa foi criada no ano lectivo 1998-1999 numa parceria entre o Ministério Português da Educação e a Fundação Oriente e da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses. Há neste momento 492 alunos registados.



.....
1.610.000

é o número de telemóveis registado em Macau em 2013, um valor que equivale ao triplo da população

Cônsul português Cansado de Carvalho despede-se de Macau

O antigo Hotel da Bela Vista encheu-se a 1 de Março para a despedida ao cônsul português Manuel Cansado de Carvalho. O Chefe do Executivo, Chui Sai On, foi uma das figuras que marcou presença, tal como o seu antecessor, Edmund Ho. O diplomata fez um balanço positivo dos últimos quatro anos, destacando a renovação da comunidade portuguesa em termos de investimento e composição populacional.



Conhecimentos de português testados em Macau

Investigadores da Universidade de Macau lançaram em Março um projecto que visa verificar os conhecimentos de português dos falantes de língua materna chinesa e traçar estratégias de fomentar a utilização futura da língua. Intitulado "Referencial de Português para Falantes de Língua Materna Chinesa", o estudo será desenvolvido pelos professores Ricardo Moutinho e Ana Paula Cleto sob coordenação de Maria José Grosso, e numa primeira fase decorrerá em Macau para depois ser alargado a outros locais da China.

Macau promove-se em feira de turismo em Berlim

Macau promoveu-se em Março na feira de turismo ITB em Berlim, na Alemanha, com um *stand* de 90 metros quadrados que deu a conhecer as principais atracções da cidade para captar mais turistas internacionais. Além dos serviços oficiais, operadores turísticos locais participaram na feira, divulgando, sobretudo, dois grandes eventos que vai acolher este ano, nomeadamente a 60.^a edição do Grande Prémio em Fórmula 1 e o 25.º Concurso Internacional de Fogo de Artifício.

52,3 mil

milhões de patacas foi o montante gasto pelos 28 milhões de turistas em 2012

.....

HABITAÇÃO À LUPA EM 2012

+73,4%

MOP 20.812

preço do metro quadrado industrial

65,55% do total

16.917 fracções destinadas à habitação

+38,4%

MOP 57.362

preço médio do metro quadrado

+32,3%

MOP 100,91 mil milhões

valor total das unidades vendidas

+32,1%

MOP 46.320

preço do metro quadrado dos escritórios

+26,1%

MOP 74,23 mil milhões

montante total gasto na compra de habitações

-8%

25.419

fracções transaccionadas

Fonte: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos

Recorde de saldo orçamental em 2012

O Governo de Macau terminou 2012 com o maior saldo orçamental positivo de sempre, de 72,8 mil milhões de patacas, valor que superou as despesas pelo terceiro ano consecutivo, revelam dados oficiais. No ano passado, o Executivo da RAEM viu o seu saldo orçamental positivo aumentar 14,1% face a 2011, superando o recorde alcançado nesse ano, de 63,7 mil milhões de patacas, que representou um forte acréscimo de 52,2% face a 2010, de acordo com os dados dos Serviços de Finanças.

Ano do Dragão com recorde de nascimentos

Macau teve durante o ano lunar do Dragão 7400 nascimentos, um número que coloca este período como o segundo mais fértil de nativos deste signo desde que existe contabilidade oficial. Considerado um símbolo da realeza, fortuna e poder e única figura mítica entre os 12 signos do milenar zodíaco chinês, o signo do Dragão reúne um conjunto de características que leva os casais a planear ter filhos durante esse período. Desde a década de 1970, cumpriram-se já quatro anos lunares do Dragão, cabendo o recorde de nascimentos em Macau ao período entre 17 de Fevereiro de 1988 e 5 de Fevereiro de 1989, com cerca de 7900 bebés nascidos.



Pereira Coutinho reeleito na ATFPM

O deputado José Pereira Coutinho conquistou, no início de Março, mais um mandato na presidência da Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau (ATFPM), numa votação em que recolheu quase todos os votos depositados nas urnas. Dados da ATFPM indicam que votaram no acto eleitoral, onde a lista de Pereira Coutinho era a única a sufrágio, 3656 associados - mais 18 por cento do que nas eleições de 2010 -, tendo 3.639 votado em Coutinho, 14 votado em branco, sendo que três dos votos foram considerados nulos.

Bancos registam lucros nunca antes vistos

O sector da banca em Macau registou lucros recordes de 6.285,3 milhões de patacas em 2012, mais 24,4 por cento do que no ano anterior, segundo dados da Autoridade Monetária. O anterior recorde tinha sido estabelecido em 2011, quando as 29 instituições financeiras registaram um lucro de 5.052,8 milhões de patacas.

MACAU VISTO DO MAR

A própria bandeira da RAEM faz alusão ao mar e é da água que hoje se continua a ter uma perspectiva encantadora da cidade. Uma das novas formas de se conhecer Macau é a bordo de um catamarã turístico que parte do Porto Interior e prossegue por onde o Rio das Pérolas e o Mar do Sul da China se juntam

Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**





“De qualquer das alturas de Macau se goza um belo panorama, mas os viajantes, em geral, preferem ver do mar esta formosa cidade. Dos navios ancorados no porto interior, abraça-se uma perspectiva magnífica: começando na aldeia de Patane, sobre a qual se ergue a decantada gruta de Camões, e correndo ao longo do rio, aqui orlado de casas chinesas, acolá de edificios cristãos, e todo semeado de embarcações de vários tamanhos e diversíssimas formas, desde o ligeiro *gig* britânico até à pesada *sóma* chinesa; vendo mais para interior da povoação as torres da cathedral, o zimbório de S. José (colégio das missões, sem missionários) boas casas e jardins, e lá no fundo do quadro as fortalezas do Monte e da Guia, campeando sobre seus elevados outeiros; o grandioso edificio da alfândega, donde se continua ainda com óptimas habitações, em

diferentes planos, até à fortaleza de Sant'Iago da Barra, antes de chegar à qual está um dos mais venerado pagodes destas partes.”

Em 1854, Francisco Maria Bordalo (1821-1861), oficial da marinha portuguesa e escritor, descreveu assim uma Macau vista do mar. A Macau navegável de hoje mantém muito dos seus edificios históricos mesclados a grandes torres de casinos. Partindo da Ponte n.º 12, o Macau Cruise Harbour navega calmamente pelas águas do Rio das Pérolas, circundando a zona do Porto Interior, com centenas de barcos de carga e de pesca ancorados à sua volta. O templo de A-Má mantém-se intocável em meio dos rochedos e, um pouco mais à frente, surge a grandiosa Torre de Macau e a flor de lótus do resort Grand Lisboa. Por 80 patacas, é possível ver a Macau do mar que tanto encantou os navegadores europeus. ●





O crescimento urbano da cidade é ainda mais notável do mar. O velho e o novo, o tradicional e o moderno criam contrastes notáveis





Construída em 2001, a Torre de Macau é considerada a 22.^a torre mais alta do mundo e oferece uma vista panorâmica de toda a região. A ponte de Sai Van, inaugurada em Dezembro de 2004, é a terceira conexão entre a península e a Taipa







Macau

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



δ deltamedições

ONDE PODE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

Lisboa

Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Delegação Económica e Comercial de Macau

Av. 5 de Outubro, 115 – 4º
1069-204 Lisboa

BÉLGICA

Macao Economic and Trade Office to the E.U.

Avenue Louise, 480
1050 Bruxelles - Belgium

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São D'Somingos, 18-22
Tel: +(853) 28 556 442

Livraria S.Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 28 323 957

Plaza Cultural

Av. Conselheiro Ferreira de Almeida, 32

Café Caravela

Pátio do Comandante Mata e Oliveira, 29

Pizza & Companhia

Av. Ouvidor Arriaga, 79/79A

Jade Garden Magazines Stall

Av. da Praia Grande S/N

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 2,620.00 | BRASIL: BRL 56.00

CABO VERDE: CVE 2,459.00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 14,634.00

MACAU: MOP 100.00 | MOÇAMBIQUE: MZM 771.00

PORTUGAL: EUR 22.00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 546,445.00

TIMOR-LESTE: USD 28.00 | RESTO DO MUNDO: USD 35.00

www.revistamacau.com

Se deseja ser assinante da revista **MACAU** (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
Email: contacto@revistamacau.com Tel: +853 2832 3660 Fax: +853 2832 3601

NOME: _____

MORADA: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____

EMAIL: _____

Não inclui portes de correio.

VISITA

LEI BÁSICA LEVOU WU BANGGUO A CUMPRIR O SEU SONHO





Há muito que o então presidente do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional desejava visitar a RAEM e “observar o seu desenvolvimento”.
Entre 20 e 22 de Fevereiro pôde finalmente fazê-lo, para celebrar os 20 anos da implementação da Lei Básica, sob o princípio “um país, dois sistemas”

Texto **Andreia Sofia Silva** | Fotos **Gabinete de Comunicação Social da RAEM**

VISITA

Wu Bangguo, de 71 anos de idade, visitou Macau no mês de Fevereiro ainda na sua qualidade de presidente do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional (APN). Considerado o “supremo órgão do poder do Estado”, a APN reúne uma vez por ano. Apesar da passagem de testemunho, Wu Bangguo teve tempo para uma última visita oficial que serviu também para cumprir algo que há muito desejava: visitar Macau.

O presidente da APN esteve em Macau três dias por ocasião da celebração dos 20 anos de implementação da Lei Básica, com uma agenda cheia: visitou monumentos e lugares icónicos do território e assistiu à comemoração dos 100 anos da Associação Comercial de Macau, bem como ao lançamento de uma galeria em jeito de museu que marca a chegada da mini-constituição ao território.

Wu Bangguo só falou publicamente no seu segundo dia em Macau, e fê-lo num auditório do Centro Cultural de Macau (CCM), repleto de caras bem conhecidas do meio político e social da RAEM. Na presença do Chefe do Executivo, Chui Sai On, e do presidente da Assembleia Legislativa (AL), Lau Cheok Va, o presidente da APN traçou um balanço positivo do lado prático da implementação da Lei Básica. “O Governo Central respeita a Lei Básica no que toca os assuntos de Macau, quer na resolução de questões jurídicas e políticas, quer no apoio económico à RAEM e na melhoria da vida da população. As políticas que o Governo Central tem aplicado a Macau visam essencialmente dois objectivos: a salvaguarda da soberania nacional, da segurança e dos interesses do desenvolvimento, bem como a possibilidade de expansão do crescimento de Macau a longo prazo.”

Num discurso que foi além dos 20 minutos, Wu Bangguo considerou que “a RAEM é uma parte integrante do desenvolvimento do país”, e que, para o futuro, “é necessário salvaguardar os poderes das autoridades centrais, manter o alto grau de autonomia da RAEM e consequentemente que os poderes de ambas as partes possam ser realizados, materializando a boa governação”.





“ Foi criado pela primeira vez em Macau um regime de acção social, incluindo o regime de previdência central e o regime de acção social de regalias e assistência médica, o que tem contribuído para uma melhor qualidade de vida para a população. A sociedade é harmoniosa, os cidadãos vivem felizes e tudo aponta para um futuro promissor”

VISITA

ENSINAMENTOS CORRECTOS

Wu Bangguo aproveitou ainda para relembrar o passado da governação chinesa, nomeadamente nas medidas anunciadas pelo líder Deng Xiaoping, em 1984. Segundo o presidente da APN, o conceito de “um país, dois sistemas” foi, na época, considerado “como algo de muito inovador, e houve pessoas que questionaram a sua viabilidade. Podemos responder com factos provados, pois pelo menos os chineses estão convictos da sua viabilidade. Daqui a 50 anos será provavelmente melhor comprovado”, apontou. Nesse contexto, “o Governo da RAEM tem vindo a cumprir escrupulosamente a Lei Básica e tem vindo a comprovar a verdadeira convicção do camarada Deng Xiaoping sobre a viabilidade completa de ‘um país, dois sistemas’”.

Tal viabilidade pode, na prática, ser comprovada pelos resultados económicos. “A economia local tem beneficiado do crescimento mais acelerado da sua história, e a própria cidade mudou radicalmente a sua fisionomia. Em termos gerais verificou-se um crescimento económico seis vezes superior (...), o rendimento individual dos cidadãos também duplicou.”

Wu Bangguo recordou ainda a criação de

sistemas sociais de apoio à população. “Foi criado pela primeira vez em Macau um regime de acção social, incluindo o regime de previdência central e o regime de acção social de regalias e assistência médica, o que tem contribuído para uma melhor qualidade de vida para a população. A sociedade é harmoniosa, os cidadãos vivem felizes e tudo aponta para um futuro promissor.” Na mesma ocasião, Chui Sai On comprometeu-se a continuar a respeitar os trâmites jurídicos da Lei Básica olhando para as necessidades da população. “A situação do desenvolvimento contínuo da economia, da estabilidade e da harmonia sociais, e do melhoramento sustentável da vida da população em que Macau vive hoje provém mesmo das garantias jurídicas consagradas na Lei Básica. Em prol do futuro, é nosso dever insistir na implementação da Lei Básica, no sentido de executar correctamente as políticas ‘um país, dois sistemas’, ‘Macau governada pelas suas gentes’ e com um alto grau de autonomia”.

Lau Cheok Va, presidente da AL, também subiu ao púlpito para falar do sucesso, mas não esqueceu que é preciso continuar a mostrar ainda mais a mini-constituição às pessoas.

澳門基本法紀念館開館儀式 暨《澳門歷史的巨變》新書發行儀式

Inauguração da Galeria Comemorativa da Lei Básica de Macau e
Cerimónia de Lançamento da Publicação “Mudanças Significativas na História de Macau”

主辦單位 / Organização

澳門特別行政區政府
Governo da Região Administrativa Especial de Macau

協辦單位 / Co-organização

澳門基本法推廣協會
Associação de Desenvolvimento da Lei Básica de Macau





“Os regimes e mecanismos correlacionados com a aplicação da Lei Básica devem ser objecto de aperfeiçoamento constante, pois a implementação efectiva decorre da melhoria contínua destes regimes. (...) É necessário que o conhecimento sobre a Lei Básica seja amplamente divulgado, que se crie um ambiente favorável à divulgação e aprendizagem.”

Tendo admitido “o surgimento inevitável de problemas no decurso da sua aplicação”, Lau Cheok Va espera, ainda assim, que o princípio “um país, dois sistemas” conheça “um desenvolvimento sustentável e saudável”, desde que a RAEM “assuma uma postura intransigente quanto à necessidade de aprendizagem da Lei Básica”.

Duas décadas depois da criação da Lei Básica, Wu Bangguo não tem dúvidas de que “Macau está na melhor fase da sua história”

INOVAÇÃO

Para Wu Bangguo, a existência de um sistema económico de índole capitalista beneficia não apenas o desenvolvimento da RAEM como da própria República Popular da China (RPC). “Dentro da RPC unificada pratica-se o socialismo no corpo social do Estado, e o capitalismo em Hong Kong e Macau. Esta é uma enorme inovação sem exemplo anteriores. ‘Um país, dois sistemas’ é uma tarefa da RPC, Macau e Hong Kong com vista à propriedade, constituindo uma parte muito importante na revitalização da nação chinesa. Acreditamos que ao permitir o capitalismo nestas regiões favorecemos o desenvolvimento do socialismo.” Sem esquecer a realização do último congresso do Partido Comunista Chinês (PCC), Wu Bangguo frisou a exclusividade de um modelo político e económico, com sucesso a nível global. Com a nova liderança de Xi Jinping, a China entrou, segundo Wu Bangguo, “numa nova fase de sociedade moderna e próspera”, “sem paralelismo a qualquer outro período da história da meta da revitalização da nação chinesa”.

Sem “exemplos anteriores a seguir”, a China prossegue, assim, “um socialismo com características chinesas, ultrapassando enormes dificuldades e comprovado na prática.” Hoje, a RPC possui “uma confiança e capacidade que nunca tinha tido para alcançar esta meta”.

Duas décadas depois da criação da Lei Básica, Wu Bangguo não tem dúvidas de que “Macau está na melhor fase da sua história”. Da parte de Pequim, muda a liderança, mas a capacidade de luta persiste imutável. “Vamos esforçar-nos para a construção de uma melhor Macau, na modernização do nosso país e revitalização da nação chinesa.” ●

O DESAFIO ECOLÓGICO DE MACAU

Com um crescimento habitacional e económico nunca antes visto, Macau enfrenta agora um desafio crucial para as futuras gerações: como equilibrar os números do desenvolvimento com uma cidade mais verde?

Texto **Mark O'Neill** / *Macao magazine*

Macau, uma das cidades do planeta com maior densidade populacional, recebe cerca de 77 mil visitantes por dia. Possui ainda uma das mais rápidas taxas de crescimento no número de habitantes, que irá manter-se acelerada devido ao aumento já aprovado do número de hotéis e casinos. Além disso, a cada vez maior abertura do mercado chinês influencia também a vinda de mais turistas do resto do país até Macau.

Todo este crescimento traz uma imensidão de autocarros, carros e sujidade, enchendo ruas já cheias de pessoas e movimento. Perante tal pressão, como é que a cidade pode manter o seu frágil ambiente? Como pode melhorar a qualidade do ar e da água, reduzir a poluição sonora e desenvolver a qualidade de vida de residentes e visitantes, concretizando o seu objectivo de ser um centro internacional de turismo e lazer?

Este complexo desafio tem resposta dada por um recente departamento do Governo, a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental (DSPA), estabelecida em Junho de 2009. Foi criada para centralizar vários dossiês relacionados com questões ambientais, que estavam espalhados em diversos organismos oficiais, e definir um plano de longo prazo.



No que diz respeito à política a aplicar, o mais importante documento foi revelado em Setembro do ano passado, o Planeamento da Protecção Ambiental de Macau (2010-2020), para ser implementado em conjunto com o Plano de 2008-2020 para o Delta do Rio das Pérolas. O Planeamento da Protecção Ambiental de Macau marca metas em todos os aspectos da sua área: gestão de qualidade do ar e da água, lixo, ruído, ecossistemas e ambiente. O seu objectivo é desenvolver uma cidade de Macau mais verde e com emissões de carbono reduzidas.

O director da DSPA, Cheong Sio Kei, explicou que o documento visa resolver os problemas de poluição existentes e potenciais, indo ao encontro da meta de transformar Macau num centro internacional de turismo e lazer. Entre os seus ambiciosos objectivos está o tratamento de águas residuais, a obtenção de energia limpa, a reciclagem de desperdícios especiais, perigosos e electrónicos e a promoção dos carros eléctricos. Outra iniciativa de relevo da DSPA foi o estabelecimento do Fundo para a Protecção Ambiental e a Conservação Energética, em 2011. Até ao ano passado, o Fundo já tinha recebido 2000 candidaturas e aprovado 700, com pedidos relevantes que receberam um total de 67 milhões de patacas.

Além disso, em Março de cada ano, a DSPA organiza o Fórum e Exposição de Cooperação Ambiental (MIECF, na sigla inglesa), uma plataforma com repercussão internacional para as últimas invenções e tecnologias neste campo. É também uma forma de pessoas e empresas da cidade conhecerem as melhores práticas.



AMBIENTE

O MIECF organiza actividades educacionais, como seminários e exposições, para aumentar a consciencialização ambiental entre o público, levando-o à mudança de hábitos – produzir menos lixo, reciclar, poupar água e preferir transporte público em detrimento do individual. O êxito das políticas da DSAP mede-se não só através das leis e regulamentos criados, mas também na mudança de comportamento dos residentes e das empresas. Porque embora o Governo deva implementar políticas e oferecer incentivos, o que faz, a qualidade de vida na cidade depende, em última análise, do esforço conjunto de todos os seus habitantes.

DOCUMENTO AMBICIOSO

O documento Planeamento da Protecção Ambiental de Macau tem três objectivos principais: conseguir o ambiente óptimo para viver e visitar; promover uma sociedade que poupa e recicla; e criar uma cidade verde. O foco da sua acção está espalhado por 15 áreas, destacando-se a melhoria da qualidade do ar e da água, o tratamento e eliminação de resíduos sólidos, o controlo da poluição sonora e luminosa e a conservação dos ecossistemas e do ambiente. “O documento foi elaborado para responder às necessidades do presente e estabelecer os planos para o futuro”, sublinha Cheong Sio Kei. “Iremos trabalhar sistematicamente para resolver os problemas de poluição em Macau, para acompanhar o desenvolvimento da cidade como centro mundial de turismo e lazer. Vamos transformar Macau numa região com emissões reduzidas de carbono e criar um ambiente mais verde em simultâneo. Poupança de energia, menos emissões poluentes e desenvolvimento com baixa taxa de carbono são prioridades na política do Governo da RAEM.”

O director da DSAP realça também que a melhoria do ambiente não pode ser feita sem os esforços concertados das regiões vizinhas. O seu departamento está a trabalhar com as cidades do Delta do Rio das Pérolas para prevenir a poluição do ar e da água, reciclar água e tratar os resíduos perigosos.

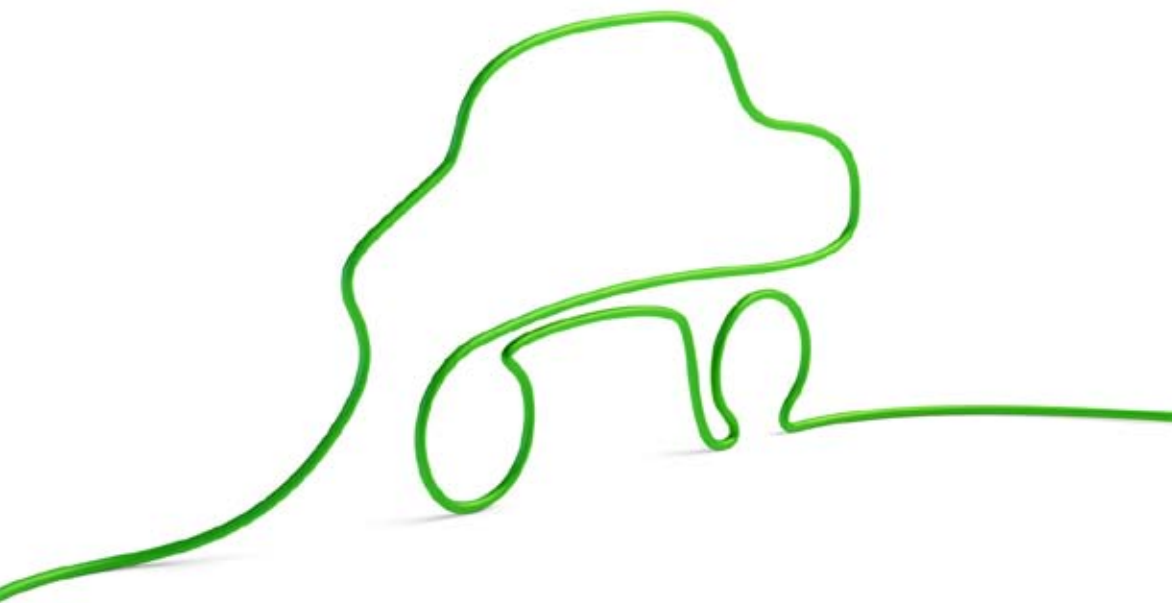
Macau e a Província de Guangdong estão também a colaborar na requalificação ambiental do Canal dos Patos, monitorando a qualidade do ar em cada um dos lados.



CARROS ELÉCTRICOS

A introdução de veículos eléctricos em Macau é uma política básica da DSAP – e um dos seus maiores desafios. Cheong Sio Kei conta que o seu departamento vai encorajar o uso de carros eléctricos através de taxas preferenciais e outros incentivos. Em Janeiro do ano passado, a Assembleia Legislativa aprovou um projecto de lei consagrando taxas reduzidas para veículos eléctricos, incluindo 50 por cento até 60 mil patacas, para aqueles que corresponderem aos padrões requeridos pelo Governo.

Por enquanto, há apenas um punhado de carros eléctricos a circular nas ruas de Macau. Isto sucede, em parte, pela falta de uma infraestrutura adequada – a cidade possui apenas duas estações públicas onde os cidadãos podem carregar os seus veículos. “Tudo depende da adesão dos residentes à aquisição destes veículos”, adianta Cheong Sio Kei. “O Governo deve liderar o movimento pelo exemplo, adquirindo veículos verdes, eléctricos ou de outro tipo.”



Por enquanto, há apenas um punhado de carros eléctricos a circular nas ruas de Macau. Isto sucede, em parte, pela falta de uma infra-estrutura adequada – a cidade possui apenas duas estações públicas onde os cidadãos podem carregar os seus veículos

Este ano, o Executivo alocou 400 milhões de patacas para ajudar financeiramente a retirada de veículos poluentes das estradas. Além disso, está a fazer consultas à indústria para estabelecer novos critérios no que diz respeito a gasolina sem chumbo e diesel light, utilizados em veículos a motor.

No geral, o desafio é difícil em Macau pelas mesmas razões enfrentadas na maioria dos outros países – apesar do público ser em princípio a favor dos carros eléctricos, só quer comprá-los se houver um preço competitivo e forem fáceis de usar, na condução e na conveniência, por exemplo, de abastecimento.

FUNDO PARA O AMBIENTE

Uma das grandes iniciativas da DSAP foi o Fundo para a Protecção Ambiental e a Conservação Energética, criado em 2011, com 200 milhões de patacas. Através deste fundo é possível subsidiar os negócios locais e as associações que adquirem produtos e equipamento para poupar energia e proteger o ambiente.

Uma candidatura bem sucedida recebe um subsídio de 80 por cento do valor total dos produtos ou equipamento comprados, até ao máximo de 500 mil patacas. Cada empresa ou associação pode candidatar-se uma vez por ano. A maioria das primeiras 200 candidaturas pedia apoio na aquisição de produtos de iluminação com poupança de energia, seguidas de exaustores para cozinha, equipamentos de conservação de água e fornos electromagnéticos.

No final de 2012, o fundo tinha recebido quase 2000 candidaturas, tendo aprovado 700, que receberam um total de 67 milhões de patacas. Incluíam, por exemplo, equipamentos de

CHARGING STATION



ar-condicionado com poupança de energia, purificadores de ar, sistemas de água quente e exaustores. Perto do fim do ano passado, o Governo decidiu prolongar o fundo mais um ano, alargando o espectro de candidaturas para incluir escolas e projectos específicos de poupança de energia.

Outra acção da DSAP que merece destaque é o Prémio Hotel Verde, lançado em 2007. Em Junho de 2012, 23 hotéis tinham já recebido a distinção (em 2007 apenas oito tinham o troféu), contabilizando 24 por cento dos hotéis na RAEM, mas 46 por cento quando o factor em conta é o número de quartos. Números bastante entusiasmantes, que reflectem o interesse crescente na hotelaria local em melhorar os seus padrões de respeito pelo ambiente.

FÓRUM INTERNACIONAL

Finalmente, outra responsabilidade de grande dimensão da DSAP é organizar o Fórum e

Exposição de Cooperação Ambiental, o que faz sem interrupção há já cinco anos. O MIECF traz tecnologia de ponta de todo o mundo até Macau, mostrando à população e aos empresários locais o que de mais eficaz se pode fazer na área ambiental.

O próximo MIECF, o sexto, realizou-se de 21 a 23 de Março, no Venetian Resort Hotel. Participaram no evento mais de 6500 profissionais de 48 países e regiões, incluindo altos quadros de empresas, funcionários governamentais de topo envolvidos na criação de políticas ambientais, think tanks, instituições de pesquisa e desenvolvimento e responsáveis da indústria ambiental.

Em 2012, 398 entidades de 28 países e regiões estiveram no evento, que também decorreu em Março. Incluíram representantes da Europa, dos Estados Unidos, da Ásia, províncias do interior da China e cidades do Delta do Rio das Pérolas. O MIECF-2012 mostrou a nova geração de



Uma das grandes iniciativas da DSAP foi o Fundo para a Protecção Ambiental e a Conservação Energética, criado em 2011, com 200 milhões de patacas. Através deste fundo é possível subsidiar os negócios locais e as associações que adquirem produtos e equipamento para poupar energia e proteger o ambiente

veículos híbridos e eléctricos, incluindo o primeiro autocarro turístico eléctrico na China, estações inteligentes de carregamento eléctrico, baterias e outras soluções de armazenamento de energia. Também puderam ser observadas algumas das mais avançadas soluções de gestão de lixo e água, vindas da Europa, assim como alternativas mais baratas nesta área, vindas da China.

A Shenzhen Wuzhoulong Motor foi a empresa chinesa que trouxe o autocarro turístico eléctrico, estando já milhares em acção na China, na Alemanha, na Holanda e nas Filipinas. Este autocarro eléctrico puro pode percorrer 300 quilómetros a uma velocidade máxima de 140 km/hora. Demora meia hora a carregar metade da bateria e três horas para o carregamento total. Cada unidade custa cerca de 3,6 milhões de patacas. A empresa, aliás, propôs que os grandes casinos de Macau substituíssem as suas frotas de autocarros shuttle a gasóleo pelos seus veículos verdes. Outra empresa, a Tong Brothers Electronics, de Jiangmen (Guangdong), trouxe a ideia de substituir as luzes de rua em Macau por iluminação LED, mais barata e consumindo menos energia.

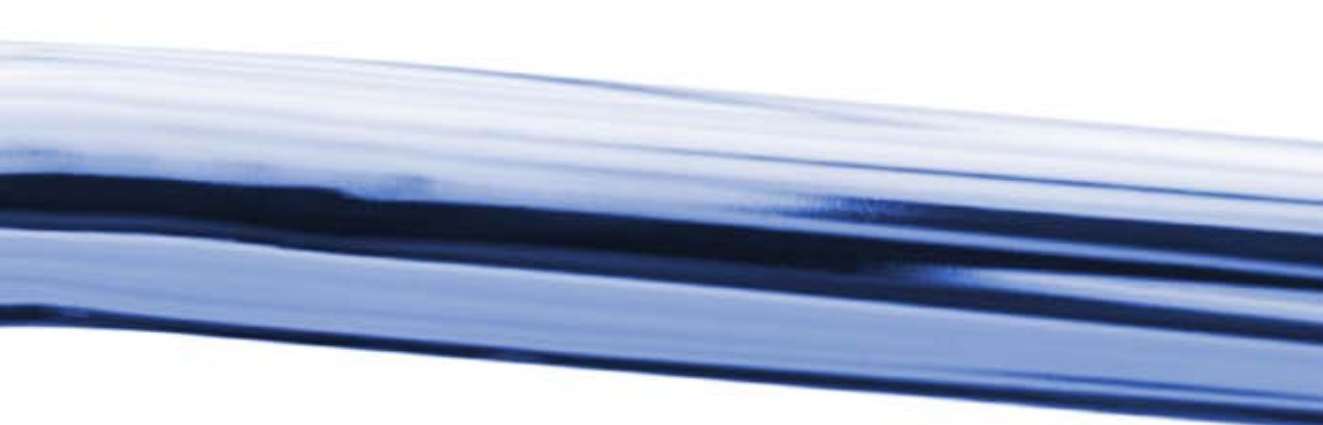
No total, 35 projectos foram assinados durante o evento, um aumento de 13% em relação à edição de 2011. Mais de 8500 pessoas visitaram o MIECF-2012, das quais 6500 eram profissionais. ●

AS METAS DO PLANEAMENTO DA PROTECÇÃO AMBIENTAL DE MACAU

- Ter 97% de águas residuais domésticas tratadas em 2015, partindo de 95% em 2009
- Fazer com que energias limpas, como o gás natural, atinjam 25% do consumo em 2015 e 35% em 2020
- Reciclar 10% de desperdícios perigosos em 2015 e 15% em 2020, partindo de 5% em 2012
- Iniciar em 2015 a recolha de lixo eléctrico e electrónico, em 20%, procurando atingir os 60% em 2020
- Reciclar 30% do lixo sólido em 2015 e 40% em 2020
- Aumentar as áreas verdes de 39,1% (em 2009) para 45% em 2020
- Criar um ambiente com emissões reduzidas de carbono e outros gases que provocam efeito de estufa (em estudo)



O ARROJADO
PLANO PARA
RECICLAR ÁGUA



O Governo revelou um ambicioso projecto para reutilizar água e convencer tanto os habitantes como as empresas a pouparem este bem precioso

Texto **Ou Nian-le** / *Macao magazine*

No início de Janeiro, o Grupo de Trabalho sobre o Desenvolvimento de uma Sociedade de Conservação da Água (GT) apresentou um plano de dez anos (2013-2022) que propõe a construção de duas unidades de reciclagem de água. Esta água deverá constituir dez por cento do consumo total na RAEM em 2022. “A falta de água doce é um dos maiores problemas mundiais”, afirma a encarregada do plano, Susana Wong Soi-man, líder do GT e directora da Capitania dos Portos. “Macau tem um problema sério de falta de água doce e as nossas fontes estão sob ameaça constante de contaminação por água salgada. Devido ao rápido desenvolvimento económico e à dramática subida de visitantes, o consumo nos últimos anos também aumentou bastante depressa. Apesar de a cidade receber muita água proveniente do interior do País, é nossa responsabilidade poupá-la e usar os recursos naturais de forma mais sustentável.”

O consumo diário na RAEM atinge entre 240 mil e 250 mil metros cúbicos. Wong calcula que em 2022 este valor passe a 300 mil, devido ao crescimento da indústria do turismo e à construção de mais hotéis de grande dimensão e *resorts* de casinos. Toda a água de Macau própria para beber vem do interior da China. Tal não é problema durante a estação chuvosa, entre Março e Setembro. Porém, na época seca, entre Outubro e Fevereiro, as águas fluviais aproveitadas na RAEM têm índices salinos muito altos. Nesse período, é necessário transferir água potável para a região. Com o apoio e a coordenação dos respectivos departamentos no continente, a água é transferida a partir de reservatórios em Cantão, Guangxi e Guizhou, ajudando assim a superar o problema da salinidade em Macau. “Sentimos que devemos fazer mais e encontrar novas maneiras de gastar menos água”, realça Wong. “Devemos sensibilizar o público a poupar água, instalando equipamentos que

reduzam o consumo e utilizando o mecanismo do preço para fazer as pessoas perceberem o bem precioso que é.”

PESQUISA EM RECICLAGEM

Desde 1 de Janeiro de 2011 que o GT implementou um novo sistema de cobrança da conta da água. Foi fixado o preço mais baixo pelo fornecimento básico aos residentes. Só se consumirem acima da quantidade estipulada nesse pacote é que pagam mais. Ou seja, um sistema onde quem poupa menos é mais penalizado. As empresas pagam mais do que os cidadãos e o preço mais alto é cobrado aos casinos e outros utilizadores de consumo em grande quantidade.

No ano passado, o GT iniciou uma pesquisa exaustiva sobre os ganhos obtidos com a reciclagem. Visitou Japão, Austrália e Singapura, para ver de perto o trabalho na área desenvolvido por estas nações. Uma companhia

deste último país, a CPG Consultants Pte Ltd, foi contratada para fazer pesquisa em Macau. “Singapura lidera esta área na Ásia”, explica Wong. “Define a água reciclada como ‘água nova’, colocando-a num patamar mais elevado do que a própria água para beber. Cerca de 30 por cento é usada na indústria, incluindo na área dos semicondutores. Os níveis de poupança são enormes.” O GT recorreu à pesquisa efectuada pela CPG Consultants Pte Ltd para elaborar o plano apresentado em Janeiro.

PROJECTO DE UMA DÉCADA

O plano do GT implica um investimento de 500 a 600 milhões de patacas, a maior parte para custear as duas unidades de reciclagem de água. A primeira será construída em Coloane e terá uma produção diária de 12 mil metros cúbicos, a partir de 2015. Esta água irá fornecer a área de habitação pública em Sec Pai Van e o novo campus da Universidade de Macau,

na Ilha da Montanha. Todas as casas em Sec Pai Van estarão equipadas com canalizações para água reciclada, distinguindo-se pela sua cor púrpura. “Os sistemas de água reciclada e doce são separados, sem qualquer ligação”, garantiu Wong. “A água reciclada será só para autoclismos, jardins e fontes ornamentais, nunca para beber.”

Como a água vinda das estações de tratamento precisa de canalização própria, este sistema não pode ser usado nas áreas residenciais já existentes. Só em novas propriedades. O que não é pouco, porque incluem casinos gigantescos a erguer na Taipa e os prédios que serão feitos nos 350 hectares de terra que Macau vai tirar ao mar na próxima década.

A segunda unidade de reciclagem está prevista para entre 2020 e 2022, na Península de Macau. A sua produção diária foi calculada em 40 mil metros cúbicos de água tratada, para fornecer prédios na área da Península e no norte da Taipa. Esta estação poderá ficar numa das zonas de novo aterro.

Com a conclusão das duas estações, o GT prevê que a água reciclada cubra dez por cento do consumo total, em 2022. “Faremos leis e regulamentos que obriguem os construtores civis a instalar os equipamentos para a água reciclada nos seus projectos. Não é sequer um grande investimento. Estamos em contacto com eles, a protecção ambiental beneficia-os, assim como às suas marcas.”

O Governo espera completar até ao fim do ano um estatuto para regular o serviço de fornecimento de água reciclada. No ano seguinte, será feito um concurso público. O futuro operador obterá os seus lucros a partir da venda do serviço a residentes, empresas e Governo. O GT será responsável pelo fornecimento da água reciclada, enquanto a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental zela pela sua preparação.

O novo plano para a poupança de água implica um investimento de 500 a 600 milhões de patacas, a maior parte para custear duas unidades de reciclagem de água. A primeira será construída em Coloane e terá uma produção diária de 12 mil metros cúbicos, a partir de 2015. A segunda unidade está prevista para entre 2020 e 2022, na península de Macau

BOA RESPOSTA

A líder do GT considera que a resposta do público ao sistema de preços da água lançado no dia 1 de Janeiro de 2011 foi favorável. “Nos últimos dois anos, o consumo dos utilizadores domésticos desceu um por cento. O consumo médio diário em Macau é de 150 metros cúbicos por pessoa, o mesmo de Singapura e abaixo dos 180 em Hong Kong. Em Singapura, o objectivo é descer para 140.”

Os idosos são mais frugais no uso da água do que os seus netos adolescentes, que gastam duas a três vezes mais, porque não sentem necessidade de poupar. A redução do consumo não foi similar nas empresas. “Não houve oposição aos preços mais altos, porque a água ainda ocupa um lugar muito pequeno nas despesas que os empresários têm.”

O GT convidou responsáveis dos 30 maiores hotéis da cidade e mostrou-lhes equipamentos de poupança de água para chuveiros, sanitas e outras aplicações. “Envolve um gasto inicial para o hotel, mas traz uma poupança de consumo na ordem dos 30 a 40 por cento. É um bom investimento.”

Quatro dos hotéis – Venetian, Melco Crown, Westin Resort e Grand Lapa – instalaram equipamentos de poupança de água nos chuveiros, equiparam as sanitas com sistemas inteligentes de descarga de autoclismo e instalaram torneiras com auto-sensores, que limitam o fluxo. Usam a água das piscinas para os autoclismos e construíram torres para recolha de água da chuva, com que regam os jardins. Também lançaram campanhas internas para sensibilizarem os seus empregados a poupar.

Desde que aplicou estas medidas, o Venetian poupou 342 milhões de metros cúbicos de água, quantidade que daria para encher 120 piscinas olímpicas. “Os hotéis são grandes apoiantes do nosso plano, em especial os mais recentes”, revela Wong. “Têm as competências necessárias. Alguns instalam mesmo medidores do consumo de água em diferentes secções do hotel, para ver quem gasta menos, encorajando assim o pessoal a poupar. É bom para a imagem do hotel. Nós iremos premiar quem mais se destacar.”

A responsável do GT prevê uma subida anual da utilização da água de quatro a cinco por cento para os próximos dez anos em Macau. Entre os grupos de consumidores individuais, o maior é o dos turistas que chegam à RAEM. Só no ano passado vieram 28 milhões, dos quais 25 milhões eram do Continente, de Hong Kong e de Taiwan. Wong diz que é complicado sensibilizar os turistas. “Temos publicidade nos pontos de entrada em Macau – pósteres, filmes e postais –, explicando a importância de poupar água. Contudo, desconhecemos o seu grau de eficácia. Não é fácil mudar hábitos de um dia para o outro.”

EM NEGOCIAÇÕES

Macau compra água à China segundo o Acordo de Fornecimento de Água, pagando 2,07 patacas por metro cúbico. Segundo esse acordo, o preço deve ser ajustado a cada três anos. O ano de 2013 marca o fim de mais um triénio, por isso o GT irá negociar o novo acordo, para o período 2014-2016.

O preço é estabelecido tendo em consideração vários índices, incluindo o preço para o consumidor e os preços da água e da electricidade no interior do País. “Antevejo um aumento de cerca de 15 por cento no próximo contrato”, diz Wong.

Após receber a água vinda do Continente, as unidades sob supervisão da Sociedade de Abastecimento de Águas de Macau processam-na, antes de distribuí-la pelos consumidores locais. Estes não pagam o valor real da água, porque o Governo suporta um subsídio.

No ano passado, atingiu 1,25 patacas por metro cúbico,

correspondendo a 95 milhões de patacas gastos em 2012 por esta razão. Wong revela que esta política é para manter e que, com o esperado aumento do preço em 2014-2016, o subsídio governamental também deve crescer. O GT quer estabelecer o preço da água reciclada a 85 por cento da água potável, para estimular o seu consumo.

Porém, também não quer que o seu preço seja muito baixo, para que os consumidores entendam que se trata de um valioso activo. O plano do GT pretende ajudar Macau a ser uma cidade mais verde e a população mais consciente da importância da água, um recurso imprescindível no seu dia-dia. ●





APRENDER COM O QUE ESTÁ A MUDAR

Wang Xiaokang, presidente de um grupo chinês de topo de protecção ambiental e membro da comissão de recursos e meio ambiente do Comité Nacional da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, passou por Macau no mês de Março para partilhar o que de melhor o País tem feito em prol de atitudes amigas do ambiente. A principal lição a tirar é que nenhum Governo sozinho consegue mudar décadas de maus tratos ambientais. É preciso uma acção conjunta de todas as forças sociais para quebrar este círculo vicioso

Texto **Cecília Lin** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

Magnata, presidente do *China Energy Conservation and Environmental Protection Consulting Co.* (CECEP-Consulting) e membro da comissão de recursos e meio ambiente do Comité Nacional da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, Wang Xiaokang foi uma das presenças mais notáveis na última edição do Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental de Macau 2013 (MIECF, na sigla inglesa), que decorreu entre os dias 22 e 24 de Março.

Wang veio com a missão de partilhar os avanços que a República Popular da China tem feito em prol da melhoria do meio ambiente, mas para começar informou-se sobre o caminho que a RAEM tem seguido. “Passamos um dia a analisar as actuais políticas ambientais implementadas pelo Governo de Macau e, juntamente com a

minha equipa técnica, visitamos as obras da estação ecológica, verificamos como têm sido feitos os tratamentos dos esgotos e do lixo e que medidas concretas já estão em acção”, referiu o especialista, considerado um dos pioneiros na área de protecção ambiental na China.

Wang acredita que pode ajudar Macau a tornar-se uma cidade mais verde e amiga do ambiente, mas reconhece que a tarefa não é fácil à partida. “A minha empresa está completamente à disposição do Governo da RAEM para ajudar no que for preciso. Tive um encontro com o chefe do Executivo, Chui Sai On, e referi que estou disposto a limpar Macau.” O especialista sublinha que não é fácil conseguir equilibrar o crescimento económico de uma cidade ou país com medidas ecológicas e que a China enfrenta o mesmo dilema: desenvolvimento versus meio ambiente.





PROPOSTAS PARA MACAU

Com menos de 30 quilómetros quadrados de área e uma população de mais de 580 mil pessoas – o que faz de Macau a cidade do mundo com a maior densidade populacional –, a cidade enfrenta desafios muito concretos para elevar a qualidade de vida dos residentes em termos de medidas de conservação energética e ambiental. “Macau tem de aprender a trilhar um caminho rumo ao desenvolvimento sustentável sem afectar o seu património histórico e a sua indústria turística. É um grande desafio.”

O Gabinete para o Desenvolvimento do Sector Energético e a CECEP-Consulting de Wang assinaram um Acordo de Intenções de Cooperação, com vista ao lançamento de estudos de cooperação no âmbito de projectos relacionados com as novas energias e as tecnologias de conservação energética. Na perspectiva do desenvolvimento socioeconómico sustentável de Macau, a par da garantia do fornecimento de energias tradicionais, a exploração e aproveitamento de novas energias e de tecnologias de conservação energética revelam-se essenciais a curto prazo. Para isso, o Governo de Macau e a CECEP-Consulting avançaram para um protocolo de intercâmbio,

com o objectivo de promover a cooperação entre a China e a RAEM.

As principais intenções de cooperação incluem, por exemplo, o desenvolvimento de planos, investigação, seminários e a realização de outras actividades no âmbito do desenvolvimento das novas energias e da conservação energética. O passo seguinte é a conclusão de um estudo por parte da CECEP-Consulting sobre aquilo que pode ser feito em Macau com base nas suas características económicas e naturais.

A CECEP-Consulting é uma subsidiária do *China Energy Conservation and Environmental Protection Group*, a principal empresa do sector de conservação energética e protecção ambiental da China especializada em serviços de consultadoria. Ao longo dos anos, a empresa tem oferecido serviços de consultadoria no âmbito de estudos de políticas, formulação de normas e elaboração de planos de desenvolvimento, na área da conservação energética e protecção ambiental e de aplicação de novas energias. O grupo tem mais de 330 subsidiárias, cinco delas listadas em bolsa, e trabalha em todas as províncias da China, além de já ter firmado acordo com cerca de 40 países.

Com menos de 30 quilómetros quadrados de área e uma população de mais de 580 mil pessoas – o que faz de Macau a cidade do mundo com a maior densidade populacional -, a cidade enfrenta desafios muito concretos para elevar a qualidade de vida dos residentes em termos de medidas de conservação energética e ambiental

COMPROMISSO A DOIS

Wang acredita que o Governo da RAEM está a pôr todos os seus esforços em reverter a situação ambiental da cidade e prova disso, segundo constatou nas reuniões que teve com altas autoridades locais, são os avultados investimentos que têm sido feitos para o Fundo de Protecção Ambiental. Mas só dinheiro não basta, de acordo com o especialista. “Macau tem um desafio muito grande pela frente. É claro que não é fácil alterar o panorama ambiental de um momento para o outro. Os primeiros passos já foram dados e estamos confiantes de que esta nova parceria com a CECEP-Consulting vai beneficiar em muito a população. Os resultados, porém, só irão ser sentidos a longo prazo.”

O especialista disse que os recursos financeiros da RAEM são a chave para se alterar drasticamente as políticas ambientais, porque acredita que serão necessários ainda mais investimentos para tornar a cidade mais verde. “Macau tem praticamente o PIB per capita mais elevado da Ásia. O que falta agora é ter a vontade e pôr em acção um plano de acção detalhado para testar a operacionalidade das políticas que estão no papel.”

O presidente da CECEP-Consulting enfatizou que, para fazer valer a ambição dos governos Central e da RAEM de transformar Macau num centro internacional de turismo e lazer, um plano ecológico de ponta tem de ser o caminho a percorrer. Para Wang, crescimento também é sinónimo de sustentabilidade. “A RAEM tem todos os recursos financeiros para pôr em marcha

o plano mais exigente possível. Com tantas novas construções a florescerem no território, é essencial investir imediatamente em novas alternativas energéticas. É agora ou nunca, já que depois dos novos edifícios estarem concluídos, torna-se mais difícil fazer um novo investimento para transformá-los amigos do ambiente.”

A poluição do ar é um dos pontos que mais chamaram a atenção de Wang durante a sua estada na cidade. O especialista apontou que o plano de conservação energética e ambiental deve levar em conta o trabalho conjunto de vários departamentos públicos, para que os esforços não caiam em saco roto. “Não conseguiremos ver os resultados plenos em cinco ou seis anos. Macau precisa de pelo menos uma década para reverter a sua situação ambiental. Provavelmente, só daqui a 20 anos poderemos considerar a cidade um lugar completamente amigo do ambiente.” Mais concretamente, a CECEP-Consulting espera desenvolver acções concretas no controlo da poluição atmosférica, tratamento de resíduos hospitalares e industriais, eficiência energética e tratamento do lixo. Reciclar é um dos pontos-chaves, para além de investimentos avultados numa rede eficiente de transportes públicos.

PORTA PARA A LUSOFONIA

O novo acordo que agora se firma com Macau representa para a CECEP-Consulting uma oportunidade também de explorar novos mercados e incluir novos desafios no seu portfólio. A empresa do Continente espera explorar as potencialidades de Macau no que toca à sua conexão aos países de língua portuguesa. Wang reconhece que há um mercado muito grande a explorar e está para já a concentrar-se em Moçambique.

A CECEP-Consulting está a operar já em Maputo através de uma parceria com uma empresa africana, mas quer mais. Angola está sob a mira, enquanto que o Brasil está no topo das suas prioridades. “São países em desenvolvimento que estão no momento ideal para investir em políticas sustentáveis. Este acordo com Macau abre-nos muitas portas para entrarmos nesse grande mercado da lusofonia.” ●

DIAS DE PROSPERIDADE

São muitos séculos de história para ter a presunção que o dinheiro não traz prosperidade. Traz sim. Mas a prosperidade tem outros caminhos, que nem sempre passam pela riqueza material. Em Macau, longe dos negócios, dos casinos e da política existem um pescador que voltou à terra, um casal que procura ser feliz e um campeão nacional de lançamento de dardo. Estas são as outras faces da prosperidade

Texto **Catarina Domingues** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



Acontecia logo nesses primeiros minutos, quando o barco, um daqueles grandes, chegava ao porto. Ainda os passageiros tardavam no convés, à espera que quem de competência fizesse fundear a embarcação, e já os pescadores tinham estacionado as sampanas a jeito. Lá em baixo, à volta desse grande barco, os pescadores equilibravam-se no fundo chato da sampana, esticavam a mão e gritavam por dinheiro. Sem qualquer contacto físico, os visitantes lançavam moedas miúdas à água. E os pescadores mergulhavam.

Acontecia ainda em 1950 em Macau e Hong Kong. “Os pescadores gritavam *gum sa*, uma corrupção do termo inglês *come shore* (vir para a costa). Mas a forma como se pronuncia em cantonês é muito parecida a *gam sa*, que significa areia dourada. O termo era utilizado para pedir dinheiro”, explica Vincent Ho, historiador e professor na Universidade de Macau.

Os pescadores nasciam, cresciam, casavam e morriam no mar. Eram a classe mais baixa da estratificação social e alvo de preconceito. Diziam ser os “verdadeiros dragões do mar e vermes miseráveis em terra” e para eles a ideia de riqueza não passava de uma fabulação. Fixar-se em terra era sinal de que tinham prosperado, diz Vincent Ho. “Sinal de que estavam bem na vida e que podiam transferir essa identidade de pobreza para uma pessoa de posses.”

No caso da família Cheong, apenas esta geração cortou com uma tradição de séculos em alto-mar.

O HOMEM E O MAR

Senta-se para não perder o equilíbrio, assim como quem ainda não perdeu as graças ao mar. Sessenta anos de pesca não se esquecem sem mais nem menos. Cheong Sun Kuang, 89 anos, está em terra há 20.

Fez o que fizeram os pais, o que fizeram os avós. Logo cedo habituou as mãos às redes, o corpo ao barco de uma vida, nove metros de comprimento por quatro de largura. Casou-se com uma pescadora e teve três filhos, todos homens pescadores. A vida era essa. E era muita. Dias passados em alto-mar. Deste lado, apressava-se a vender o peixe entre os estaleiros do Porto Interior. “Éramos muito pobres. Se pudéssemos escolher, mudávamos de vida.”



* Cheong Sun Kuang

“Eu concretizei o meu sonho. Tenho uma casa na Travessa de Chan Loc, aqui no Porto Interior. Todas as manhãs vou comer *dim sum* e passear com os meus amigos no parque”

Nas noites de vigília, ouvia os peixes chorar, “há um período do dia em que eles choram”. Mas nem isso tranquilizava o homem e o mar. “Tínhamos medo dos piratas, eram cruéis, saltavam para o barco, ameaçavam com facas e levavam tudo”. O mar era um repositório gigante de imprevistos e por mais que o povo acredite que a água e o peixe são sinais de riqueza, Cheong nunca engrandeceu da pesca nem encontrou tesouros por aquelas profundezas.

Agora os tempos são outros e de outros, daqueles que controlam a pesca. “Hoje há segurança e só se dedicam à actividade aqueles que têm bom equipamento”, diz Cheong.

A riqueza está nos netos, que foram à escola e trabalham como electricistas. A prosperidade de Cheong está em terra. “Eu concretizei o meu sonho. Tenho uma casa na Travessa de Chan Loc, aqui no Porto Interior. Todas as manhãs vou comer *dim sum* e passear com os meus amigos no parque.”

O anel de jade até podia ter contribuído para a sorte. Mas não, “não é um amuleto, é apenas decoração”.



* Loja de Esculturas de Imagens de Buda e Objectos de Madeira Tai Cheong

A CARGO DOS DEUSES

Lá longe da costa eram os deuses que olhavam pelas gentes do mar. As embarcações de pesca levavam na popa pequenos oratórios com imagens esculpidas para os ritos de devoção. O analfabetismo entre os pescadores fazia com que as tradicionais tábuas inscritas fossem substituídas por pequenas esculturas de madeira. Aos deuses era pedida saúde, segurança e riqueza.

Estimulados pela crença popular dos pescadores, os artífices de ídolos sagrados começaram a prosperar em Macau. No início do século XX, só na Rua da Madeira abriram mais de uma dezena de negócios. A Loja de Esculturas de Imagens de Buda e Objectos de Madeira Tai Cheong tem mais de 100 anos e é o mais antigo dos estabelecimentos. “Era comum

esculpirmos uma tábua com nove deuses para os pescadores colocarem no barco. Fazíamos em formato pequeno, adequado ao tamanho das embarcações”, relembra Tsang Tak Hang, responsável pelo espaço.

A partir de 1950, com o desenvolvimento económico de Macau e a industrialização do sector, o negócio da pesca tradicional atrofiou e na Rua da Madeira sobreviveram apenas duas lojas. A equipa de artífices de Tsang Tak Hang teve de dar outro uso às madeiras de cânfora e de teca, às lacas especiais e folhas de ouro. “Começámos a fazer esculturas para templos e também para outro tipo de clientes.” Aqueles que aqui vêm e acreditam no poder de divindades como a Deusa da Misericórdia ou o Deus da Riqueza, chegam a pagar 30 mil patacas por uma escultura.



A partir de 1950, com o desenvolvimento económico de Macau e a industrialização do sector, o negócio da pesca tradicional atrofiou e na Rua da Madeira sobreviveram apenas duas lojas

DESEJO TRANSFORMADO EM OBJECTO

Quase todos os noivos de Macau passam por aqui, pelo número 18 da Rua da Tercena, a loja Cocos Chao Io Kei. É assim há muitos anos. Um par de cocos para a família dele, outro para a dela. Pelo menos desde que o senhor Chao se lembra de ser gente. Ele e a mulher preparam os cocos e inscrevem, a tinta vermelha, o símbolo da dupla felicidade (喜喜). “Em chinês a palavra coco diz-se *yezi*, e pronuncia-se da mesma forma que as palavras avô e criança. Por isso é um fruto auspicioso, representa uma família grande e feliz”, explica a senhora Tung.

Foi também por aqui que Karen Chan e Perkin Lau começaram. Apesar de cristãos, optaram por um casamento misto. “Sou a única filha que manteve a tradição chinesa”, diz Karen.

O coco faz parte de um grupo de objectos

simbólicos que se compram antes do casamento. Depois vem o ábaco, para fazerem contas à vida, e ainda uma escova de cabelo e um espelho. A beleza deve ser eterna.

O dia do casamento é feito de símbolos que trazem sorte, muitos filhos e muito dinheiro. Perkin começou o dia com promessas registadas em papel vermelho. “Prometi amá-la, beijá-la diariamente, dar-lhe todo o dinheiro, fazer uma viagem por ano. Prometi muita coisa.”

Nessa manhã, em casa de Karen tudo é vermelho e tudo é dourado, cores auspiciosas. Na cerimónia de chá, oferece-se aos pais uma infusão de tâmaras e sementes de lótus, que representam fertilidade. No caso de Karen, o primeiro vestido era branco de véu e grinalda, o segundo de cor vermelha com bordados dourados. As pulseiras de ouro e os *laisis* -



* Loja de cocos Chao Io Kei

TRADIÇÕES CHINESAS

pequenos envelopes vermelhos com dinheiro que recebem da família - vão trazer sorte e riqueza. A caminho da Igreja de Santo António carregam um guarda-sol vermelho, para proteger o casal de todos os males. Para trás, à cabeceira da família materna, ficam as esculturas a porcelana das três divindades estelares. “Representam a felicidade, a prosperidade e a longevidade, tudo aquilo que uma pessoa quer alcançar na vida”, diz Karen.

VIVER MUITOS ANOS

Seis anos depois, Perkin prometeu e cumpriu. Beija Karen diariamente, repete juras de amor e ainda há pouco fizeram mais uma viagem à Europa. Só a parte do dinheiro é que não é bem assim. “Para nós o dinheiro não é o mais importante.” Também para eles, ainda jovens, os tempos e as vontades são outras. “Agora as pessoas só pensam em dinheiro e em vestir roupas de marca, é tudo muito superficial”, diz Karen. “Se fizerem a festa de casamento num restaurante de três ou quatro estrelas não se sentem respeitadas.”

Perkin e Karen acreditam que para se ser próspero é preciso ser feliz. Para se ser feliz é preciso viver muitos anos. E é fácil imaginar o casal, lá longe no tempo, ainda entre estas paredes, tons esverdeados, ainda sentados neste mesmo sofá na Rua de Coimbra, na Taipa, onde moram.

SER-SE RESPEITADO

Quando Ning Ziheng nasceu, a cidade de Hezhou era ainda um registo tímido nos mapas da Região Autónoma de Guangxi. Nesses anos 1960, os pais de Ning trabalhavam numa fábrica de cerâmica. “Éramos pobres, mas a minha família sempre teve a ideia de que a educação podia mudar uma vida”, relembra agora o professor do Instituto Politécnico de Macau (IPM). Ao contrário dos colegas da primária, que abandonavam a escola para trabalhar, o destino de Ning passava pelo estudo e pelo desporto. “Um treinador levou-me para uma escola especial, onde se treinavam futuros campeões desportivos.”

A 600 quilómetros de casa, na Escola Provincial de Desporto de Nanning, especializou-se no lançamento de dardo e tornou-se, em 1980, campeão nacional da modalidade em juvenis.



Esses pedaços de memória sabem tão bem que não há como esquecer quando, em 1984, recebeu o primeiro salário como professor. “Comprei um gravador. Nessa altura era um luxo, mas eu queria aprender inglês e estudar lá fora.”

Ao longo da carreira ajudou sempre a família. E os outros, tinha de ajudar os outros. E por isso dedicou-se à educação. “Quería apoiar os jovens para que conseguissem algo da vida.”

Foi como professor que chegou a Macau em 1994. Dessa primeira vez ficou três anos. “Precisavam de um professor que falasse inglês e na faculdade, onde eu trabalhava em Cantão, não havia ninguém.” Só no ano da transição regressou ao IPM, onde trabalha até hoje como professor de Biomecânica no Desporto e de Aprendizagem e Controlo Motor. Do doutoramento, que entretanto realizou em



* Ning Ziheng

Portugal, ganhou o gosto pelo golfe e pelo ensino da modalidade. Aos títulos de Nanning, junta agora outros quantos de golfe. Essa é verdadeira riqueza da vida, “ter um trabalho que também é um passatempo”.

Para Ning Ziheng a prosperidade não está ligada à riqueza. “Para mim só faz sentido falar de prosperidade moral. Ser respeitado e dedicar o meu trabalho aos meus alunos e família.”

A DIGNIDADE DE UM CARGO

A educação tem, desde tempos antigos, um peso importante na cultura chinesa. “A educação expressava o estatuto social. Quem passava os Exames Imperiais era mais respeitado porque tinha um emprego estável. Nos tempos que correm é o mesmo, com educação arranja-se um emprego melhor”, explica o historiador Vincent Ho.

De acordo com Ana Cristina Alves, doutorada em Filosofia da Cultura Chinesa, a prosperidade só colateralmente está ligada à riqueza. “Rezava-se e reza-se à Divindade da Prosperidade para a obtenção de um bom cargo, que possa dignificar a pessoa que o possui.”

Ana Cristina Alves acredita que o mais importante para um chinês é a dignidade. “Importante é poder estar na vida de um modo digno, de cabeça erguida, de maneira a proteger a família e auxiliar os amigos. Ora, tal apenas se conseguia tanto na China tradicional como na actual, com um cargo que possibilite uma existência próspera e equilibrada.”

SUPERSTIÇÃO NO DESPORTO

Para prosperar no desporto é preciso treino e talento, é certo. E de levar à séria algumas



* Ana Tique com rótulos de garrafas de vinhos adaptados às superstições chinesas

superstições. Neste momento Ning Ziheng, professor de Biomecânica no Desporto e de Aprendizagem e Controlo Motor do Instituto Politécnico de Macau, está a acompanhar o trabalho de oito alunos, que estudam a superstição no desporto. No atletismo, quando se começa uma corrida “deve-se partir sempre do meio da pista, mas nunca do número quatro”. Em chinês a palavra quatro lê-se da mesma forma que a palavra morte. É um número que atrai o azar na cultura chinesa. “O melhor é optar pela pista número cinco”, revela Ning Ziheng.

SUPERSTIÇÃO NO NEGÓCIO

Ana Tique é responsável pela TopWine, uma empresa de exportação de vinhos de pequenos produtores portugueses. A empresa vende sobretudo para o mercado local, Hong Kong, China e Japão.

Tudo é pensado, desde as cores vermelhas e douradas dos rótulos até ao design. “Os chineses gostam de brasões e castelos nas garrafas, é sinal de estatuto social, de riqueza.” Além disso, “em situações promocionais os produtos têm o número oito no preço, por exemplo custam 288 ou 388 patacas”.

Na cultura chinesa, o número oito é associado à riqueza e por isso é um número auspicioso. “Recentemente numa feira em Pequim uma senhora comprou todos os nossos vinhos do ano de 2008.” ●

O PODER DA PALAVRA

Há palavras na língua chinesa que por homofonia (semelhança de sons ou de pronúncia) são auspiciosas.

Coco	椰子	yezi	爷子	avô+criança
Oito	八	bat/fat	發 Fat	riqueza
Morcego	蝙蝠	(bian) fu	福	felicidade
Peixe	魚	yu	餘	abundância
Tangerina	柑	gam	金 gam	ouro
Vaso	瓶	ping	平 píng	tranquilamente
Veado	鹿	lu	禄 Lu	emolumento

PROSPERIDADE

s. f.

1. Qualidade ou estado do que é próspero.
2. Felicidade; ventura

* Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

A RELIGIÃO E O JOGO: UMA TROCA DE FAVORES

Nos últimos anos, o número de visitantes dos templos tem vindo a subir. O historiador Vincent Ho acredita que o aumento está relacionado com a liberalização do jogo em Macau. “Onde é que estão os novos casinos? Estão no Cotai. Também são os templos da Taipa que estão mais cheios. Os jogadores vão pedir sorte ao jogo.” Ho explica que durante a Revolução Cultural muitos dos templos na China foram destruídos e por isso os locais de culto mais antigos de Macau são muito procurados. “Para um chinês, quanto mais antigo for um templo, melhor.”

A ROTA DOS SÍMBOLOS

Texto **Catarina Domingues** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

A prosperidade procura-se. Num templo, num casino ou numa joalheria. E procura-se. Numa espiral de incenso, numa árvore dourada ou num gato japonês. E encontra-se. Num número sem fim de símbolos religiosos, regras de *feng shui*, superstições e até em objectos importados. Com a ajuda do historiador Vincent Ho e do arquitecto Francisco Vizeu Pinheiro ficámos a conhecer alguns destes símbolos. Esteja atento, não vá a prosperidade passar-lhe ao lado.

ÁRVORE DA PROSPERIDADE, HOTEL-CASINO WYNN

O espectáculo da Árvore da Prosperidade realiza-se diariamente no átrio deste hotel-casino. No tecto estão representados os 12 signos do zodíaco chinês. O chão abre-se e traz à superfície uma árvore dourada, composta por 2000 ramos e 98 mil folhas revestidas a ouro, que simbolizam a prosperidade. Os espectadores atiram moedas como forma de pedir protecção e sorte.



TRADIÇÕES CHINESAS

PEIXES NO TANQUE DA FELICIDADE, TEMPLO DE LIN FONG

No livro *Macau, Coisas da Terra e do Céu*, Leonel Barros escreveu sobre este tanque. Chama-se tanque da felicidade, aqui vivem alguns cágados, que representam para os chineses o símbolo da felicidade, explicou o autor.

Hoje, 12 anos depois, já não se encontram cágados, mas peixes. Em chinês a forma como se diz a palavra peixe é parecida ao som da palavra abundância e por isso os chineses acreditam que os peixes podem atrair riqueza.





AS TRÊS DIVINDADES ESTELARES, JOALHARIA SENG FUNG

São as três divindades estelares: a felicidade, prosperidade e longevidade. “O nome destas divindades é a função de cada uma e geralmente encontram-se em casa de quem faz negócio”, diz Vincent Ho. As três divindades estão também representadas em painéis de templos ou bordadas nas coberturas dos altares. Na joalheria Seng Fung, no centro da cidade, as três divindades a ouro de 24 quilates custam 195 mil patacas.

BANCO DA CHINA, ROTUNDA FERREIRA DO AMARAL

Foi durante muitos anos o edifício mais alto da cidade, como representação do poder económico. “Uma pessoa aproxima-se e sente-se esmagada. Há uma imagem clara de força e solidez”, revela o arquitecto Vizeu Pinheiro. As edições de notas comemorativas e limitadas lançadas pela instituição bancária são sempre motivo de corrida ao banco. A revenda destas notas é comum e, se o número de série for auspicioso, o valor do negócio é ainda maior.

CITY OF DREAMS E ALTIRA, TAIPA

São edifícios icónicos pela mensagem. O arquitecto Vizeu Pinheiro explica: “O tema principal é a água, vemos cascatas e fontes. Na cultura chinesa, a água está associada ao dinheiro, à fluidez”. O historiador Vincent Ho realça que, “em chinês, se uma pessoa tem dinheiro, está cheia de água”. “Se eu não tiver dinheiro posso dizer que o meu bolso está seco.” Quanto às cascatas de água, o historiador sublinha que representam dinheiro vindo do céu.



TRADIÇÕES CHINESAS



JANELA VERMELHA, TEMPLO DE SAM PO

A cor vermelha da moldura desta janela “é obtida através da oxidação de um tipo de metal específico. É muito raro ver-se em Macau e não foi feito assim por acaso”, explica Vincent Ho. Na cultura chinesa, o vermelho é um símbolo de boa sorte, felicidade, e é utilizado para afastar o mal e atrair prosperidade.

MORCEGO, HOTEL LISBOA

A entrada principal do Hotel Lisboa sugere a imagem de um morcego com as asas abertas. O morcego significa sorte. Em chinês, a palavra morcego tem uma pronúncia semelhante às palavras sorte e felicidade. “Significa que vai capturar a riqueza, neste caso dentro do próprio edifício”, explica o arquitecto Vizeu Pinheiro. A imagem de morcegos encontra-se também nas fachadas das lojas de penhores ou em templos.

DEUS DA RIQUEZA, LOJA DE ESCULTURAS E IMAGENS DE BUDA E OBJECTOS DE MADEIRA TAI CHEONG, RUA DA MADEIRA

Para se ser rico há que manter as boas relações com as divindades. Em Macau, pode encontrar-se o Deus da Riqueza no mais antigo templo de Coloane, o Templo Antigo de Tin Hau. Também na loja de Tsang Tak Hang, na Rua da Madeira, produz-se, entre outras esculturas, o Deus da Riqueza. Tem longas barbas e carrega barras de ouro ou um ceptro, que simbolizam fortuna e estatuto social.





MANE KINETO, TEMPLO DE SAM POU

Mane Kineto é um gato japonês e está em todo o lado: casas particulares, lojas, restaurantes ou templos. “Apesar de ser japonês, encontra-se muito na China. As pessoas podem não conhecer o significado, mas sabem que atrai riqueza”, explica Vincent Ho. A pata levantada acena para a prosperidade, a curvada atrai o sucesso nos negócios. A moeda dourada representa riqueza e, de acordo com a inscrição 千万両, tem o valor de dez milhões de taéis (antiga unidade monetária). ●

DIVINDADE DA PROSPERIDADE (LU XING 禄星)



ANA CRISTINA ALVES

Doutorada em Filosofia da
Cultura Chinesa

A DIVINDADE ESTELAR DA PROSPERIDADE

A Divindade Estelar da Prosperidade (Lù 禄) integra-se num grupo de três, sendo as restantes a Felicidade (Fú 福) e a Longevidade (Shǒu 壽). Entre os símbolos mais utilizados para identificação destas divindades, encontramos, como se recordam: a criança associada à felicidade, mas também por homofonia ao morcego (biānfú 蝙蝠); o veado [lù 鹿 (*cervus nippon taiouanus* 梅花鹿), ainda por homofonia perfeita com o carácter Lù de emolumento ou salário (lù 禄), que constitui a Divindade da Prosperidade e Dignidade; e o ramo de pessegueiro e o pêsego representam a divindade da Longevidade. Um breve olhar sobre a

Divindade da Prosperidade indica-nos que se trata de uma figura bem apessoada, detentora de um magnífico salário, como indica o veado que se esconde por trás das suas vestes mandarínicas, além disso ostenta o chapéu e outros símbolos de mandarim. Esta é a representação mais política das três divindades, ele é a figura de estado, que se distingue, devido ao seu imenso saber e, por isso, surge em estreita conexão com a Divindade da Cultura Florescente (文昌帝君), da qual será dada, no ponto seguinte, uma breve biografia. Por agora interessa reter que para se ser bem sucedido nos exames imperiais (科舉), porta de entrada no mundo dos governantes, é preciso apelar à protecção



de uma divindade estelar específica, a da Prosperidade, que até à dinastia Song do Norte (北宋) se encontrava intimamente associada à da Cultura Florescente. Ora esta é uma estrela, que ocupa a sexta casa da Ursa Maior e como tal vai dirigir celestialmente os destinos dos arrojados terráqueos que estudam para os exames, a fim de os vencerem e de transporem o imenso fosso entre governantes e governados, garantindo com o salto um bom estatuto social, necessariamente acompanhado por um salário alto. Ficam deste modo intimamente associadas posição social e financeira, como é dado a observar em inúmeros ditos proverbiais

chineses, dos quais apenas serão citados alguns dos mais conhecidos: *Ascender a mandarim e entrar para a nobreza* (升官進爵); *ser-se submetido aos Exames Imperiais* (科舉及第); e *Alto status, grande salário* (高位重祿).

Na grande maioria dos provérbios, mérito poder e salário parecem harmonizar-se perfeitamente, uma vez que os candidatos têm de passar por exames, esforçar-se com aplicação e os mais crentes até rezarem fervorosamente; porém nalgumas expressões podemos encontrar uma crítica e denúncia a certas situações, onde salário e mérito surgem afastados, como em: *Embora sem mérito, recebe o seu emolumento* (無功受祿) ou

em: *Ainda que nada faça, tem estatuto e recompensa pecuniária* (無任之祿).

O SUPREMO SENHOR DA CULTURA FLORESCENTE (文昌帝君)

A Divindade Estelar da Prosperidade esteve confundida até a dinastia Song do Norte (北宋) com o Supremo Senhor da Cultura Florescente, tendo a partir daí assumido a identidade de Divindade Estelar da Prosperidade. Actualmente, podemos estabelecer a distinção, nomeadamente em Taiwan, entre as duas divindades, integrando-se o Senhor Supremo da Cultura Florescente num grupo conhecido por Divindades da Cultura, são elas: Confúcio (孔子公), Zhuxi (朱文公),



O Senhor Supremo da Cultura Florescente (文昌帝君) e a Divindade da Literatura e da Guerra, Guandi (關聖帝君). O Texto que apresentamos sobre o Senhor da Cultura Florescente integra-se num trabalho de investigação realizado pela autora em Taiwan em 2011, intitulado *Histórias das Religiões Taiwanesas* (pp. 220-221) O Senhor Supremo da Cultura Florescente (文昌帝君) é profundamente venerado em Taiwan, porque aqui, com em todo o mundo chinês, pais e filhos estão verdadeiramente preocupados com os estudos e os exames. O Senhor Supremo da Cultura Florescente era originariamente uma estrela protectora do destino humano e da felicidade social, que desde os tempos antigos na China está relacionada com o estudo e a pesquisa. Na altura dos exames, estudantes e seus familiares acreditam que se derem o melhor deles, o Senhor Supremo Cultura Florescente fará o resto. Por isso vão a um dos Templos da Cultura (文廟), onde esta divindade pode ser venerada. As famílias levam uma cópia do material de exame e flores de antraceno, aipo embrulhado em papel vermelho e uma lanterna brilhante para apelar ao êxito dos estudantes. Nas vilas tradicionais são empregues os mesmos ritos para celebrar o aniversário desta divindade. Os crentes reúnem-se e rezam com profunda convicção durante o período de exames. Para rogar pelo auxílio de

Cultura Florescente, recorrem a símbolos impregnados de sentido, tais como: a flor de antraceno, que representa a inteligência; o aipo, que simboliza o estudo intenso e a concentração; e a lanterna ou a vela a solicitar iluminação para os projectos futuros e em especial sucesso nos exames. A Cultura Florescente em Taiwan governa os destinos humanos e a felicidade, bem como a má sorte, a vida e a morte e claro a fama meritosa, que transcende a vida humana. Junto desta divindade, podemos observar o cavalo espiritual (祿馬神), simbolizando elevada posição social. Há um provérbio que lhe anda associado, muito utilizado quando se reza à Cultura Florescente e ao cavalo seu companheiro: «o cavalo da felicidade deve correr, à medida que se eleva na escala social. (祿馬得得跑, 官位步步升)»¹. A veneração do Senhor Supremo Cultura Florescente não é exclusiva dos círculos confucionistas. Há histórias taoístas relativas à sua humanização. Entre as várias existentes, escolheu-se aqui referir apenas duas. De acordo com a escola taoísta, a Estrela Celestial veio à terra, porque era um dos filhos do Imperador Amarelo. Dos Zhou à dinastia Yuan renasceu 917 vezes, de modo a assistir todos os esforços dos homens de cultura. Na outra história taoísta sobre a sua humanização, viveu durante a dinastia Tang, sendo um homem de cultura chamado Zhang Ya (張亞). Nasceu em Zhejiang e

foi ensinar para a Província Zitong (梓潼縣). Morreu adorado como o Senhor Supremo de Zitong (梓潼帝君), devido ao seu carácter moral e vontade de auxiliar as pessoas.

A ORIGEM CELESTIAL DO SENHOR SUPREMO CULTURA FLORESCENTE

Segundo um documento sobre o Governo Celestial do *Livro da História* (《史記.天官書》) e pelo registo da *Vontade Astronómica na Comunicação dos Hábitos Sociais* (《風俗通.天文志》), Cultura Florescente é uma das sete estrelas que compõem a Ursa Maior. Ocupa a sexta residência (também conhecida pelo nome de «Palácio do Senhor Supremo Cultura Florescente»), em frente da Estrela Kui (魁星). As divindades são denominadas pela posição oficial, com os seguintes cargos: «General Comandante-Chefe», «Segundo General», «Nobre Primeiro-Ministro», «Comandante do Centro», «Comandante da Vida» e «Comandante da Posição Social». Diz-se ainda que a sexta estrela é «Palácio da Cultura Florescente». Todas as noites cada estrela realiza o seu dever, à semelhança dos mandarins civis e militares dos tempos feudais. Pelo que fica dito, a sexta estrela, Cultura Florescente, cumpre as suas obrigações relativas

(¹) 吳冠衡 (主編) 2006 《臺北市寺廟神佛源流》 p. 104

TRADIÇÕES CHINESAS

à educação e aos exames, podendo ainda realizar outras obrigações celestiais.

根據《史記.天官書》及《風俗通.天文志》所載，言及〈文昌帝君〉就是北斗七星之中魁星前的文昌六府（即〈文昌宮〉），牠們就是〈上將〉、〈次將〉、〈貴相〉、〈司中〉、〈司命〉、與〈司祿〉之總稱。也就是說，〈文昌宮〉的六顆星，每一顆星宿都各有職司，如同封建制時代文武官員一樣。據此而論，原始的〈文昌〉六顆星非只專司教育及考試之文神而已，也各司其他的職務。²

A Divindade da Prosperidade e o Rei Wen de Zhou
Segundo a tradição chinesa a divindade da Cultura Florescente é apenas uma das possibilidades de filiação biográfica para a Divindade da Prosperidade, havendo outras filiações como aquela em que surge associada ao imortal Zhang da linhagem taoísta que concede filhos (送子張仙). Ainda que a Divindade da Prosperidade ou da Dignidade se distinga menos pela sua influência nas esferas familiar e guerreira, embora também a tenha tido nos seus diversificados registos biográficos, e mais como ministro, letrado e até figura real, como no caso do grande Rei Wen [1171-1122(周文王)], pai do rei Wu (周武王), fundador da dinastia Zhou.

(²) 董芳苑2010《台灣人的神明》pp. 86/7



E se o primeiro imperador mítico chinês, Fuxi (伏羲), foi o grande descobridor dos oito trigramas que formam o núcleo filosófico chinês³, o agrupamento dos trigramas nos sessenta e quatro hexagramas terá sido obra do rei Wen, de acordo com a história tradicional composta a partir da escola confucionista e que nos chegou aos nossos dias por meio de Feng Youlan (馮友蘭), Wilhelm e tantos outros. Estes hexagramas indicam

(³) O Céu (乾) e a Terra (坤), O fogo (離) e a Água (坎), o Vento (巽) e o Raio (震), o Lago (兌) e a Montanha (艮)

os vectores comportamentais essenciais aos descendentes do Dragão em todas as dimensões da ética à política, da ciência à religião. Se a dignidade e a posição social se obtêm por meio de um esforço intelectual intenso, a ser recompensado pela abundância de respeito e riqueza, então o caminho para a obtenção desse mesmo estatuto virá explicitado no *Clássico das Mutações* (《易經》), devendo ser-lhe dedicado algum hexagrama, onde se possa ver como procedia um letrado aspirante a protegido da Divindade da Prosperidade, de modo a ascender em dignidade e a ser incluído na classe dos mandarins.



富貴吉祥

TRADIÇÕES CHINESAS

Ele existe e chama-se o hexagrama da Ascensão (升). É composto por dois trigramas: na base, o vento (巽) suave, gentil, que ganha corpo na madeira, no topo, a terra (坤), receptiva.

A imagem da ascensão, do ponto de vista naturalista, é composta por uma planta que germina dentro da terra e se esforça com muita energia para vir ao mundo e traçar o seu caminho de crescimento e desenvolvimento na direcção vertical, tal como indica o carácter (升) também ele a trepar até atingir a plena maturidade e definhar. A ascensão tem como finalidade a obtenção de algo grande e elevado, por isso implica um trabalho de transcendência de si próprio a partir do solo em que se está enraizado.

No juízo das linhas, pode ler-se:

Ascender dá o supremo sucesso.

Há que ver um Grande Homem.

Sem medo.

A partida para Sul

Traz boa sorte

(升，元亨，用見大人，勿恤，南征吉)

Ascender é óptimo e deve ser o objectivo de qualquer pessoa de estudo, que tenha trabalhado muito para ser bem sucedido nos exames imperais. Não basta ascender um bocadinho, é preciso fazê-lo por inteiro e com grande confiança, como indica a linha de base: *A elevação completa, é uma grande fortuna* (初六：充升大吉).

Na segunda linha faz-se um apelo directo ao apoio das

divindades, naturalmente as da cultura: a confiança desenvolve-se com oferendas às divindades, sem erro (九二：孚乃利用禴). Na terceira linha somos informados o que espera esta esforçada planta: *uma entrada numa cidade vazia* (九三：升虛邑). É preciso notar que se está no final do trígama do Vento, de modo que o letrado foi acumulando energia e saber, o que lhe faculta apenas a ascensão em dignidade, sendo reconhecido como um sábio entre os sábios. O sucesso material, que proverbialmente anda associado ao estatuto, dá-se na quarta linha, com a entrada no hexagrama da Terra (坤卦), pois há uma alusão indirecta à galinha dos ovos de ouro, que habita no

Monte Qi (岐山) em Shaanxi (陝西) e, portanto, às eventuais recompensas pecuniárias: *o rei oferece-lhe Qi Shan, boa sorte. Sem erro* (六四：王用享于岐山，吉，无咎).

Do ponto de vista imagético, joga-se com várias trigramas nucleares formados a partir dos dois principais. É possível obter a partir do Vento (巽), do Lago (兌) e da Terra (坤), o Raio (震) e a Montanha (艮). Tal paisagem reúne as condições ideais para uma fortuna auspiciosa, já que a água alimenta a terra, além do mais, a firmeza da montanha, conjugada com a força criativa do raio, permite um sucesso duradouro, como nos indica a quinta linha:

A lealdade de intenções é auspiciosa, favorecendo uma



ascensão por degraus (六五：貞吉，升皆)，devendo esta ser vista como a entrada no palácio imperial e portanto a concessão do primeiro grau de mandarim (進士). A partir daqui é perigoso e pode ser fatal continuar a pretender ascender, como nos indica a sexta linha, uma vez que o próprio trígama da terra termina. Deste modo, *não há qualquer benefício no pensamento constante em ascender às cegas*. (上六：冥升，利于不思之貞)⁴. Como seria de esperar, e de acordo com a tradição filosófica do Império do Meio, há um apelo frontal ao equilíbrio e à via do meio. Logo a ascensão sociopolítica tem que ter um termo, porque os extremos não mantêm a dignidade, nem o excesso de riqueza a postura. Não surpreende pois que a Divindade da Prosperidade seja figurada apenas com um lingote de ouro na mão. Para terminar aqui fica um registo poético, à laia de resumo, sobre a acção da Divindade da Prosperidade no mundo dos antigos mandarins e actuais letrados.

(⁴) 張中奪(Zhang Zhongduo) 1995 《易經提要白話解》 205/209

A Galinha dos Ovos de Ouro e a Dignidade

No antigo Império do Meio havia uma galinha de ovos de ouro no Monte Qi em Shaanxi. Recompensava ela a nobreza e restante realza com ofertas esmeradas e muito douradas.

Estas eram chocadas e polidas ao sabor das noitadas e dos dias dos futuros mandarins, cujos parentes já dançavam ao som dos cornetins.

Os pais, esses, eram convocados por emissários imperiais, anunciando ora audiências banais, ora festividades solenes de requintes tais, comprovadas por sedas, porcelanas e iguarias, adquiridas em palácios de imortais.

Os alunos estudavam, pedindo às Divindades da Cultura, auspícios de longa dura, enquanto belas paisagens em rolos caligráficos os transportavam para outras margens. E rogavam, rogavam, às divindades de Aquém pela sorte de ir além. ●

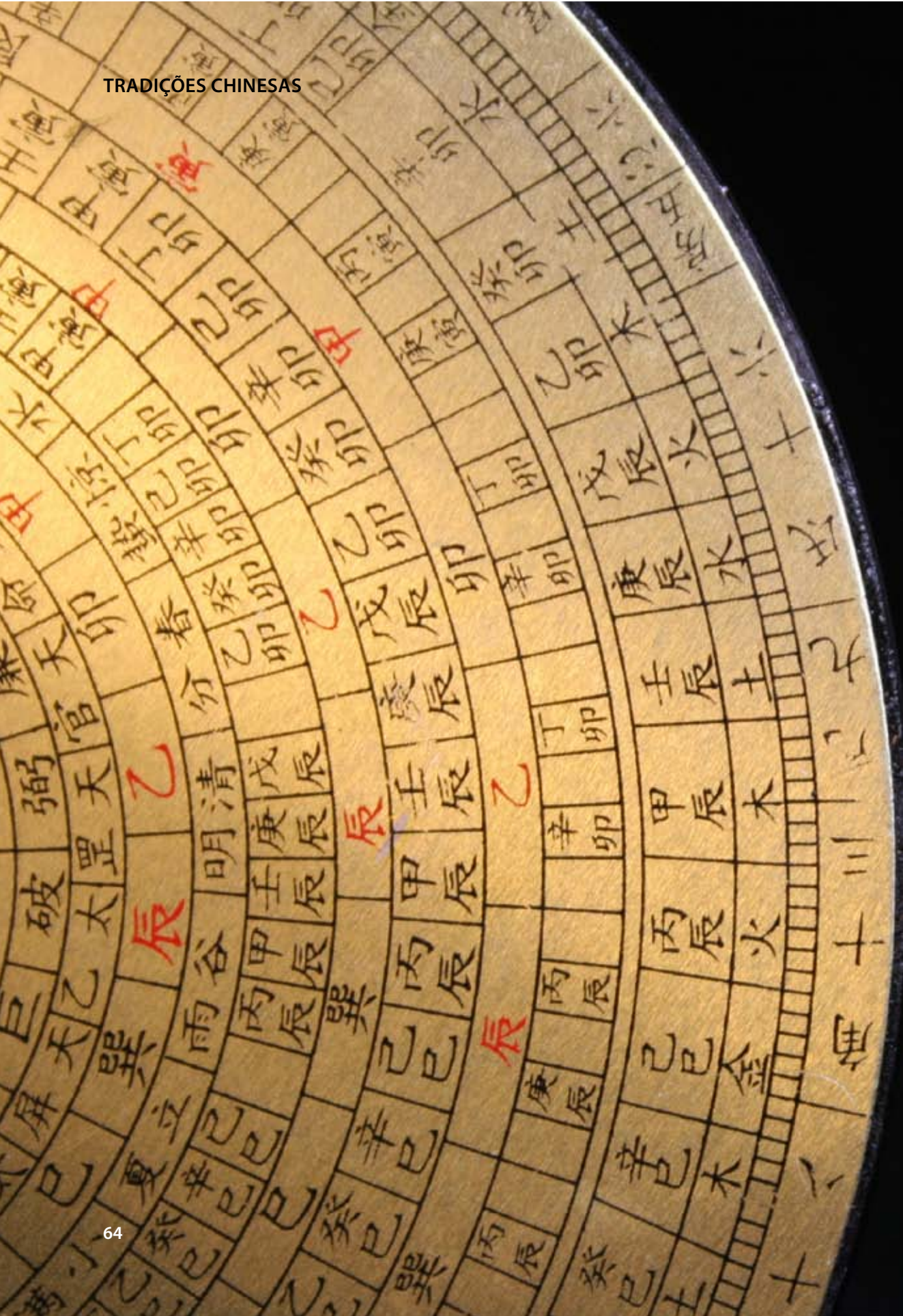
BIBLIOGRAFIA

Livros

- Alves, Ana Cristina. 2004 Representações do Feminino na Cultura Chinesa. A Mulher nos Discursos Filosófico, Religioso e Sociopolítico. (tese policopiada)
- Alves, Ana Cristina. 2004. Uma Viagem de Muitos Quilómetros Começa por um Passo. Macau: Cod
- Alves, Ana Cristina 2011. História das Religiões Taiwanenses (texto policopiado)
- Blofeld. 1965. The Book of Change. A New Translation of the Ancient Chinese I Ching (Yi King), with detailed Instruction for its Practical Use in Divination. London: Georg Allen & Unwin LTD
- Fung Yu-lan. 1983. A History of Chinese Philosophy, vol 1, Trad. de Derk Bodde. Princeton, Princeton University Press
- Wilhelm, Richard. 1989. I Ching or Book of Changes. Prefácio de C. G. Jung. London: Penguin Group
- 張中鐸 (ed) 1995 《易經提要白話解》 台南市：大孚

Internet

- 《祿神》 [http:// baike.baidu.com/view/24984.htm](http://baike.baidu.com/view/24984.htm)
- 《祿》 [http:// chengyu.itlearner.com/chaxun.php?q=%C2%BB&x=44&y=11](http://chengyu.itlearner.com/chaxun.php?q=%C2%BB&x=44&y=11)



FENG SHUI À PORTUGUESA

Uma história com água, terra, fogo, metal e árvore (madeira). Os entendidos já perceberam do que estamos a falar. Os leigos estão a franzir o sobrolho e a pensar que título estranho é este que escolhemos para o texto que se segue. E se falarmos em feng shui? Se nem com esta dica se acende nenhuma luz na sua cabeça, o melhor é refastelar-se no sofá e ler cada linha atentamente do conceito que virou moda em Portugal

Texto **Mónica Menezes** | Fotos **Paulo Cordeiro**, em Portugal

Quando chegou a Portugal, há pouco mais de dois anos, a francesa Sandra Mencucci deparou-se com uma situação difícil. O seu filho, de quatro anos, que sempre dormira bem, passou a ter noites agitadas. Por motivos profissionais, Sandra tinha terminado vários módulos de um curso de feng shui e decidiu renovar a casa toda para o maior bem-estar. Quando chegou ao quarto do filho e mudou a cama de posição, as alterações no sono da criança rapidamente surgiram. Acabaram as noites agitadas, voltou o sono retemperador. Os mais cépticos poderão não acreditar, poderão até achar que foi uma mera coincidência. Quem percebe de feng shui sabe bem que não. Paula Margarido, arquitecta e consultora de feng shui, não gosta de falar em dicas, mas dá umas directrizes gerais para quem anda às voltas com o quarto dos filhos. “Nos quartos das crianças

interagem actividades tão diferentes como dormir, brincar e estudar”, começa por explicar. E é por essa multiplicação de tarefas que encontrar a harmonia é mesmo o passo mais importante. A cama, por exemplo, deve ter cabeceira, estar encostada a uma parede e posicionada de modo que a criança veja quem entra no quarto. Já a secretária de estudo “deve ter vista para a porta e estar organizada” e nunca ficar virada para a parede, dado que isso pode levar à “desmotivação da criança”. No que diz respeito aos brinquedos, há uma regra básica que todos os pais vão adorar: devem ficar sempre arrumados, por isso as caixas de arrumação são as aliadas perfeitas. Por fim, a cor com que se pinta as paredes do quarto também não pode ser deixada ao acaso. “Azul ou verde claro, rosa e lilás” são os tons permitidos e o vermelho o proibido. “É uma cor demasiado estimulante”, assegura a consultora.



UM HOTEL COM CINCO ELEMENTOS

Mas não é só nas casas particulares que o feng shui é utilizado. Quando criou o Inspira Santa Marta Hotel, em Lisboa, Nicolas Roucos quis basear a decoração dos quartos nesta disciplina. Pediu aconselhamento a Alexandre Gama, conceituado consultor de feng shui em Portugal, e ao fim de quase dois anos do espaço aberto tem a certeza que fez a escolha certa. “Um hotel com tão pouco tempo que tem anualmente cerca de 70 por cento de ocupação é uma coisa quase inédita”, assegura o director geral, acrescentando: “É um verdadeiro caso de sucesso!”

Os hóspedes vindos principalmente do mercado francês, alemão, brasileiro e norte-americano gostam do conceito e ficam curiosos em querer aprender mais. Logo à chegada, na recepção, é feito um cálculo para se descobrir qual o elemento dos hóspedes. E é depois disso, que o quarto é escolhido. Mais ou menos com a mesma disposição, as cores e os materiais dos quartos é que variam. Os do elemento Terra têm chão em cortiça, os Metal têm flores cinzentas

na parede, os Água são todos em tons azuis, os Árvore (elemento também conhecido, na língua portuguesa, como Madeira) têm o verde como cor base e os Fogo têm uma decoração quase psicadélica. Segundo Sandra Mencucci, assistente de marketing do hotel, o que tem mais saída é o Terra e o que tem menos é o do elemento Fogo, isto se os hóspedes não estão em lua-de-mel. “É um quarto que incendeia qualquer paixão”, diz, divertida.

E se tudo foi feito sob o aconselhamento do consultor de feng shui, quem trabalha no Inspira Santa Marta tem a obrigação de conhecer esta disciplina. “Antes do hotel abrir tivemos todos seis módulos de feng shui. Não fazia sentido ser de outra forma. Como poderíamos trabalhar num sítio com determinadas características e depois não perceber nada do assunto?”, questiona-se Nicolas Roucos. Entusiasmado com o que aprendeu, Nicolas não pôs os conhecimentos em prática apenas no hotel que dirige, mas também na casa onde vive. “Acabei por remodelar algumas coisas na minha casa, claro. O feng shui faz todo o sentido.”



FENG SHUI NO TRABALHO

Os portugueses acreditam cada vez mais no feng shui, por isso não é de admirar que Alexandre Gama tenha uma agenda quase a rebotar pelas costuras com pedidos de aconselhamento. A crise financeira que o país atravessa pode deixar uma ou outra hora livre a este consultor, mas também foi a crise que lhe trouxe pedidos cada vez mais de teor empresarial e não particular.

“Uma senhora uma vez contratou-me porque era dona de uma empresa que ia mudar de instalações. Eram 15 funcionárias, todas mulheres, e a dona disse que não tinha o perfil de tirana para escolher o lugar para cada uma”, conta. Em conjunto com a proprietária da empresa, dividiram o espaço por departamentos na linha de trajectória normal para aquela área e, para além disso, viram a energia e a função de cada pessoa. No fim, juntaram as pessoas pela sua complementaridade e funções. “Fiz-lhes uma apresentação oral na qual não só expliquei todo o projecto da empresa e tipo de decoração que tinha sido feita, como também porque é que cada uma estava no seu gabinete. Foi pacífico e até engraçado”, assegura Alexandre. E nem a empregada que se insurgiu contra o lugar em que ficou estragou a tranquilidade. “Quando eu cheguei, houve logo uma senhora que me disse ‘Tem que me explicar bem porque me pôs lá no canto, até parece que estou de castigo.’ Depois de eu ter feito a explicação ela veio falar comigo e agradeceu-me porque já percebia porque estava ali e sentia que estava no sítio certo.”

O QUE É O FENG SHUI?

É Paula Margarido quem nos explica esta disciplina que surgiu na China há pelo menos 4000 anos e que significa, literalmente, “vento e água.” “O feng shui estuda a influência do espaço no nosso bem-estar, a forma como os locais onde vivemos e trabalhamos se reflectem no modo como nos sentimos”, conta. A arquitecta e consultora explica ainda que a “energia existente nas nossas casas é frequentemente um reflexo do nosso estilo de vida e estado de alma”. É através da análise dessa mesma energia que se torna possível avaliar e propor as correcções necessárias para “solucionar ou melhorar a habitabilidade, os problemas de saúde, financeiros, emocionais ou profissionais”.



TRADIÇÕES CHINESAS

E este projecto não foi caso único. Há cada vez mais comerciantes a pedir ajuda a Alexandre, a quererem saber como podem através das cores ou da disposição dos móveis ou objectos que têm nas lojas melhorar o negócio e angariar mais clientes. Neste rol de pedidos, há dois que marcaram o consultor: a dona de uma banca de peixe e a músico que pediu ajuda na produção do novo disco. No primeiro caso, Alexandre não tem muitos pormenores para contar – “A senhora pediu-me o máximo sigilo, só posso dizer que é num mercado municipal de Lisboa.” Com a música, já há mais para revelar. “Foi uma pessoa a quem fiz o feng shui da casa e ela gostou muito desse meu trabalho. Perguntou-me se podíamos usar o feng shui na música e eu disse sim, claro”, lembra. Mas como? “Através do ciclo do movimento mais flutuante da água, depois o pico da árvore a subir, a seguir a explosão do fogo, o acalmar da terra e por fim a concentração do metal”, explica Alexandre. Luísa Amaro fez as escolhas das músicas seguindo esse ritmo “que ficou mais harmonioso do que estar a escolher músicas à solta”. E, mais uma vez para os mais cépticos, fica a informação que o disco “farta-se de vender e o trabalho dela é muito valorizado”.



“Hoje em dia os portugueses já assimilaram o feng shui e é assim de tal maneira que uma pessoa a quem dei uma consulta há três ou quatro anos, hoje em dia está a pedir-me outra. Se fosse apenas uma moda isto não acontecia. É sinal que as pessoas se apercebem que houve melhorias na sua vida e que faz sentido”

ALEXANDRA GAMA

DE ENGENHEIRO ZOOTÉCNICO A CONSULTOR DE FENG SHUI

Em Portugal quando se fala em feng shui fala-se em Alexandre Gama. O engenheiro zootécnico que um dia se apaixonou por esta disciplina fala com entusiasmo dessa mudança drástica na sua vida. “Eu era profundamente céptico. Tive uma educação profundamente religiosa e católica, uma educação muito tradicional, sou daquelas pessoas que têm os sacramentos todos. Só não me casei e não tenho a extrema-unção. Estive sempre habituado a ser muito cartesiano e para além disso a minha formação científica sempre me levou a ser muito pragmático, muito diferente destas áreas com que se trabalha o fluxo da energia. Para mim foi uma revelação autêntica”, recorda.

A paixão foi tão grande que a seguir à leitura do primeiro livro, seguiu-se a compra de mais meia dúzia de exemplares sobre o assunto. Resultado: uma confusão enorme dentro da cabeça e a certeza que era preciso estudar a sério sobre o assunto.

Fez o curso no Instituto Macrobiótico de Portugal e hoje, quem o ouve falar, percebe que o feng shui é a sua vida. “Como existem vários caminhos, primeiro temos que entender qual a base do feng shui, quais são os fundamentos e depois com eles podemos ter várias formas de trabalhar”, explica. E que fundamentos são esses? “O entendimento do fluxo de energia que pode ser caracterizado pelo ying e pelo yang [forças que se complementam e que pela comparação são opostas – luz/ sombra; pobre/rico], e as cinco transformações que são as cinco formas da energia se movimentar: água, árvore, terra, metal e fogo.”

Apesar dos termos mais complexos, os portugueses estão, segundo Alexandre, completamente abertos ao feng shui. Por isso, sucedem-se pedidos de consultas. “Neste momento as consultas que eu faço para um apartamento de um, dois ou três quartos demoram cerca de duas horas e custam 125 euros”, conta.

O cliente tem antes de fornecer uma fotocópia da planta da casa, a data de nascimento das pessoas que lá vivem e têm de fazer uma visita guiada à casa. Depois, Alexandre faz uma avaliação sob a planta. “Lembro-me da visita que fiz e da posição de móveis que precisa ser corrigida, se for preciso vamos à divisão da casa ver in loco

o que deve ser corrigido. Nessas duas horas a pessoa fica com o levantamento feito na própria planta escrita por mim e fica com uma listagem de recomendações. Às vezes, há casas com áreas iguais e a pessoa pode trocar um quarto com um escritório. O tipo de cores, o tipo de materiais, aqui precisa de ter uma planta viva, aqui precisa de estátua, o quarto tem demasiadas coisas e não consegue dormir descansado...”

Alexandra Gama assegura que o feng shui já não é só uma moda para os portugueses. “Hoje em dia os portugueses já assimilaram o feng shui e é assim de tal maneira que uma pessoa a quem dei uma consulta há três ou quatro anos, hoje em dia está a pedir-me outra. Se fosse apenas uma moda isto não acontecia. É sinal que as pessoas se apercebem que houve melhorias na sua vida e que faz sentido.”

O que este consultor mais quer é que os portugueses, acreditem no feng shui ou não, se apercebam desta máxima: “Nós somos seres biológicos que fazemos parte da natureza, esse é o princípio base de toda esta filosofia. Não somos o homem que domina a natureza – embora bem o tentamos, só fazemos asneiras com isso. Temos que nos lembrar que somos mais um elemento que faz parte da natureza e que as nossas referências de conforto têm a ver com a natureza.”





O QUE PODE JÁ FAZER NA SUA CASA

É a mostrar cada canto da sua casa que Paula Margarido vai dizendo alguma das coisas que qualquer pessoa pode ter ou fazer em casa e, assim, melhorar a sua vida

- No quarto do casal os objectos devem ser aos pares, ou seja, duas mesas-de-cabeceira e de preferência iguais, dois quadros, duas velas. Também nesta divisão da casa devem estar fotos, mas apenas do casal, de momentos felizes que viveram juntos e nunca dos filhos

- Não se deve ter pratos lascados, nem torneiras a pingar, lâmpadas fundidas ou electrodomésticos que não funcionam

- Nunca ter um espelho em frente à porta da entrada porque tanto leva de volta as más energias como também as boas

- Ter um lírio da paz dado que é a melhor planta para reciclar o ar

- Na cozinha é sempre importante ter uma planta para harmonizar as energias água e fogo

- Não ter em casa um quarto das tralhas ●

ELEMENTOS ESSENCIAIS



TREPADEIRAS

Para neutralizar o efeito negativo de vigas ou colunas.



SAPO

Coloque-o na entrada da sua casa para atrair



AQUÁRIO

Simboliza fortuna, sucesso, prosperidade e movimento



SINO DOS VENTOS

Renova a energia



ESPELHO

Reflete fartura, mas nunca à entrada



ESCULTURAS E OBRAS DE ARTE

Boas vibrações



VASOS COM FLORES NATURAIS

Fortuna e saúde



MESA REDONDA

Representação da sorte vinda do céu



10 ANOS DE FÓRUM MACAU

A PONTE PARA TODOS OS CAMINHOS

Macau ganhou dimensão enquanto plataforma para os países de língua portuguesa com uma instituição valorizada por todos os seus membros. O Fórum Macau comemora dez anos em Outubro, registando um aumento constante de importância e raio de acção

Texto **Nuno G. Pereira**



Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) é a sua designação oficial, mas todos lhe chamam Fórum Macau. Ou apenas “o Fórum”, como se não houvesse outro. E a verdade é que, em Macau, quando se fala do Fórum já se sabe qual é. Um reflexo da solidez de uma instituição que, em quase dez anos, passou de expectativa a certeza, cada vez mais considerada pelos seus membros: República Popular da China e os países de língua portuguesa Angola, Brasil, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Timor-Leste e Portugal. A sua definição, tal como está enunciada, é clara: “O Fórum é um mecanismo da cooperação de iniciativa oficial sem carácter político,

que tem como tema-chave a cooperação e o desenvolvimento económico e tem por objectivo reforçar a cooperação e o intercâmbio económico entre a República Popular da China e os Países de Língua Portuguesa, dinamizar o papel de Macau como plataforma de ligação a esses países e promover o desenvolvimento dos laços entre a República Popular da China, Macau e os Países de Língua Portuguesa.” Dinamizar a cooperação económica mantém-se desde a génese o seu propósito, mas os bons resultados transformaram essa ambição noutra ainda maior. Chang Hexi, secretário-geral, confirma que a acção do organismo está a estender-se para lá dos objectivos económicos. “À medida que a acção do Fórum se tem desenvolvido, todos os países querem alargar o âmbito da cooperação.”



Rita Santos, secretária-geral adjunta e coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente, está presente no Fórum desde a primeira hora, tendo por isso um acompanhamento privilegiado de todo o desenvolvimento do projecto. E do papel fundamental de Macau. “A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), sob proposta da China e dos países de língua portuguesa, conforme o Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial, albergou desde 2004 o Secretariado Permanente do Fórum. Por que razão utilizar Macau como eixo de ligação entre a grande China e os sete países de língua portuguesa que compõem o Fórum? Este desígnio do Governo Central da República Popular da China assenta sobre as particularidades de Macau, nomeadamente as ligações seculares históricas ao mundo falante de português e o bilinguismo oficial, mas não só. O que Macau oferece nesta ligação entre dois

blocos, a China e os países de língua portuguesa, vai muito mais além da história e da língua, pese embora estes dois factores serem de influência considerável para o fortalecimento e sucesso comprovados deste novo relacionamento. As vantagens de Macau como plataforma de serviços e de ligação encontram-se também na população, na economia, no sistema jurídico e na administração pública, entre muitas outras singularidades derivadas do seu estatuto.”

QUESTÃO DE ESTATUTO

A RAEM foi estabelecida em Dezembro de 1999, num acto em que a China reassumiu a plena soberania sobre Macau após séculos de administração portuguesa. De acordo com a sua Lei Básica, “possui um elevado grau de autonomia” e é “administrada pelas suas gentes”, significando que em Macau continuam a observar-se os usos e costumes locais, que marcaram a sua singular identidade.



A Lei Básica de Macau foi pensada na protecção deste legado linguístico e cultural que faz de Macau um espaço de fusão multicultural entre o mundo oriental e o mundo ocidental. Espera-se que as diferentes comunidades convivam aqui em harmonia, respeitando mutuamente as tradições orientais e ocidentais, assim como as suas raízes, comprovando a multiculturalidade da sociedade local, que oferece um ambiente propício para que todas as comunidades se sintam em casa. No artigo 42.º da Lei Básica pode ler-se : “Os interesses dos residentes de ascendência portuguesa em Macau são protegidos, nos termos da lei, pela RAEM. Os seus costumes e tradições culturais devem ser respeitados”. Por outro lado, num evidente sinal de continuidade que a China também não quis interromper, a mesma Lei Básica estipula no seu artigo 9.º que o português é língua oficial conjuntamente com o chinês.

É neste contexto que melhor se percebe o

nascimento do Fórum, já que Macau tinha condições únicas para ser uma plataforma de excelência entre a China e os países lusófonos. Na primeira Conferência Ministerial do Fórum, entre 12 e 14 de Outubro de 2003, ficaram criadas as bases de funcionamento do organismo e os propósitos que o justificam. A importância da RAEM estava também sublinhada, tal como ficou escrito no Plano de Acção para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. O Fórum “contribuirá positivamente para o desenvolvimento das relações económicas, comerciais e de investimento entre os países participantes” e reconhece “o papel de plataforma que Macau poderá desempenhar no aprofundamento dos laços económicos entre a China e os países de língua portuguesa”.

O guineense Marcelo D’Almeida, secretário-geral adjunto, diz que o Fórum e o papel da RAEM na sua dinâmica formam um projecto

lógico. Em particular pela forma como se consegue exponenciar o potencial da cultura comum que atravessa o globo. “Foi uma ideia excelente criar este espaço de convivência, sobretudo utilizando Macau. Ainda há dias, almocei com o cônsul cessante de Portugal em Macau, Manuel Cansado de Carvalho, e com a Rita Santos. E percebemos que no mesmo período de vida tivemos as mesmas leituras, os três em sítios tão diferentes com África, Ásia e Portugal. É um exemplo que mostra como partilhamos a mesma cultura. O projecto do Fórum permitir catalisar esse capital comum, em vez de deixar esmorecê-lo.”

Rita Santos vai mais longe, realçando, “a nível pessoal e não institucional”, que o Fórum é um reconhecimento para a sobrevivência e a continuidade das comunidades portuguesa, macaense e dos países de língua portuguesa em Macau. “Ainda me lembro, após o estabelecimento da RAEM, que queriam mudar muitas coisas, mesmo antes de se falar no Fórum. Por exemplo, mudar todos os documentos para chinês, até os comunicados de imprensa oficiais. Lutei na altura contra isso, mas uma pessoa só não chega. Quando o Governo Central anunciou o papel de Macau como plataforma, elevou um pouco a imagem dos portugueses e macaenses, dando-lhes mais importância. Todos os contactos que tenho com dirigentes da República Popular da China transmitem-me que estamos a dar um contributo muito grande para a relação entre a China e os países de língua portuguesa.”

MOTOR ECONÓMICO

“O mais evidente sucesso do Fórum de Macau pela importância dos seus números estabeleceu-se na cooperação económica e comercial, seu objectivo primário”, resume Rita Santos. “O volume das trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa atingiu 117,234 milhões de dólares em 2011, superando dois anos antes a meta estabelecida na 3.ª Conferência Ministerial do Fórum de Macau, em 2010: 100 mil milhões a atingir em 2013.”

Um êxito da responsabilidade do Fórum ou uma inevitabilidade devido às relações bilaterais anteriormente estabelecidas entre a China e cada um dos países lusófonos? “Logicamente, já havia relações com os países de língua portuguesa, nomeadamente Brasil e Angola, antes da criação do Fórum. A sua criação, porém, veio ajudar essas relações, promovendo o papel de plataforma de Macau e os negócios por isso potenciados. Cada vez que é promovido um contacto, as ligações saem reforçadas.”

Marcelo D’Almeida concorda, adiantando que o papel do organismo vai inclusivamente intensificar-se. “As potencialidades do Fórum foram definidas por defeito. Tinha-se planeado que o grande objectivo era atingir um volume de trocas comerciais de 100 mil milhões de dólares. Via-se que era uma meta que implicava algum esforço para atingir. A experiência mostrou que não. Na meta dos três anos, vamos triplicar esse valor. Atrevo-me a afirmar que a criação do Fórum tem uma quota

MOMENTOS MARCANTES

ESTABELECIMENTO DA RAEM

Administração de Macau regressa à República Popular da China

Dezembro de 1999

PRIMEIROS PASSOS DO FÓRUM

Secretariado temporário inicia trabalhos

Outubro de 2002

1ª CONFERÊNCIA MINISTERIAL

Reunião em Macau com representantes dos países do Fórum, com definição do primeiro plano de acção

Outubro de 2003

NASCIMENTO OFICIAL DO FÓRUM

Estabelecimento oficial do Fórum, com Secretariado Permanente em Macau

Outubro de 2003

parte importante nessa dinâmica. Não conheço outra instituição que faça a mesma promoção de maneira sistematizada e organizada. Estão aqui no Fórum todos os delegados dos países de língua portuguesa, que são quadros superiores, que vão também actualizando o conhecimento sobre as potencialidades do seu país e fazendo a respectiva divulgação.”

“A nossa organização é complementar à cooperação bilateral, abre outro caminho para essa cooperação”, diz também Chang Hexi. “Macau tem, como toda a gente sabe, muitas vantagens para ocupar o seu papel privilegiado de plataforma, facilita muito o intercâmbio entre a China e os países de língua portuguesa. A acção do Fórum não pára de crescer e é cada vez mais importante e reconhecida. Sem os contactos promovidos pelo Fórum, haveria muito mais empresários chineses a desconhecerem as oportunidades de negócio dos mercados dos países de língua portuguesa.”

RECURSOS HUMANOS E EXPANSÃO CULTURAL

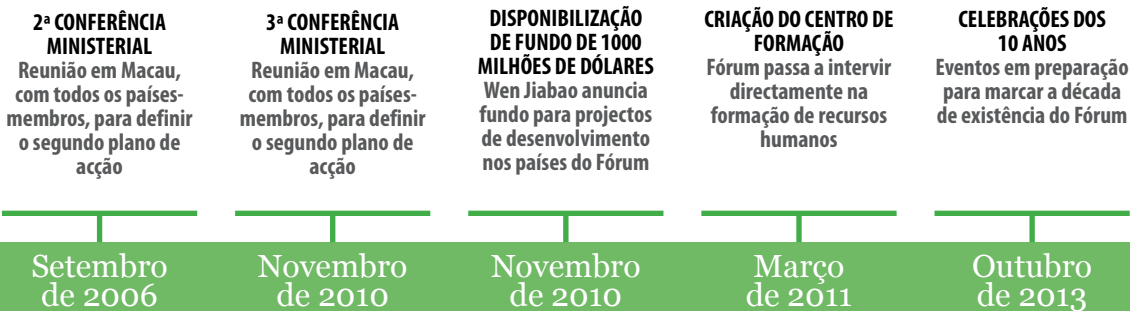
Com o passar dos anos, o alargar do âmbito de acção do Fórum surge como uma evolução natural. “Inicialmente, a ideia era o domínio económico”, conta Marcelo D’Almeida. “Depois, com a convivência, o tempo foi mostrando que há muito mais coisas em comum do que simples benefícios económicos. A China é um país emergente com muita força, com capacidade para suportar o Fórum, e Macau está

“A acção do Fórum não pára de crescer e é cada vez mais importante e reconhecida. Sem os contactos promovidos pelo Fórum, haveria muito mais empresários chineses a desconhecerem as oportunidades de negócio dos mercados dos PLP”

CHANG HEXI

bem posicionado para servir de ponte para todo um conjunto de relações. A esfera económica, a esfera cultural, a capacitação nacional e a troca de experiências. Dentro desses desígnios, vão surgindo mais riquezas a incorporar ao longo dos anos.”

Na área de formação de recursos humanos, um passo importante foi atingido através do estabelecimento do Centro de Formação do Fórum de Macau, inaugurado durante a 3.ª Conferência Ministerial, cujo objectivo é a formação de 1500 autoridades dos países de língua portuguesa, sendo 1000 no interior da China e 500 na RAEM, nos anos 2011 a 2013. Antes, entre 2004 até 2011, participaram mais de 3000 pessoas oriundas dos mesmos países nas mais variadas acções de formação.



“As vantagens de Macau como plataforma de serviços e de ligação encontram-se também na população, na economia, no sistema jurídico e na administração pública, entre muitas outras singularidades derivadas do seu estatuto”

RITA SANTOS



A cooperação que a RAEM desenvolve com a lusofonia tem uma expressão muito significativa na áreas em que Macau tem uma valência muito pronunciada como, por exemplo, o turismo. Neste contexto, foram assinados durante a 3.^a Conferência Ministerial acordos entre a Região e alguns países de língua portuguesa. Macau promove, através do Secretariado Permanente, a presença dos países de língua portuguesa em acções de promoção comercial na China, instalando em feiras de promoção comercial e empresarial o Pavilhão dos Países de Língua Portuguesa”.

É, no entanto, na vertente cultural que Macau tem melhor sabido aproveitar o seu legado, apoiando vários encontros literários e artísticos, em que se cruzam as culturas da China e do mundo de língua portuguesa. O culminar destas acções acontece na realização anual da Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa, apresentando grupos artísticos, exposições e mostras culinárias com chefes nacionais, convocando um longo passado de relacionamento mútuo e confiança recíproca. ●

“ Não conheço outra instituição que faça a mesma promoção de maneira sistematizada e organizada. Estão aqui no Fórum todos os delegados dos países de língua portuguesa, que são quadros superiores, que vão também actualizando o conhecimento sobre as potencialidades do seu país e fazendo a respectiva divulgação”

MARCELO D'ALMEIDA

ONDE ESTÁ O FÓRUM

A mais recente Conferência Ministerial do Fórum Macau – a terceira – realizou-se em 2010. O plano de acção para os anos seguintes foi o mais pormenorizado até agora, com inúmeros exemplos de projectos a desenvolver. O plano abrange praticamente todos os domínios de cooperação. Mesmo assim, ficou definido o ponto “Outras Áreas”, para deixar em aberto outras formas de parceria.

- 1 COOPERAÇÃO INTERGOVERNAMENTAL
- 2 COMÉRCIO
- 3 INVESTIMENTO E COOPERAÇÃO EMPRESARIAL
- 4 AGRICULTURA
- 5 CONSTRUÇÃO DE INFRA-ESTRUTURAS
- 6 RECURSOS NATURAIS
- 7 EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS
- 8 TURISMO
- 9 TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES
- 10 ÁREA FINANCEIRA
- 11 DESENVOLVIMENTO
- 12 CULTURA, RÁDIO, TELEVISÃO, CINEMA E DESPORTO

CHANG HEXI
Secretário-geral

“HÁ MUITAS POTENCIALIDADES POR EXPLORAR”

As trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa têm superado todas as metas estabelecidas, mas para o líder do Fórum Macau esse caminho está apenas a começar

Texto **Nuno G. Pereira** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

Licenciado em Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras de Lisboa, Chang Hexi desempenhou missões diplomáticas em Moçambique, Angola e Guiné-Bissau. Foi nomeado secretário-geral do Fórum Macau pelo Ministério do Comércio da China, em 2009, cargo que desempenha até hoje.

COMO ANALISA A EVOLUÇÃO DO PAPEL DO FÓRUM DESDE QUE FOI CRIADO?

Os contactos entre China, Macau e países de língua portuguesa (PLP) não pararam de crescer, tem sido um desenvolvimento bastante rápido. E isto tanto a nível das instituições e dos empresários, e das instituições, como no que diz respeito ao volume das trocas comerciais. Trata-se de uma evolução muito positiva.

COMO EXPLICA ESSE RESULTADO?

Só foi possível graças aos esforços conjuntos dos Governos da RAEM, da China e dos países de língua portuguesa, assim como de todas as outras pessoas envolvidas, dos empresários até à comunicação social, que divulga as acções do Fórum. Além disso, apesar de já haver um volume de negócios muito grande entre a China e os países de língua portuguesa, ainda existe espaço para um crescimento maior. Há muitas potencialidades por explorar.

COMO É QUE O FÓRUM AJUDARÁ A EXPLORAR ESSAS POTENCIALIDADES?

Temos muitos contactos com empresários da China, mas mantemos a impressão que há ainda um grande número de empresários chineses que desconhecem o mercado dos países de língua portuguesa. É aqui que intervimos. Os empresários mostram vontade de sair da China para investir, mas falta muita informação. Por isso, fizemos grandes esforços para mostrar as oportunidades de negócio, estimulando-as através da divulgação e esclarecimento sobre os mercados dos países de língua portuguesa.

“Apesar de já haver um volume de negócios muito grande entre a China e os países de língua portuguesa, ainda existe espaço para um crescimento maior. Há muitas potencialidades por explorar”

E O CONTRÁRIO TAMBÉM, COM SESSÕES PARA EMPRESÁRIOS DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA INVESTIREM NA CHINA?

Sim, sim, fazemos sempre isso, funciona nos dois sentidos. Este trabalho faz parte do nosso programa de actividades anual, onde estimular a cooperação comercial é a fatia mais importante. A nossa acção centra-se em três pontos principais: promover a cooperação comercial (participação em feiras internacionais, por exemplo), visitas aos países de língua portuguesa (falando com instituições económicas e empresários locais) e a ajuda directa a empresários da China e dos países de língua portuguesa, em particular no estabelecimento de contactos para iniciarem parcerias.

QUAIS OS PRINCIPAIS OBJECTIVOS DO FÓRUM PARA O FUTURO?

Sem dúvida continuar a promover a cooperação económica, seguindo o que está previsto no último plano de acção. No fundo, o que vai ser feito é pormenorizar gradualmente as linhas de acção gerais já definidas. Pensamos ao pormenor o que vai ser feito para cada sector.

COMO É A RECEPÇÃO AO PAPEL DO FÓRUM PELOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA?

Ao longo destes anos, os Governos dos países de língua portuguesa têm-lhe dado muito apoio. Reconhecem a sua utilidade para estreitar os laços de cooperação. E cada vez mais. Há um desejo explícito e unânime de fazer crescer essa proximidade.

10 ANOS DE FÓRUM MACAU

“Ao longo destes anos, os Governos dos países de língua portuguesa têm dado muito apoio ao Fórum. Reconhecem a sua utilidade para estreitar os laços de cooperação. E cada vez mais. Há um desejo explícito e unânime de fazer crescer essa proximidade”

A MUDANÇA DE LIDERANÇA NA CHINA PODE AFECTAR A RELAÇÃO DO GOVERNO CENTRAL COM O FÓRUM?

Não creio, a estratégia para o Fórum já está definida a longo prazo. Há uma grande estabilidade.

COM CARREIRA NA DIPLOMACIA, TRABALHOU NAS EMBAIXADAS DE MOÇAMBIQUE, ANGOLA E GUINÉ-BISSAU. COMO FORAM ESSAS EXPERIÊNCIAS?

Tenho um grande sentimento por esses países. Tal como por Portugal, onde estive a estudar português. A experiência ajudou-me bastante no trabalho que realizo agora. Em 1985, ainda muito jovem, fui para lá no âmbito de um quadro de cooperação na área da educação entre Portugal e a China. Gostei muito.

AO LIDAR COM CULTURAS TÃO DIFERENTES, QUAIS SÃO OS ENTRAVES?

Existem diferenças culturais entre os povos, mas havendo sinceridade e respeito mútuo, todas as diferenças são ultrapassáveis.

O QUE APRENDEU AO VIVER DE PERTO COM OS POVOS DESSAS NAÇÕES E COMO APLICA ESSA EXPERIÊNCIA NA LIDERANÇA DO FÓRUM?

Conheço muito bem a situação económica e social desses países, sei bem o que desejam os





seus Governos. Por isso, a minha acção no Fórum privilegia as oportunidades de cooperação nas áreas em que os Governos de cada país estão mais interessados. Por exemplo, para os países de língua portuguesa africanos, as prioridades estão nas infra-estruturas, na agricultura, nas fábricas de processamento. Portanto, transmito aos empresários da China essa informação e as oportunidades que existem. Em relação a Portugal, já faço uma promoção maior, neste momento, de vinhos e produtos alimentares. E, claro, fazendo todas estas promoções perante empresários que, sabendo das oportunidades, são mesmo potenciais investidores.

DA CHINA AOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, HÁ DIFERENTES ESTRATÉGIAS DE COMÉRCIO EXTERNO. COMO PODEM SER TODAS BEM SUCEDIDAS NO QUADRO DE COOPERAÇÃO ESTIMULADO PELO FÓRUM?

Cada país tem áreas específicas onde quer expandir a cooperação e a China está receptiva praticamente em todas essas áreas. Há um dado fundamental, repito, para justificar o optimismo: tanto a China como os países de língua portuguesa acreditam que a cooperação tem ainda um enorme potencial por explorar e querem continuar a investir nesse caminho. ●



MARCELO D'ALMEIDA
Secretário-geral adjunto

“MACAU COMO PLATAFORMA É UM MECANISMO ÚNICO”

Para este diplomata nascido na Guiné-Bissau, seria um desperdício não aproveitar o convívio exemplar de culturas que testemunha na RAEM para um projecto com a dimensão do Fórum Macau

Texto **Nuno G. Pereira** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

“Macau é uma plataforma natural de encontro de culturas e seria de facto um desperdício não ter sido descoberto este mecanismo. É um mecanismo bem encontrado, único. Não conheço outro igual”

Começou na Economia, formando-se em Cuba, com especialização em Comércio Externo. Depois, enquanto construía uma extensa carreira internacional, tirou o curso de Gestão de Desenvolvimento, em Washington, além de ter tido Formação Diplomática e Consular em Portugal. O Fórum Macau marca a sua chegada à Ásia, num desafio que abraçou com entusiasmo.

COMO SURTIU A OPORTUNIDADE DE TRABALHAR NO FÓRUM MACAU?

Em Janeiro de 2011, o Governo da Guiné-Bissau fez-me o convite, em concertação com a Presidência da República. Telefonaram-me do gabinete do primeiro-ministro e fui lá. Mostraram-me o projecto do Fórum Macau, fui pesquisar e fiquei muito interessado. Até porque estava a desenvolver o mesmo trabalho há vários anos e desejava mudar.

FOI UMA MUDANÇA RADICAL.

Era um desafio novo, pareceu-me uma experiência estimulante e aceitei.

O QUE ENCONTROU CORRESPONDEU ÀS SUAS EXPECTATIVAS?

Sim. Estou a trabalhar com pessoas num tipo de administração completamente diferente, tem sido muito gratificante. Há uma sinergia de três administrações, da China, dos países de língua portuguesa e do Gabinete de Apoio da RAEM. É a primeira vez que trabalho num ambiente destes, estou a gostar.

ONDE É QUE O FUNCIONAMENTO DO FÓRUM PODE SER MELHORADO?

O seu funcionamento envolve, como disse, três administrações distintas. Pode ser aperfeiçoado, nomeadamente, de forma a permitir maior fluxo de informações, para que circulem melhor entre nós.

POR SER UMA ESTRUTURA NOVA AINDA FALTA ALGUMA DINÂMICA ENTRE OS SERVIÇOS?

É isso que quero dizer. Estamos na recta dos primeiros dez anos do Fórum, naturalmente há aspectos a melhorar. Mas com o diálogo interno entre todos os parceiros, vamos lá chegar. Está a melhorar de dia para dia.

QUAL É A SUA INTERVENÇÃO PARA QUE O ORÇAMENTO DISPONIBILIZADO PELA CHINA, ATRAVÉS DO FÓRUM, SEJA EFICAZ NA “REDUÇÃO DA POBREZA E NA CRIAÇÃO DE RIQUEZA” NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, OBJECTIVO QUE JÁ DEFENDEU EM PÚBLICO?

A posição do meu Governo é essa, mas a gestão do fundo cabe ao Banco de Desenvolvimento da China. A nossa intervenção é no sentido de contribuir com ideias, pois não nos compete gerir o fundo. No entanto, antecipamos a expectativa que esse fundo, além dos critérios económicos de viabilidade, seja utilizado nos projectos prioritários de cada país no combate à pobreza e na promoção do desenvolvimento das potencialidades existentes. O fundo ainda não está aplicado, há aspectos técnicos a resolver, mas acredito que falta pouco. É algo que desperta muita expectativa nos países de língua portuguesa.

10 ANOS DE FÓRUM MACAU

TENDO EM CONTA AS DIFICULDADES HISTÓRICAS NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, NOMEADAMENTE EM ÁFRICA, QUANDO TÊM OPORTUNIDADES DE APOIO PARA SE DESENVOLVEREM, HÁ UMA MUDANÇA DESTES PARADIGMA EM CURSO? COMO EVITAR QUE HAJA DINHEIRO DESVIADO DO SEU PROPÓSITO?

São problemas muitos difíceis de erradicar, mas os métodos de gestão têm estado a modernizar-se. Hoje, os instrumentos de controle – auditorias, definição clara da utilização dos fundos, orçamentação das acções públicas – são cada vez mais aperfeiçoados. E isso é um elemento dissuasor. A questão do controlo, a elegibilidade do investimento são fundamentais

como elemento dissuasor. Porém, não nos podemos esquecer que os vários países de língua portuguesa são diferentes, tal como os seus estados de desenvolvimento.

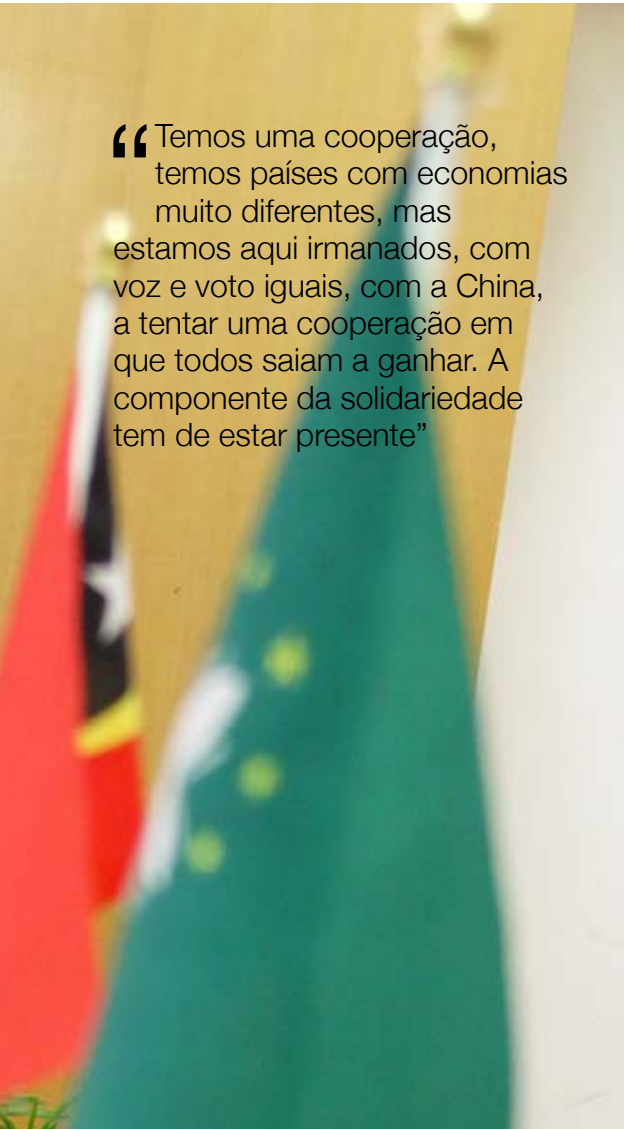
COM A SUA EXPERIÊNCIA NO CONVÍVIO COM AS CULTURAS CHINESA, AFRICANA E PORTUGUESA, COMO DESCREVE MACAU ENQUANTO ENCONTRO DE CULTURAS?

É uma plataforma natural de encontro de culturas e seria de facto um desperdício não ter sido descoberto este mecanismo. Macau como plataforma é um mecanismo bem encontrado, único. Não conheço outro igual.



MAS QUAIS SÃO AS SUAS IMPRESSÕES DO CALDO QUE EXISTE AQUI?

É um caldo de facto, um caldo exótico, mas a presença da cultura, dos hábitos e do perfil de consumo de Portugal está muito presente. Há dias almocei no restaurante de comida portuguesa Guincho a Galera, no Hotel Lisboa, e ia com intenção de comer uma açorda de marisco. Disseram-me que não tinham, não entrava muito no paladar local. Então pedi raia à Gomes de Sá, mas o que me trouxeram não era bem a minha percepção de Gomes de Sá, cuja referência que tenho é do bacalhau. O que veio já obedecia ao paladar de Macau. E gostei. Portanto, até nos restaurantes se vê essa simbiose, esse encontro



“Temos uma cooperação, temos países com economias muito diferentes, mas estamos aqui irmanados, com voz e voto iguais, com a China, a tentar uma cooperação em que todos saiam a ganhar. A componente da solidariedade tem de estar presente”

de culturas que resulta em algo novo. Como a galinha africana, que só há aqui, mas tem o seu encanto. E nas pessoas também se vê essa mistura, uma fisionomia portuguesa com traços chineses, por exemplo, os muitos casamentos entre pessoas de nacionalidades diferentes.

COM TANTA GENTE DE CULTURAS DISTINTAS EM MACAU, É PROVÁVEL HAVER NO FUTURO MAIS CONFLITOS OU O REFORÇO DA CONVIVÊNCIA PACÍFICA?

De longe a convivência pacífica. Eu próprio, quando cheguei, vinha com dúvidas em relação a isso. O complexo de cor existe em toda a parte, não chega necessariamente a ser racismo ou xenofobia, mas marca a diferença. Quando entra, é um preto. Ou um asiático ou um europeu. Mas aqui em Macau, a tendência aponta para uma aproximação de todas as culturas. Depois de mais um ano aqui, não tenho dúvidas que se caminha para aí.

NO QUADRO DA GLOBALIZAÇÃO, QUAL É O CAMINHO QUE VÊ PARA QUE OS PAÍSES TENHAM UMA COOPERAÇÃO JUSTA, COM TANTAS DIFERENÇAS, EM PARTICULAR ECONÓMICAS?

Há um aspecto de solidariedade muito importante. Hoje, a tendência de globalização e, também, a tendência de haver blocos sub-regionais, como foram surgindo, são amortizadores da diferenciação de níveis de desenvolvimento. Um exemplo concreto é aquele que acontece no Fórum. Temos uma cooperação, temos países com economias muito diferentes, mas estamos aqui irmanados, com voz e voto iguais, com a China, a tentar uma cooperação em que todos saiam a ganhar. A componente da solidariedade tem de estar presente.

NOTA-A NA PRÁTICA?

Sim, claro, existe de forma muito concreta. A China avançou com fundos, sustenta o Fórum, essa é uma inegável parte solidária. Nesta cooperação, os acordos que se assinam têm a concordância unânime dos membros do Fórum. Naturalmente que todos, incluindo a China, procuram ganhar, mas isso é o segredo de cada país (risos). Há um ponto inegável: qualquer dos países tem recursos para ser um parceiro útil nesta cooperação. ●

RITA SANTOS

Secretária-geral Adjunta e Coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum Macau

A COOPERAÇÃO COMEÇA COM UM SORRISO

Texto Nuno G. Pereira | Fotos Gonçalo Lobo Pinheiro

Recebe 300 emails por dia e garante que nenhum fica sem resposta. Organiza grandes eventos, tudo com uma alegria inabalável e uma dedicação total.

COMEÇOU A TRABALHAR NO PROJECTO DO FÓRUM MACAU EM 2003. COMO SURTIU A OPORTUNIDADE?

Estava a trabalhar no Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM) como administradora. Em Outubro de 2002, surgiu um convite pelo então Chefe do Executivo, Edmund Ho, e pelo secretário da Economia e Finanças, Francis Tam. Hesitei um bocadinho, porque era uma ideia nova, queriam que Macau fosse o ponto de encontro da China e os sete países de língua portuguesa. Um projecto que a República Popular da China também queria ver avançar.

MAS ACEITOU.

Sim. Era um desafio grande, partir do zero. Éramos só seis funcionários, num espaço cedido pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM). Poucos dias depois de começar, tive logo de ir a Pequim para reunir com o Ministério do Comércio e embaixadores dos países de língua portuguesa, para abordar a hipótese da criação do Fórum. Graças a Deus, todos os países de língua portuguesa têm um certo carinho a Macau, assim como o Governo Central. Foram vários meses de muitos trabalhos de preparação para a Conferência Ministerial de 2003, em Macau. Realizou-se em Outubro, com a participação de ministros e a presença do vice-primeiro ministro chinês, resultando na assinatura

conjunta do primeiro plano de acção e, também, no estabelecimento do Secretariado Permanente em Macau.

FOI IMPORTANTE PARA SI?

Muito. E não só para mim. Ainda me lembro que uma das minhas colaboradoras, por causa do excesso de trabalho, foi hospitalizada. No dia da conferência, transmitida em directo, ela ligou a TV e até chorou quando viu a assinatura do plano de acção, que garantia a constituição do Secretariado Permanente e reconhecia o papel de Macau como plataforma. Ligou para mim emocionada, dizendo “viva, viva”. A partir daí não parámos mais de trabalhar.

POR QUE TROCOU A SITUAÇÃO CONFORTÁVEL DE ADMINISTRADORA NO IACM POR UM DESAFIO NOVO, LOGO ARRISCADO?

Quando estava no IACM, também tinha sob minha supervisão a divisão de Relações Públicas. O Leal Senado e o IACM organizavam reuniões da União das Cidades Capitais Luso-Afro-Américo-Asiáticas. Eu tinha oportunidade de contactar com todos os países de língua portuguesa. Ainda hoje mantenho esses contactos.

JÁ TINHA A REDE ESTABELECIDA.

Já. Quando me convidaram foi por ter essa rede de contactos e a facilidade na língua portuguesa. Efectivamente fiz uma boa opção.

10 ANOS DE FÓRUM MACAU

MAS ISSO NÃO SABIA NA ALTURA.

Sim, era um risco. Até houve uma pessoa, depois de ser público que tinha aceite o convite, a escrever num jornal que eu estava a ser posta na prateleira. Hoje parece-me claro que foi um reconhecimento à minha pessoa, ao meu contributo à função pública e à sociedade de Macau. Em todas as etapas da minha vida na função pública – e já são 32 anos – percorri muitos serviços, desde auditora de contas na Direcção de Finanças a responsável pela área administrativa e financeira na Universidade de Macau, de chefe de departamento a subdirectora, directora e por fim administradora no Leal Senado/IACM. Tudo o que aprendi criou uma base sólida para o que faço – hoje preciso de contactar todos os serviços públicos. Qualquer grupo dos países de língua portuguesa, tanto governamental como empresarial, quer trocar experiências com os diversos serviços públicos de Macau. Mal recebo esses pedidos, sei logo para onde devo encaminhá-los.

QUAIS AS SUAS PRINCIPAIS FUNÇÕES?

O meu trabalho é muito vasto, embora só uma pequena parte seja divulgada na comunicação social. Todos os dias respondo a pelo menos 300 emails, vindos dos PLP. Pedem informações para estabelecer uma empresa em Macau, como encontrar parceiros de negócio, colaboração entre universidades, na área da alfândega, na indústria do jogo etc.. Também alguns jovens a procurarem emprego. O meu trabalho é o contacto com os países de língua portuguesa, a China e os membros do secretariado permanente.

COORDENAÇÃO MAS TAMBÉM DINAMIZAÇÃO?

Sim. E outro aspecto é a organização das actividades e a preparação de todo o apoio logístico para o funcionamento do secretariado aqui em Macau: organização de eventos, feiras, cursos de formação, apoio a empresários e a associações. Em 2003 ainda havia poucas associações com confiança no Fórum. Hoje,



fico contente porque todos os países de língua portuguesa têm um grupo de pessoas residentes permanentes em Macau. Temos as portas abertas para os empresários.

AO LONGO DESTES QUASE DEZ ANOS NO FÓRUM, QUAIS FORAM OS SEUS PRINCIPAIS SUCESSOS NO CARGO?

Não posso dizer que são os meus êxitos, porque o Fórum é um trabalho colectivo.



AQUELES EM QUE ESTEVE MAIS DIRECTAMENTE ENVOLVIDA.

A 3ª Conferência Ministerial, em 2010, porque elevou o nível dos representantes de ministros a primeiros-ministros. Conseguimos organizar essa actividade com um grande esforço conjunto, obtendo um impacto mundial. Foi um reconhecimento oficial da importância do Fórum por parte da China e dos países de língua portuguesa.

QUANDO ERA MAIS NOVA, COM QUE PROFISSÃO SONHAVA?

Quando era pequenina, queria ser gerente-geral de uma empresa.

ENTÃO CORREU BEM.

Pois correu (risos). Lembro-me de ver filmes, ainda a preto e branco, e quando mostravam um gerente-geral de uma empresa ele estava sempre numa sala enorme, com uma grande secretária. E eu dizia ao meu pai que um dia queria ser assim. ●





MACAU NA MISSÃO CABUL

Quando há uns anos palmilhava o caminho entre casa e o Liceu de Macau, Olívia de Souza nunca pensou que passado algum tempo ia andar a rebolar na lama no meio da serra de Sintra, perto de Lisboa, como se de um filme do Rambo se tratasse. Hoje Olívia de Souza é provavelmente a única macaense que sabe combater incêndios, é uma entendida em protecção em ambiente nuclear, radiológico, biológico e químico, sabe lidar com engenhos explosivos, disparar armas pesadas e, ao mesmo tempo, salvar vidas. Olívia é médica na Força Aérea Portuguesa e foi como tal que passou meses num dos teatros de guerra mais intensos do mundo – Cabul, a capital do Afeganistão. Poucos macaenses têm esta experiência no currículo - viver na guerra para fazer a paz

Texto *Macao magazine* | Fotos Arquivo pessoal



Quem vê Olívia Fátima de Silva Souza na rua, ou num centro comercial de Lisboa, nem lhe dá os 34 anos que tem, nem a imaginária capaz de disparar uma arma ou a desmontar uma bomba, quase com a mesma facilidade com que agarra no telemóvel para mandar um mensagem na esplanada de um restaurante. Vestida com uma bata ou com uma farda da Força Aérea, Olívia passa a ser a Capitã-Médica Olívia de Souza e fica muito mais perto do retrato de Maverick, o piloto de caças interpretado pelo actor norte-americano Tom Cruise no filme *Top Gun*.

A carreira de medicina, a estada em Portugal, a troca da vida civil pela militar, nada disto foi planeado, nem pensado. Se o sonho de Maverick sempre foi ser piloto, a Olívia nunca lhe tinha passado sequer pela cabeça ir viver para Portugal, quanto mais ingressar na Força Aérea Portuguesa (FAP).

Olívia nasceu ao pé do jardim de Lou Lim Ieoc. Daí passou a viver na calçada de Santo Agostinho e daí para o pé da avenida da Praia Grande. As avós são do Sul da China, os avós são de Portugal. Bem antes sequer de haver aeroporto em Macau, Olívia passava os dias no Jardim de Infância D. José da Costa Nunes, e foi

depois estudar para a actual escola luso-chinesa Sir Robert Ho Tung, antiga escola primária oficial de Macau. Daí saiu para a Escola Comercial, depois, para o Liceu de Macau. Foi aí, quando tudo corria normalmente, que a vida lhe deu uma volta.

“No fim do liceu, fiz as provas e ligaram-me do apoio pedagógico. Disseram que queriam falar comigo com alguma urgência antes de eu entregar os papéis para a faculdade. Disseram-me que tinha notas para entrar em medicina e sugeriram-me que fizesse isso”, conta a Capitã-Médica. Olívia, ao princípio, ainda torceu o nariz à ideia. Medicina, pensava, “dava demasiado trabalho”, mas ficou convencida com o argumento que lhe deram no liceu: caso se arrependesse era mais fácil mudar de medicina para outro curso, do que de outro curso para medicina. E era arrependida que Olívia apostava que ia ficar, até porque se tinha já pensado numa carreira nas ciências, nunca lhe tinha passado pela cabeça ser médica. “Tinha ficado fanática pela investigação em laboratório. Tinha pensado em investigação, biologia, farmácia, bioquímica, tinha escolhido tudo menos medicina”, lembra. Mas foi medicina a escolhida. Olívia deixou para trás em Macau uns pais contentes e orgulhosos,



“O primeiro embate em Portugal foi muito difícil. Para quem estava habituada a viver num sítio em que se falava 99 por cento em cantonês, era difícil falar sempre em português, de manhã à noite, despedir-me das pessoas em português, dizer boa noite em português”

mas também cheios de saudades. Depois do choque da partida, para Olívia o grande choque foi a chegada. “O primeiro embate em Portugal foi muito difícil. Para quem estava habituada a viver num sítio em que se falava 99 por cento em cantonês, era difícil falar sempre em português, de manhã à noite, despedir-me das pessoas em português, dizer boa noite em português”, recorda. “No meu primeiro dia de faculdade, só queria voltar para casa, honestamente. Para mim, era tudo desconhecido. Desconhecido fisicamente, mas também não conhecia as pessoas. Basicamente, fui sozinha”, acrescenta, lembrando o que lhe custavam as pequenas coisas, como ter de comprar o passe para o autocarro, o não poder ir a todos os sítios a pé. Chegada a Lisboa, Olívia instalou-se primeiro em casa de um tio antes do pai ter tido a ideia de a pôr a viver num lar de freiras, onde ficou até ao terceiro ano da faculdade, quando passou a viver numa casa com mais duas raparigas de Macau. Macau, no entanto, continuava a ser uma das pedras de toque da vida da jovem estudante, e foi mesmo na então missão de Macau, no centro de Lisboa, onde acabou por conhecer o futuro marido, que é de Xangai e foi para Portugal aos 20 anos ter com a família.

Se até aqui a vida de Olívia ainda estava por decidir, a pouco e pouco as peças do puzzle foram-se completando. A partir do quarto ano do curso, decidiu que queria tirar a especialidade de Medicina Geral e Familiar (MGF), para ser médica de família. Do que mais gostava – e gosta ainda – é da abrangência da área, uma especialidade que envolve todas as idades. “Quando comecei a conhecer melhor o grupo de amigos da faculdade, com quem depois fiz o resto do curso, comecei a gostar de Portugal. A pessoa começa a gostar da liberdade, de estar longe dos pais, de poder fazer as coisas por conta própria.”

A ideia de ir trabalhar para um hospital ou para um centro de saúde de Macau foi assim sendo abandonada. A ideia foi posta completamente de lado quando uma certa carta chegou a casa. Foi aí que Olívia mudou de vez a agulha. Os pais não gostaram muito da ideia. “Ficaram chocados, não estavam à espera. O meu pai, então – ele não diz, mas acho que foi quem sofreu mais. A partir do terceiro ano, eu acho que já sabia que não ia voltar para Macau, porque já tinha o meu grupo de amigos, comecei a habituar-me ao estilo de vida de Portugal, não me custava nada ficar.” A carta foi uma surpresa. “Recebi

PESSOAS

então uma carta do Centro de Recrutamento da Força Aérea, com várias especialidades, e havia uma grande escolha. A primeira era MGF e eu pensei, se calhar não custa nada experimentar. Entreguei os papéis no centro de recrutamento, só para experimentar. Pensei, pode ser que dê, ou não, não tenho nada a perder.”

Depois de uma visita ao hospital da Força Aérea, Olívia ficou ainda mais convencida até porque, lembra, foi bem recebida e atraiu-a a estabilidade profissional, da entrada para o quadro.

DO BISTURI PARA A G3

Mas para entrar na Força Área, foi preciso suar – literalmente. Se num outro emprego só é pedido um teste psicotécnico ou entrevistas, a Força Aérea exige a Prova de Aptidão Militar (PAM), que determina se o candidato está apto para ingressar na vida militar. Para a franzina Olívia, foi uma mini recruta de duas semanas na base aérea de Sintra, com provas psicotécnicas, exames médicos e provas físicas, a que segue uma iniciação à vida militar. “Quem é civil, não está à espera do que vai encontrar na PAM. É um choque, mas pela positiva. Nunca imaginei que me iam atribuir um camuflado, umas botas, que ia andar na lama, a rastejar na Serra de Sintra. Nunca antes tinha feito, só tinha visto nos filmes do Rambo. E aquilo parecia um filme. Aprender a marchar, formaturas, tudo para mim era uma grande novidade. Vestir o camuflado, deixar de estar à civil.”

““ Nunca imaginei que me iam atribuir um camuflado, umas botas, que ia andar na lama, a rastejar na Serra de Sintra. Nunca antes tinha feito, só tinha visto nos filmes do Rambo. E aquilo parecia um filme. Aprender a marchar, formaturas, tudo para mim era uma grande novidade”

A jovem recruta lembra-se de “viver tudo ao máximo nesses dias” e de, já na última fase, ter de um momento para o outro de fazer marchas nocturnas, de acordar de manhã já cansada, de pegar pela primeira vez numa arma. “Foi uma sensação muito estranha. Nunca tinha pegado numa arma pesada como a espingarda G3. Estava habituada ao estetoscópio, a bisturis, coisas assim mais ligeiras. Estar a andar com uma arma, marchar com uma arma, nada disso fazia parte da minha vida. A sensação de disparar pela primeira vez deu-me nervos e algum medo, apesar de estar tudo monitorizado, de termos sempre gente connosco.”

Olívia de Souza passou assim, sem nada na sua vida o ter alguma vez feito prever, a integrar os quadros do pessoal de saúde da Força



Aérea Portuguesa. “A minha mãe achou muito estranho, o meu pai não tanto porque já tinha feito o serviço militar. Mas a minha mãe achava que eu não tinha perfil nenhum, embora tenha acabado por assimilar a ideia.”

Já casada, em 2004, a Capitã-Médica Olívia teve a primeira colocação, na base aérea de Monte Real, ao pé de Leiria, no centro de Portugal, no início de uma carreira na Força Aérea onde deixou sempre uma boa impressão por onde passou. “É um exemplo como militar, com sentido de dedicação ao serviço e à instituição das FAP, sendo de destacar a forma abnegada como trabalhou em função do serviço e dos militares e civis a quem prestávamos cuidados”, diz Manuela Tátá, Chefe do Serviço de Pneumologia do Hospital da Força Aérea,

superior de Olívia entre Setembro de 2010 e Abril de 2011. “Ela tem excelentes qualidades humanas e profissionais.”

Entretanto, Olívia voltava a Macau sempre que podia nas férias, normalmente uma vez por ano. O suficiente para os amigos e a família verem como a Força Aérea estava a fazer diferença. “Os meus pais diziam que eu estava um bocadinho mais mandona, achavam que eu tinha ganho algum autoridade. Passei a chegar a casa e começar a dar algumas ordens. Até em casa, ainda hoje, esqueço-me às vezes de que já me desfardei. Chego a casa e começo a dar instruções e a organizar as coisas, e o meu marido diz-me ‘não estamos na tropa’. É-nos inculcada muita responsabilidade. No início estranhava muito. Em Monte Real fardava-me,



“Era pesado. Ver doentes tão traumatizados, em estado tão grave. Eu não estava à espera. Um médico de família costuma trabalhar em centros de saúde. Eu estava na enfermaria das urgências, porque não havia mais ninguém”

vestia-me como uma militar. Mas não tinha muita noção de ser uma militar. Mas depois, com o tempo, as coisas enraízam-se.”

Olívia manteve-se sempre em contacto com os amigos de Macau. “Eles achavam o máximo eu estar na FAP. Perguntam-me sempre o que eu faço, o que é o meu dia-a-dia. Para eles é muito interessante ter uma amiga que é tropa.” Nos fins-de-semana, guarda sempre um tempo para falar com os amigos da terra, até porque, em Lisboa, são cada vez menos os macaenses no seu grupo.

Ainda assim, Olívia continua a ir ao yam-tcha em Lisboa com a família. A médica tem em Lisboa agora a mãe, o marido, a filha, de quatro anos, e alguns tios mais afastados. “Mantemos ainda algumas tradições de Macau.” A família sente-se hoje confortável com a pertença à FAP, que até ajuda a alguma identificação entre Olívia e as gerações mais velhas. “A minha família é grande, e muitos tios fizeram em Portugal o então serviço militar obrigatório. De certa forma ganhei também alguma identificação com os meus tios, com a geração dos meus pais”.

Especialidade médica acabada, em Fevereiro de 2010, Olívia apresentou-se na Direcção de Serviços para saber do futuro. Deram-lhe uma unidade a escolher e Olívia pediu a Base Aérea número 6, no Montijo, perto de Lisboa. “E fui para onde fui, mas antes deram-me outra proposta.” Esta proposta era um pouco mais longe da casa de Olívia que o Montijo. Era Cabul, a capital do Afeganistão, mais precisamente.

SOS CABUL

“Disseram-me que me colocariam, com todo o gosto, no Montijo, mas que antes tinha uma missão. Pensei que fosse uma missão nacional, pacífica. Mas depois pensei que, como me tinham mandado sentar, é porque a conversa iria demorar. Quando me disseram Cabul, fiquei de boca aberta. Ia caindo para o lado, pensei que estivesse a ouvir mal”, recorda Olívia.

A jovem macaense admite que andou um tempo preocupada, sem saber o que iria fazer para o Afeganistão, até que a Força Aérea lhe ensinou a fazer o que muito pouca gente em Macau sabe fazer. No curso de *Individual Common Core Skills* aprendeu tiro e defesa pessoal, a manusear diferentes armas, a combater incêndios, a saber o que fazer com engenhos explosivos, a enfrentar armas biológicas e químicas.

A família, entretanto, tinha recebido as notícias de forma diferente. “A minha mãe entrou logo em pânico. A minha filha ainda não percebia. A minha irmã, que estava a passar férias comigo nessa altura, também entrou em pânico. Cabul, Afeganistão, eram coisas muito perigosas. Elas perguntavam o que eu ia fazer, e eu dizia que não sabia, que só chegando lá é que ficaria a saber.”

O marido assumiu um ar mais calmo, mas também se engasgou quando soube. O pai manteve também um semblante calmo, e disse à filha que tudo iria correr bem. Daí para a frente, foi uma roda-viva, com os familiares todos os dias à procura de coisas na Internet sobre o Afeganistão. “No início eles tinham um certo receio, pelo perigo que uma pessoa lá podia correr. Eu nem tinha tempo para ver nada. Andava sempre em formação. Também não tentei investigar muito, por que o que tem que



ser tem que ser, o que é para ser é. O que me interessava mais na altura era quanto tempo ia lá ficar e saber quais seriam as minhas funções. Os meus amigos militares que já tinham feito missões, embora mais calmas, disseram-me também que tudo ia correr bem. E correu.”

A 12 de Abril de 2010, no aeródromo militar de Figo Maduro, em Lisboa, Olívia embarca para o Afeganistão, num Hércules C-130. A viagem lembra os *Grand Tours* do século XVIII – antes de chegar a Cabul parou em Salónica, na Grécia, e em Baku, no Azerbaijão.

Se na viagem a macaense não sabia o que ia, à chegada só se lembra de pensar uma coisa: “Vim parar ao deserto.” Já tinha visto fotografias, mas a realidade para Olívia era na altura tudo menos realidade “Era completamente surreal. Montanhas por todo o lado, deserto, altitude, areia, pó”. Ao desembarcar do Hércules, ao pisar pela primeira vez o alcatrão da pista do Aeroporto Internacional de Cabul, que iria ser nos próximos meses o mundo, a casa e o local de trabalho de Olívia, ela olhou, saco às costas, por detrás do ombro.

Como pano de fundo, cenário mas também limite do horizonte, as montanhas de cumes nevados que rodeiam Cabul, as nuvens que nascem detrás das montanhas e que indiciam um mundo que não se vê, o silêncio do amanhecer nas ruas de casas pré-fabricadas atravessado apenas pelo *Land Rovers* da missão da NATO, que cruzam o amanhecer. As montanhas são tão altas que parece que começam onde a base acaba, no arame farpado que separa a base do resto da cidade, e do resto do mundo.

“Mal cheguei, deram-me o que cada um tinha: arma, capacete, colete e munições. Não havia nada para o meu tamanho.” A missão era um contrato que Portugal tinha com a NATO, entre Julho de 2009 e Julho de 2010, separado em três destacamentos médicos, cada um com uma missão de quatro meses, cada destacamento com 16 elementos.

Trabalhar em Cabul era pesado, sobretudo as urgências. Muito mais do que o simples centro de saúde de Macau ou de Portugal, onde a médica tinha planeado fazer vida quando ainda estudava. O hospital do aeroporto da

PESSOAS



capital afegã recebia feridos graves e oferecia especialidades mais escassas no país, como neurocirurgia.

Olívia e um grupo de médicos internacionais, sobretudo franceses, lidavam diariamente com cerca de 30 feridos graves nas urgências. Homens, mulheres e crianças, muitos mutilados, muitos corpos que nunca serão como antes, que se terão de habituar a viver para sempre sem pernas, sem braços, sem olhos. “Eram sobretudo vítimas que exigiam cuidados de trauma, ortopedia e cirurgia. São vítimas civis e militares. Os civis eram afegãos, danos colaterais; os militares eram efectivos da *International Security Assistance Force* (ISAF).”

“Era pesado. Ver doentes tão traumatizados, em estado tão grave. Eu não estava à espera. Um médico de família costuma trabalhar em centros de saúde. Eu estava na enfermaria das urgências, porque não havia mais ninguém”. Olívia respirou fundo, e disse que conseguia. “Fiz o meu melhor. O que é muito pesado de ver são crianças mutiladas. Havia muitas. Crianças amputadas, porque há o pós-dano colateral, por exemplo, de tiros, ou pisam numa mina e levam com estilhaços. A sensação de ver uma criança mutilada dói, dá um aperto no coração.”

Os dias em Cabul não eram fáceis, mas o ambiente era de alguma forma cosmopolita e interessante em termos profissionais. Olívia diz ter aprendido muito – quer profissional quer culturalmente - com as equipas médicas alemãs, francesas, belgas, romenas ou americanas. Uma das coisas mais interessantes era o jogo dos palpites sobre as origens de Olívia. De japonesa a coreana, de filipina a tailandesa, ouviu de tudo. Um francês de origem vietnamita ainda pensou ter adivinhado em Olívia um patricio. Atiraram-se todos os países à volta do pequeno território nas costas do Mar da China, menos Macau.

Se de Portugal a jovem médica ainda matava saudades com uns bacalhaus ou com uns enchidos que chegavam de vez enquanto a Cabul, de Macau era mais difícil, até porque não havia ninguém da China na base. Cantonês só falava pelo telefone com a família. Para se lembrar, Olívia ligava o leitor de músicas e ouvia a Tuna Macaense. “Mal os ouvia, sentia-me mais próxima da minha terra e da minha família”, recorda.

Olívia e um grupo de médicos internacionais, sobretudo franceses, lidavam diariamente com cerca de 30 feridos graves nas urgências

Se não fosse pela música, também não era pela mesa que Olívia mataria saudades. Na base, a comida era como numa pequena cidade norte-americana - hambúrgueres, cachorros, fajitas, pizzas. Macaense não havia nada, mas de chinês também só havia *cup noodles* para aviar. Só um restaurante tailandês na base conseguia, fazer, por vezes, encurtar distâncias com Macau.

Os restaurantes, os jogos de pingue-pongue e de bilhar, a pouca vida social serviam apenas para aligeirar uma missão que exigia muito dos efectivos devido ao investimento emocional. “Como trabalhava no internamento, e como eram feridos graves, ficavam lá algum tempo a convalescer. Sobretudo as crianças foi o que mais me marcou. Não estava à espera de receber tantas crianças com danos colaterais, feridos graves, de várias idades, desde meses até ao mais velho que recebi, que tinha 13 ou 14 anos. Como morria de saudades da minha filha, passava muito tempo com as crianças, como se fossem meus filhos. Quando os deixei, marquei-me. São crianças, estão feridas.”

Um dos desafios, recorda, era conseguir com que os feridos afegãos ultrapassassem o medo e a desconfiança de quem vem de um mundo totalmente hostil, onde se mata e se morre, para um hospital. Olívia diz que rapidamente o gelo se conseguia quebrar - graças também ao apoio dos médicos afegãos que ajudavam a ultrapassar a barreira linguística e cultural - mas percebia a dificuldade dos feridos afegãos. “Como qualquer outra pessoa, quando o doente entra, não me conhece a mim, desconfia. Nestes povos em conflito, desconfiam mais, é normal. Têm muito medo daquilo que nós fazemos, porque nunca viram, nunca foram tratados num hospital como deve de ser, por alguém que saiba minimamente tratá-los e, portanto, é necessário explicar passo a passo do que vamos fazer”.

“Eu não consigo mudar a vida dos afegãos, mas eles mudaram a minha. Porque eles vão continuar a ficar por lá, nós é que estivemos de passagem por um sítio completamente diferente, vivemos coisas diferentes, vimos coisas diferentes e depois trouxemos para o dia-a-dia o que sentimos”

Uns feridos aprenderam a tomar banho, a fazer a barba, ou a dar banho aos filhos. Outros a utilizar uma sanita. Passado pouco tempo os doentes, conta Olívia, já recebiam os médicos “quase com afecto, já não tinham aquele medo”. As crianças, em especial, aprendiam rapidamente algumas palavras em português - bom dia, boa tarde, boa noite.

Além da Tuna Macaense, os dias afegãos de Olívia passavam-se também ao som da música de Jason Mraz ou dos portugueses Rui Veloso, Pedro Abrunhosa ou João Pedro Pais. Dias cheios, onde a médica nem teve quase tempo para pegar nas “toneladas” de livros científicos que tinha levado, na esperança de ter uns dias para estudar. No entanto, se não aprendeu ali muita coisa nos livros, a vida ensinou-lhe coisas que nunca irá esquecer. “A visão do mundo muda radicalmente depois de uma experiência destas. Uma pessoa vive de maneira muito diferente e quando regressa, vê as coisas completamente diferentes. Relativiza muito mais. Acho que damos muita importância a coisas fúteis. Os afegãos não têm nada. O povo afegão ensinou-me isso”, frisa a Capitã-Médica.

Quase de lágrimas nos olhos, Olívia lembra a forma como as mães improvisavam com resguardos hospitalares fraldas para os meninos afegãos, amarradas com nós improváveis. Ou a alegria das crianças quando recebiam no hospital uma caneta, um papel, um boneco. Ou a emoção das mães, que, quando saíam do



hospital de volta ao mundo lá fora, recebiam um pacote com latas de comida, sabonetes, escovas, pasta de dentes e pentes. “Fechámos a loja com a sensação do dever cumprido, com a sensação de que deixámos alguma coisa bem feita. Pelo menos no período em que estiveram connosco, conseguimos melhorar em alguma coisa a vida daquelas pessoas. Nunca vamos conseguir melhorar tudo – gostaria de o poder fazer e toda a gente da minha equipa gostava também de o



conseguir, mas pelo menos durante uns dias, uma semana, uma quinzena, demos alguma coisa que eles, se calhar, nunca tinham tido na vida.”

No final, Olívia só a algum custo consegue reconhecer a miúda saída do Liceu de Macau para passar sozinha uns anos em Lisboa, e mesmo assim meio contrariada. No final desta estrada, desta caminhada de vida pelo Afeganistão, Olívia nunca mais olhou para o mundo da mesma maneira. Olívia sente ainda

que, depois de uma missão onde deu tudo, foi ainda ela que ficou a dever àqueles que mais ajudou. “Se calhar, mudaram-me mais eles a mim que eu a eles. Eu não consigo mudar a vida deles, mas eles mudaram a minha. Porque eles vão continuar a ficar por lá, nós é que estivemos de passagem por um sítio completamente diferente, vivemos coisas diferentes, vimos coisas diferentes e depois trouxemos para o dia-a-dia o que sentimos.” ●

WOK

Quando os chineses inventaram o wok há mais de 2000 anos, era preciso cozinhar depressa e em pouco lume. Côncava no fundo para rápida confecção, e de abas largas para poder mexer bem os alimentos sem desperdícios, a famosa frigideira chinesa é hoje um utensílio de cozinha obrigatório em todo o mundo. As qualidades do *wok* eram tais que, antigamente, passava de geração em geração e nunca era lavado. Reza a lenda que guarda todas as memórias



SIGNIFICADOS EM CANTONÊS ASSOCIADOS AO WOK

Dai-wok

Grande frigideira;
metáfora: algo corre muito mal.

Wokhei

Ar-do-wok (literal), ou seja, vapor libertado pelo wok durante a confecção de alimentos; alimento bem cozinhado, como é o caso da carne bem passada.

Meh-wok

Carregar o wok nas costas; metáfora: assumir a responsabilidade do que correu mal.

VANTAGENS

- Cozedura rápida
- Poupa óleo
- Poupa gás
- Comida menos oleosa

DESVANTAGENS

- mexer constantemente a comida, por causa da forma côncava que faz com que o calor se concentre ao centro



ÍCONES CHINESES



COMO TEMPERAR E LAVAR O WOK

- Lave o *wok* e deixe-o meio seco;
- Aqueça o *wok* para que fique completamente seco;
- Unte o *wok* com óleo ou azeite;
- Aqueça até fumegar;
- Volte a pôr óleo ou azeite e aqueça até fumegar.

FORMAS DE COZEDURA

Fervadura

Para água, sopas, *dumplings* ou arroz

Refogado

Ideal para reduzir a quantidade de água no molho

Frituras

Com uma grande ou pequena quantidade de óleo, reduz o tempo de cozedura e evita borrifos para fora

Assadura

Com a panela tapada e uma pequena quantidade de gordura

Chamuscado

Para dar um tom dourado aos alimentos. Deve ser usado o fogo no máximo.

Defumação

Com a ajuda de uma grelha onde os alimentos são posicionados.

Vapor

O cesto de cozedura a vapor é colocado sobre a água no fundo da panela

Ensopado

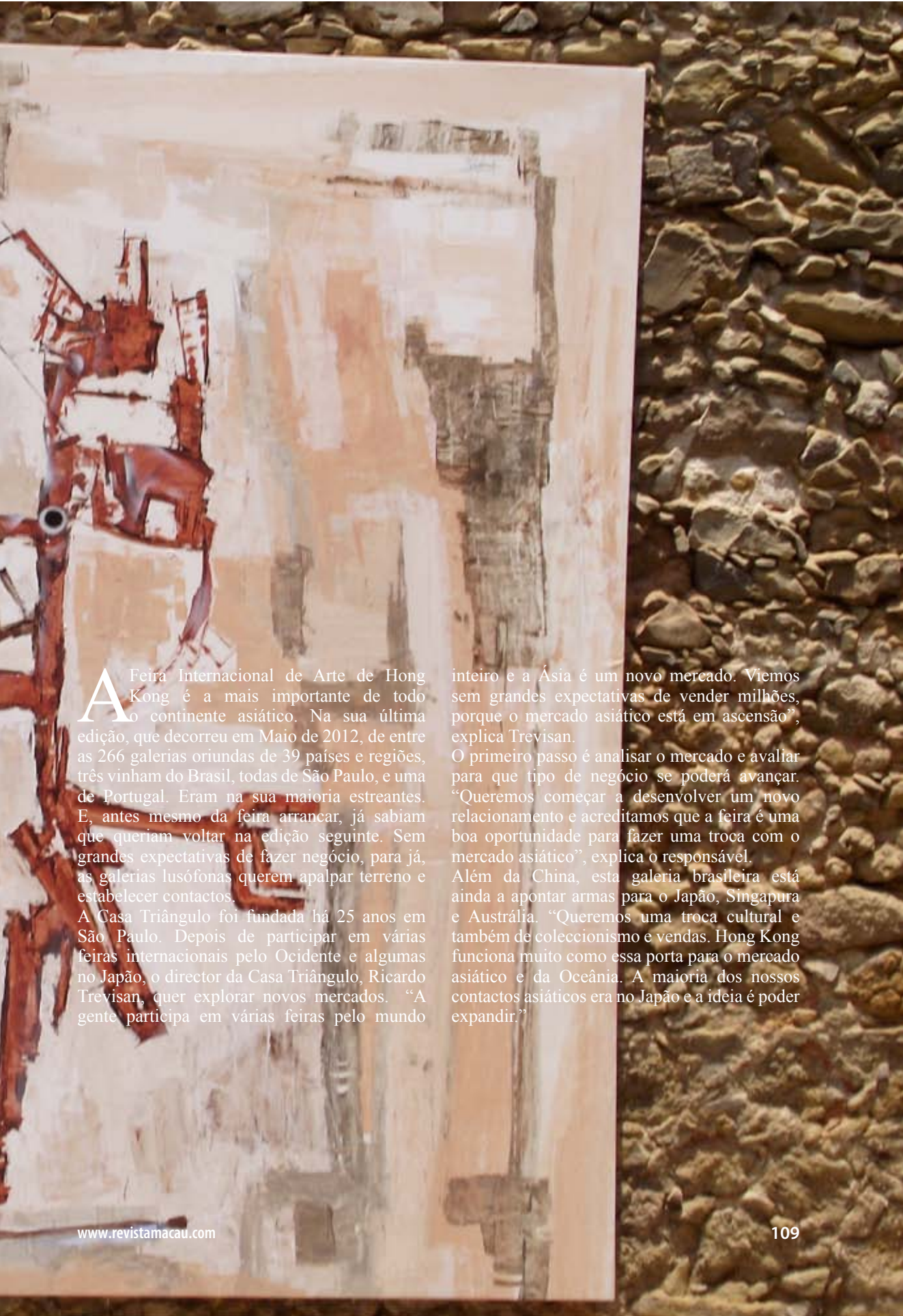
Em substituição de panelas de barro. Ideal para *hot pots* ●



À DISTÂNCIA DE UMA PINCELADA

A relação comercial entre a China e os países de língua portuguesa está a começar a desbravar novos caminhos. Artistas lusófonos estão atentos à expansão do mercado de arte chinês. Há todo um mundo por explorar

Texto **Alexandra Lages**



A Feira Internacional de Arte de Hong Kong é a mais importante de todo o continente asiático. Na sua última edição, que decorreu em Maio de 2012, de entre as 266 galerias oriundas de 39 países e regiões, três vinham do Brasil, todas de São Paulo, e uma de Portugal. Eram na sua maioria estreantes. E, antes mesmo da feira arrancar, já sabiam que queriam voltar na edição seguinte. Sem grandes expectativas de fazer negócio, para já, as galerias lusófonas querem apalpar terreno e estabelecer contactos.

A Casa Triângulo foi fundada há 25 anos em São Paulo. Depois de participar em várias feiras internacionais pelo Ocidente e algumas no Japão, o director da Casa Triângulo, Ricardo Trevisan, quer explorar novos mercados. “A gente participa em várias feiras pelo mundo

inteiro e a Ásia é um novo mercado. Vimos sem grandes expectativas de vender milhões, porque o mercado asiático está em ascensão”, explica Trevisan.

O primeiro passo é analisar o mercado e avaliar para que tipo de negócio se poderá avançar. “Queremos começar a desenvolver um novo relacionamento e acreditamos que a feira é uma boa oportunidade para fazer uma troca com o mercado asiático”, explica o responsável.

Além da China, esta galeria brasileira está ainda a apontar armas para o Japão, Singapura e Austrália. “Queremos uma troca cultural e também de colecionismo e vendas. Hong Kong funciona muito como essa porta para o mercado asiático e da Oceânia. A maioria dos nossos contactos asiáticos era no Japão e a ideia é poder expandir.”

APROXIMAR CULTURAS

A galeria brasileira Nara Roesler também se exibiu pela primeira vez na Ásia este ano. “Temos participado em várias feiras internacionais, mas nunca tínhamos estado na Ásia. Achamos que o Continente tem um potencial de crescimento muito grande, porque o mercado de arte contemporânea na Ásia está crescendo de mais”, diz o director do espaço, Alexandre Roesler.

Como as relações comerciais entre Brasil e China estão cada vez mais maduras, Roesler acredita que chegou a altura de expandir a visão de negócios e parcerias, com a arte a puxar o carro. “O Brasil tem hoje a China como maior parceiro comercial, maior do que os Estados Unidos. Achamos que é preciso também na arte estreitar mais essas relações.”

Roesler está a contar que a primeira experiência seja difícil, apesar de ter fechado alguns negócios. “As pessoas costumam comprar aquilo que conhecem. A maioria dos chineses

não conhece nem a nossa galeria, nem a maioria dos artistas. Então temos de explicar, para eles irem para casa pesquisar”, salienta.

É sempre uma aventura na primeira vez, diz o director da galeria, que está à procura de contactos com curadores, colecionadores ou museus. “Queremos continuar a estabelecer contactos com a China. Esta relação com os mercados externos é sempre construída com o tempo. Isso aconteceu com todos os mercados onde fomos. É preciso voltar para as pessoas nos conhecerem melhor. É uma relação de longo prazo e vamos continuar a vir a Hong Kong nos próximos anos.”

Ao contrário das outras duas galerias de São Paulo, a Mendes Wood participou pela segunda vez na feira de Hong Kong. Este é o certame que interessa mais a Matthew Wood, um dos proprietários. Wood não tem ilusões de fazer grandes negócios. Quer apenas representar o Brasil e dar a conhecer os seus artistas, numa

* Alexandre Roesler



O mercado de arte brasileiro, à semelhança do chinês, está a crescer ao sabor do desenvolvimento económico. Nos últimos dois anos, Rodrigo Editore, proprietário da Casa Triângulo, tem visto cerca de 20 galerias novas a abrir no país, a maioria em São Paulo



* Matthew Wood



* Rodrigo Editore

As notícias que chegam da Ásia são histórias estratosféricas de que o mercado asiático ultrapassou qualquer outro mercado em valores

primeira fase. “Eu, na verdade, não estou aqui só pelo mercado. Isso é algo a ser construído ao longo do tempo. Não tenho expectativas de que o mercado asiático e o chinês especialmente se vão abrir muito facilmente. Eles compram os grandes nomes europeus e americanos. O Brasil realmente não existe para eles, é uma coisa totalmente imaginária,” admite.

É de nacionalidade norte-americana, mas reside no Brasil há três anos e tem sócios brasileiros. Fala português fluentemente, mas está concentrado na expansão além-fronteiras. “Faço a gestão da parte internacional da galeria. Como brasileiros, ainda não conquistámos um espaço muito grande fora do Brasil. O espaço devido e merecido. As notícias que chegam da Ásia são histórias estratosféricas de que o mercado asiático ultrapassou qualquer outro mercado em valores. Mas as pessoas mais interessadas têm conhecimento de que é um mercado novo, que tem regras diferentes, dados obscuros que são conflituosos,” explica Wood.

Alexandre Roesler lembra que existe um desconhecimento mútuo entre a China e o Brasil em termos artísticos. “O mercado brasileiro também não conhece os artistas chineses, talvez só o Ai Wei Wei. Praticamente não tem acesso à arte chinesa. O mercado chinês compra muito a arte chinesa ou blue chips como Picasso ou Andy Warhol. Compra muita marca. Temos que resolver melhor essa questão para também transformarmos os nossos artistas em marcas reconhecidas aqui”, afirma.

No futuro, “tudo vai mudar, mas é uma questão de tempo e insistência,” continua o proprietário da Mendes Wood. O director acredita que são precisos pelo menos cinco anos para construir um mercado na China.

A FUGIR DA CRISE

O mercado de arte brasileiro, à semelhança do chinês, está a crescer ao sabor do desenvolvimento económico. Nos últimos dois anos, Rodrigo Editore, proprietário da Casa Triângulo, tem visto cerca de 20 galerias novas a abrir no país, a maioria em São Paulo. “O mercado no Brasil está muito forte, o que possibilita mais espaço para criação, venda, promoção e mais interesse do público. Acho que o Brasil, nos últimos dez anos, conseguiu



abrir as portas para o mercado internacional. A nossa galeria já existe há 25 anos, mas na última década o interesse é crescente”, aponta Ricardo Trevisan.

O mesmo já não acontece em Portugal e na Europa em geral. É por isso que a galeria lisboeta Filomena Soares mudou de estratégia e está a apostar na China. Manuel Santos, um dos directores do espaço, decidiu começar a participar na Feira de Hong Kong depois de uma primeira experiência em Xangai há três anos. A Filomena Soares veio para ficar. “Os mercados emergentes têm um grande potencial. São estes mercados que nós europeus agora mais procuramos, dados os problemas financeiros e económicos na Europa e nos Estados Unidos. Penso que tem futuro e é de apostar,” diz o responsável.

Não se pense, contudo, que a economia em recessão está a afectar a criação artística portuguesa. Muito pelo contrário. “Não é do conhecimento de muita gente, mas é evidente que é reconhecido, principalmente na Europa e Estados Unidos, que Portugal está a passar um bom momento de jovens artistas portugueses reconhecidos a nível mundial. Portanto, é do nosso grande interesse e aposta divulgar os nossos jovens artistas a nível mundial,” defende Manuel Santos.

Com a crise que Portugal atravessa, as galerias voltam-se para o mercado promissor de Hong Kong e da China

O mesmo não se pode dizer da actividade galerista. De todas as galerias que a revista MACAU tentou contactar, nenhuma se mostrou interessada em explorar o mercado asiático devido a dificuldades económicas. O mesmo aconteceu com artistas portugueses. Manuel Santos começa por explicar que o número de galerias existentes em Portugal é reduzido, dada a dimensão do país e as condições financeiras. “Em segundo lugar, das poucas galerias que há, são poucas as que têm poder económico-financeiro para se poderem deslocar a feiras internacionais. Mas é esse o nosso trabalho e, como diz o ditado, é preciso semear para colher”, afirma.

ANGOLA RECUPERA TEMPO PERDIDO

A arte de um país pode medir-se através da sua economia e Angola não é uma excepção. Há galerias e projectos artísticos a surgir em Luanda, mas ainda há falta de apoios e outros problemas.

ARTES

Hildebrando de Melo é um dos artistas mais proeminentes de Luanda. Abriu o seu atelier na capital há 12 anos, depois de ter feito a sua escola artística em Lisboa. Já expôs nos Estados Unidos, Europa e agora tem o Brasil na mira. “O mercado asiático julgo que vem a seguir”, revela à MACAU. “A China é um grande mercado. Sei que a arte contemporânea está bastante forte na China, é um mercado em franco crescimento económico. Sem dúvida que é importante estar presente nesse espaço”, refere o artista. Ainda assim, Hildebrando não tem pressa. Tem esperança que a China um dia se vá atravessar o seu caminho. A galeria Celamar abriu portas em 2002 na capital angolana. Questionada sobre a importância do mercado chinês, a curadora Marcela Costa refere que é um caminho a seguir, mas que ainda é cedo. “O mercado de arte em Angola é muito novo. Depois do fim da guerra, a sociedade começa a desabrochar. Há uma busca constante de reaver o tempo perdido.”

Hildebrando de Melo aponta que há um movimento novo de artistas, mas “é tudo muito novo”. Há falta de galerias e salas de exposição. “O artista é o produtor e muitas vezes o curador da própria exposição”, diz. Também não é fácil expor fora de Angola. “Não há estruturas culturais ainda para este fim. O artista é que tem que abarcar com todos os custos. É tudo por conta do artista”, lamenta.

REDES CRIATIVAS

Há em Pequim uma instituição sem fins lucrativos que tem o objectivo de estabelecer uma ponte entre artistas chineses e brasileiros. A Currents foi fundada em 2006 pela curadora Sarina Tang. “Naquela época, ainda não existiam praticamente espaços para artistas fazerem projectos sem fins lucrativos e eram poucos os artistas que viajavam para o estrangeiro. Achei que se eu criasse um espaço onde pudesse convidar artistas e músicos para fazerem projectos, poderiam fazer obras bem interessantes”, diz a responsável pelo projecto.

O espaço Currents tem 430 metros quadrados e inclui um apartamento de dois quartos para poder hospedar artistas em residência e um atelier para exposições e concertos. Durante este ano, o resultado de todo este intercâmbio entre a China e o Brasil vai ser revelado numa exposição. “O Currents Art and Music tem trazido vários



* Hildebrando de Melo

Hildebrando de Melo é um dos artistas mais proeminentes de Luanda. Abriu o seu atelier na capital há 12 anos, depois de ter feito a sua escola artística em Lisboa. Já expôs nos Estados Unidos, Europa e agora tem o Brasil na mira

artistas do Brasil, e cada vez mais, os apresenta no meio de arte contemporânea em Pequim, Xangai e, dependendo do artista e do projecto, em outras partes da China. Colocamo-los em contacto com artistas, curadores, galeristas e directores de museus locais”, explica Tang.

Marcos Chaves foi um dos artistas brasileiros que agarrou esta oportunidade e passou 45 dias em Pequim. “Essa experiência proporcionou-me olhar para o mundo de uma maneira mais ampla, mais global, confirmando que a linhagem do meu trabalho é mais internacional, além do circuito de arte ocidental. A outra coisa que percebi e acabei por incorporar nos meus trabalhos é a escala. Pude trabalhar com dimensões maiores, já que tinha um estúdio de quase 500 metros quadrados”, conta.

Apesar desta participação, o artista não tem planos concretos para entrar no mercado de arte chinês. “Acho que deve ser um caso espontâneo. É o que normalmente vem acontecendo, o trabalho tem circulado mais internacionalmente e o interesse acontece aos poucos pela comunidade local de onde ele é exibido”, defende. “A China é um enorme país com um potencial e uma cultura riquíssima. Não existe a possibilidade de pensar o mundo excluindo a China. Se pretendo que o meu trabalho dialogue universalmente, a China é uma enorme parte desse universo.”

EXPERIMENTAÇÕES

Chamam-se Liana Brazil e Marcelo Pontes e formam, juntamente com Russ Live, o grupo de criativos SuperUber. São brasileiros e estrearam-se na China em Setembro de 2012, através do Creators Project.

Fruto de uma parceria revolucionária entre a Intel e a VICE, o Creators Project apoia artistas visionários de diversas disciplinas que utilizam tecnologia de formas inovadoras para explorar os limites da expressão criativa. Criado há cerca de três anos, este projecto já apoiou e uniu mais de 150 artistas de todo o mundo.

A SuperUber é a união entre atelier criativo, laboratório de tecnologia e estúdio de arquitectura. Este projecto converge arte, tecnologia e design, criando produtos arquitectónicos multimédia, nas áreas da cultura, educação, entretenimento e publicidade.

Liana Brazil é designer com mestrado em multimédia pela Universidade de Nova Iorque. Marcelo Pontes é arquitecto e cenógrafo, enquanto Russ Rive é engenheiro electrónico com quatro patentes na área de tecnologia nos Estados Unidos. A SuperUber reúne ainda uma equipa de designers de interacção, motion designers e editores, arquitectos, engenheiros de software e electrónica, produtores e técnicos em sedes no Rio de Janeiro, São Paulo e Nova Iorque. ●

FADO COM SOTAQUE CHINÊS

Apaixonou-se por um português no comboio transiberiano, mudou-se para Portugal e foi tocada pelo fado. Cao Bei é a única pessoa que canta fado em mandarim. A passar uma temporada em Pequim, Cao contou a sua história de amor, a aventura e o choque de deixar a China há 20 anos para casar e viver num monte nos arredores de Lisboa. Falou do seu fado oriental e do sonho de cantá-lo na China

Texto **Vera Penêda**, em Pequim



* Alice Carrae

ÁTRIO

Agarrando o xaile preto que lhe cai das costas, fecha os olhos e canta o fado. Muda de verso embalando o torso e lançando o queixo no ar. Franze o sobrolho com o peso da saudade. Tem jeito de fadista. Só que esta cantora veste *qipao* de seda, tem olhos rasgados e nasceu na China, a uma distância intercontinental da terra-mãe do fado. De repente, a *Lágrima*, canção intemporal da diva maior Amália, ouve-se em chinês e ao som do *guzheng*, uma cítara chinesa. O público espantase e encanta-se com um espectáculo que une a cultura milenar chinesa ao património português do fado.

"O meu fado tem um pouco de tom chinês", conta Cao Bei antes de entoar *Lágrima* sem resvalar nos "erres". "Perguntei-me muitas vezes se os portugueses aceitariam bem uma chinesa a cantar o fado", conta a autodidacta, que há três anos afinou a voz para um fado que tem sabor oriental. Contenta de abrir portas para uma ponte cultural sino-portuguesa, Bei acredita que pode oferecer um fado diferente.

"O meu concerto é uma fusão de cultura tibetana, budista e portuguesa. Canto o fado em português, mas também em chinês e acompanhado com instrumentos chineses. Penso que tem um efeito diferente e exótico para o público português e por isso é que as pessoas batem palmas", explica com um sorriso enquanto canta em chinês *Wo zhidao wo de ai...*. O fado já lhe corre no sangue. "Gosto dos tiques vocais e da emoção do fado, do que me faz sentir. Mas sou chinesa, acho que tenho obrigação de mostrar a música tradicional do meu país que é mais exótica em Portugal", explicou, contenta com a forma como o seu fado tem sido bem aplaudido pelo público português.

DE PEQUIM PARA LISBOA POR AMOR

"É uma história muito engraçada. Começou no transiberiano", solta Cao. "Eu era professora universitária de Economia Política, ensinei durante oito anos em Pequim", relembra a deixar transparecer a emoção de quem tem uma história única para partilhar. "Comecei a ter dificuldade em explicar as teorias de Karl Marx que descreviam os países capitalistas como sendo pobres e com uma população que vivia na miséria. Na época, com a abertura da China ao exterior, os meus alunos que viajavam para fora regressavam a dizer que a vida nos Estados



* Xiao Ge

Unidos e na Europa não era assim", notando que acabou por perder o interesse pela carreira de professora aos 29 anos.

Cao apanhou então o comboio que percorre a Linha Transiberiana de Pequim para Moscovo para tentar fazer negócios na capital russa. "Foi durante os seis dias de viagem no comboio que conheci o meu marido Carlos." De regresso a Portugal depois de uma temporada na China para a sua tese de doutoramento, Carlos reparou em Cao no comboio e começou a cortejá-la. "Notei que um homem estrangeiro, de barba, estava sempre a olhar para mim e que me seguia. Convidou-me para jantar, disse-me que tinha curiosidade em conversar comigo", recorda a acrescentar que negou o pedido do estranho. Durante três dias Carlos esperou à porta da cabine de Cao com chocolates e fruta. "Viajámos em Dezembro e quando passámos pela Sibéria, emocionei-me com aquele cenário todo branco e comecei a cantar ópera. As pessoas vieram ouvir-me e o Carlos também."

Emocionada com a atenção, Cao aceitou o convite para jantar. "Gostei muito de conversar com ele. Era um homem culto e interessado pela China, partilhávamos um gosto por cultura. Ele



dizia-me que eu tinha a pele bonita e eu pensava que ele estava a brincar comigo. A minha pele é meio morena e na China a pele branca é que é sinal de beleza", conta entre sorrisos, dizendo que na época se entendiam em inglês.

Chegando a Moscovo, trocaram contactos e já não se largaram mais. Foram juntos ao balé, à ópera e visitaram o mercado de antiguidades. Mas Carlos seguiu caminho para Portugal e Cao ficou em Moscovo. "Durante um mês, todos os dias enviava-me um fax, às vezes dois por dia, e escrevia palavras muito bonitas." Carlos regressou então a Moscovo, onde chegou a conhecer os pais da namorada, que estavam de visita. "Os meus pais acharam que era um homem honesto, humilde, que era de confiança." Com o aval concedido pela família, Cao mudou-se em um mês para Lisboa. E já lá vão 18 anos.

CHOQUE, SOLIDÃO E FADO

Foi mais fácil apaixonar-se por um homem português do que por Portugal. "Quando saí do aeroporto em Lisboa tive uma grande desilusão, achei que a cidade tinha um ambiente velho, antigo. Depois lembro-me que o carro nos levou por caminhos estranhos e escuros. O meu

“Gosto muito do clima e acho os portugueses muito simpáticos e educados. Tenho saudades do sol e das praias, tenho lá os meus amigos músicos. E a gastronomia portuguesa? A-do-ro”

marido vivia fora da cidade, a casa dele era no meio do nada. Eu só pensava onde me tinha ido meter". Cao tinha ouvido falar de Portugal pela primeira vez no ensino secundário, a propósito dos Descobrimentos.

A cantora gostou da casa que a recebeu, mas a adaptação à vida no subúrbio lisboeta levou algum tempo. "Era uma casa muito modesta, pequena, de campo. No entanto, pareceu-me interessante, gostei do ar da serra. Mas foram tempos de solidão. O meu marido ia todos os dias trabalhar para Lisboa, eu não tinha vizinhos e ficava sozinha no monte. Não falava português e não conhecia ninguém.”

Em vez de continuar trancada em casa, Cao abraçou o desafio. "Resolvi tirar a carta de condução porque senão não podia ir a lado nenhum. E comprei livros para começar a aprender português. Lê-se como está escrito, foi fácil.”

Hoje em dia, Cao recorda as diferenças entre os seus dois países com alegria: "Não percebia porque é que as viúvas se vestiam de preto em sinal de tristeza. Achei muito estranho porque é que os portugueses, sendo tão trabalhadores, não aceitavam trabalhar num feriado pelo dobro ou triplo do salário. Lembro-me de perceber que podia falar-se abertamente em Portugal, mesmo que fosse para criticar o governo."

Só foi em 1996 que descobriu o fado. "Lembro-me que foi durante um concerto em Setúbal, uma orquestra de Macau interpretou o *Barco Negro* com instrumentos chineses. Pensei: que música tão linda, exótica, com uma melodia meio árabe. O meu marido disse-me que era fado, a música nacional portuguesa. Pensei que tinha que saber mais, ouvir mais." Teve então pressa de aprender, mas com a sua própria voz.

“ Os chineses são curiosos e estão receptivos ao que vem de fora.

Não sentem uma necessidade de descobrir novos estilos musicais porque há muita variedade de música chinesa. Mas se houver promoção, acho que vão gostar do fado como eu gosto”



O DESAFIO DOS "ERRES"

Descobriu Dulce Pontes, Amália, Gonçalo Salgueiro, Ricardo Ribeiro e logo pediu ao marido que a levasse a ouvir mais fado. "Foi nas casas de fado em Alfama e na Mouraria que vi um fado mais rústico. Para mim era um ambiente misterioso, tudo me parecia interessante: a meia-luz, o xaile preto, o cantar de olhos fechados", relembra a semi-cerrar os olhos.

Ávida por aprender, há dois anos e meio começou a explorar mais a fundo o género musical. "Com os meus dois filhos mais crescidos e o meu negócio [de exportação de seda] mais estável, comecei a ter mais tempo livre. Pensei voltar a cantar e quis experimentar o fado."

As primeiras tentativas não saíram bem. O próprio marido lhe dizia que não soavam a fado. Mas a experiência com a Ópera de Pequim, que aprendeu a cantar aos 12 anos, ajudou-a a afinar a voz para um tom mais melancólico. "Há fados que não consigo aprender porque o português tem muitos erres. É complicado para mim. Sempre tive aulas de canto, tanto em Portugal como na China, mas aprendi o fado sozinha porque o meu objectivo não é cantar como os fadistas portugueses. Interessa-me oferecer um fado que mantém a tradição do estilo com um toque novo."

A cantar em público desde os 12 anos, Cao passou por palcos universitários e depois de um interregno o fado fê-la regressar aos espectáculos. Publicou o blogue *Fado Jasmim*, fez contactos no meio da música e começaram a aparecer os convites para cantar em eventos. Com vontade de acentuar o cunho chinês do seu fado, resolveu aliar o *guzheng* ao canto. "Fui à China comprar o *guzheng*, as pautas e um CD. Em 15 dias estava preparada."

As lições de piano que iniciou aos dez anos de idade ajudaram à aprendizagem da cítara chinesa. Entre *Lágrima* e *Nem às Paredes Confesso*, alguns dos seus fados preferidos, os seus concertos incluem canções em mandarim bem como música romântica chinesa e temas budistas.

O interesse por sonoridades diferentes da ópera vem desde a juventude. "Vivia em Pequim no final de década de 1980 e início dos 1990,

quando a China começou a abrir-se ao exterior, comecei a ouvir jazz e música *country*. Foi nessa altura que também ganhei o gosto pela música tibetana e nepalesa. São estes estilos que hoje alio ao fado." Desde então a cantora já actuou a solo e com outros fadistas no Teatro São Luiz, no Centro Cultural de Belém, na televisão portuguesa e em eventos luso-chineses.

ALMA LUSA

Cao está de regresso à China por uns meses acompanhando os dois filhos adolescentes, que chegaram a Pequim para estudar mandarim. Mas o seu coração bate por Portugal. "Em Pequim nunca vi o céu azul, não quero viver aqui. Há muita poluição", diz a fadista, que é natural da província de Sichuan no sudoeste do país. "Nasci em Mianyang, uma cidade calma, de clima húmido. É a província da comida picante e dos pandas."

A China dita-lhe a nacionalidade, mas Portugal conquistou-lhe o coração. "Gosto muito do clima e acho os portugueses muito simpáticos e educados. Tenho saudades do sol e das praias, tenho lá os meus amigos músicos. E a gastronomia portuguesa? A-do-ro, carne de porco à alentejana, caldeirada, arroz de marisco,

bacalhau com natas. Adoro tudo e aprendi a cozinhar", revela a explicar com orgulho a receita do Bacalhau à Braz em três passos simples.

Cao não pretende regressar ao seu país natal para aproveitar a onda de prosperidade económica. "A China muda a uma velocidade surpreendente, até para mim. Há 20 anos ainda era um país fechado e as pessoas não tinham dinheiro. Agora anda-se à vontade, com um ambiente mais livre e sente-se a força económica do país", observou durante a entrevista no *Imperial Club*, um luxuoso clube privado, paredes-meias com a cidade proibida.

A cantora sonha, no entanto, levar o fado para a China. "Quero, mas não sou eu sozinha que consigo fazer este trabalho. O nome de Portugal ainda não está muito divulgado na China. Os chineses conhecem os futebolistas portugueses e pouco mais. Para divulgar Portugal e o fado, preciso de ajuda da embaixada e dos empresários portugueses", deixou o apelo, acreditando no potencial do fado junto do público chinês. "Os chineses são curiosos e estão receptivos ao que vem de fora. Não sentem uma necessidade de descobrir novos estilos musicais porque há muita variedade de música chinesa. Mas se houver promoção, acho que vão gostar do fado como eu gosto." ●



BROOKLYN RIDER

**25 de Abril, Pequeno
Auditório do Centro
Cultural de Macau**

Da música clássica ao rock, o quarteto de cordas conhecido pelo estilo ecléctico chega pela primeira vez a Macau, depois de passar por palcos tão díspares como o Carnegie Hall e o Festival South West. Com formação clássica, os músicos integram diversos projectos paralelos sempre com inspiração nas energias artísticas de Brooklyn e Nova Iorque. São os veteranos do *Silk Road* de Yo-Yo Ma Johnny Gandelsman, Colin e Eric Jacobsen e Nicholas Cords. Para os amantes do clássico aos fãs do alternativo, o quarteto toca desde Beethoven ao contemporâneo Lev 'Ljova' Zhurbin, para além dos próprios originais.



GLÓRIA, BALLET DE GENEBRA

**27 de Abril, Grande
Auditório do
Centro Cultural**

Com direcção de Philippe Cohen e coreografia do bailarino grego Andonis Foniadakis, o Ballet de Genebra apresenta o espectáculo mais aclamado internacionalmente alguma vez produzido pela companhia suíça. Os 20 bailarinos, em cena durante um mês também no Grande Teatro de Cantão, interpretam uma homenagem ao barroco alimentada por uma remasterização de músicas criadas por George Frideric Handel, como o célebre coro de *Aleluia* da oratória *Messias*. O espectáculo vai ser acompanhado de um *workshop* para bailarinos locais com membros do Ballet de Genebra, abertas a participantes com pelo menos três anos de experiência, nos dias 26 e 28 de Abril.



FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA E VÍDEO DE MACAU

Até 12 de Maio, Centro Cultural de Macau

Arrancou no dia 28 de Março e continua até Maio. Do cartaz deste ano, diversificado como habitual, ainda vai a tempo de assistir ao filme franco-canadiano *Confissões de uma Gangster*, no dia 5 de Abril, o israelita *Preenchendo o Vazio* e o britânico *Ginger e Rosa*, no dia 6. Dia 7 a produção da Colômbia, França e México *O Reboque* e o taiwanês *Querida Avó*. Os dias 8, 9, 10 e 11 de Maio serão dedicados às sessões Macau Indies com películas de cineastas locais, amadores e profissionais. Os bilhetes para as sessões custam 50 patacas e incluem conversas com os realizadores no final das projecções.

TIME AFTER TIME

**Alan Tam e Teresa Carpio
13 de Abril,
Venetian Theater**

Com mais de 200 álbuns a solo lançados ao longo de três décadas, com temas em cantonês, mandarim, japonês, coreano e inglês, Alan Tam está a caminho de Macau. Com ele vem Teresa Carpio, uma das vozes mais célebres de Hong Kong, dedicada hoje em dia às aulas de canto que dá nas próprias escolas de música no Canadá e em Hong Kong. Depois de Danny Summer e Maria Cordero, mais dois convidados de peso encontram-se no palco do Venetian Theater.



ESPAÇO – DESENHOS POR FRANK LEI

Até 14 de Abril, Museu de Arte de Macau

Depois de artistas como Mengshu, João Ó e Konstantin Bessmertny é a vez do artista natural de Pequim, mas residente em Macau desde os dez anos de idade, expor obra na Montra de Artes de Macau. O director artístico do espaço cultural Armazém do Boi, antigo jornalista e actualmente professor de *Design* da Escola de Artes do Instituto Politécnico de Macau, mostra como para ele a fotografia e o desenho são como faces da mesma moeda. A forma como expressa a sua percepção do mundo objectivo e documenta a realidade através da câmara, e através do desenho a maneira como reflecte sobre o espaço imaginativo que habita.

PELE, RUI RASQUINHO

17 de Abril, Creative Macau

De acordo com a nota informativa é uma “série de ilustrações digitais que se apropria de um certo universo iconográfico emprestado da nomenclatura cultura da tatuagem”, em que os desenhos seguem um “caminho simbólico de identificação, catarse, espiritualidade e devoção carnal”. Depois do Albergue da Santa Casa da Misericórdia e do Armazém do Boi, a *Creative* recebe os trabalhos do artista plástico português, residente em Macau, com inúmeros trabalhos publicados na imprensa local dentro do estilo característico carregado de referências do imaginário chinês, onde não falta a tinta-da-china, mas com a produção final em suporte digital.



CENÁRIO NA CIDADE, YU CHENG TA

Até 28 Abril, Galeria Tap Seac

O artista taiwanês aborda a questão de como enfrentar o impacto das culturas em diferentes lugares. A exposição consiste de uma instalação com seis vídeos criados por Yu Cheng Ta entre 2008 e 2013. São filmes humorísticos que mostram situações prováveis que surgem do encontro de estrangeiros com a cultura local em cenários como Taipé, Aomori, no Japão, Auckland e Wellington, na Nova Zelândia. Entre eles está a série *Ventriloquos*, que regista os erros ao nível do significado de palavras chinesas cometidos por alguns estrangeiros em Taipé. No trabalho mais recente, criado em Macau, tenta reinterpretar a abordagem às diferenças culturais escritas dos artistas no passado e no presente, à luz do desenvolvimento do neoliberalismo.

SEGREDOS- EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA CONTEMPORÂNEA

Paulo Valentim

Até 20 Abril, Galeria de
Arte da Fundação
Rui Cunha

Das máscaras usadas em cerimónias pelos índios do Brasil às marionetas chinesas, passando pelos “caretos” da região de Trás-os-Montes, são 29 peças da autoria do professor residente da Escola de Artes e Ofícios da Casa de Portugal em Macau. A mostra é a primeira a título individual do ceramista lisboeta no território e está dividida em oito séries. Assenta numa reflexão sobre aquilo que as máscaras, revelam e ocultam enquanto artefactos simbólicos, em tradições fixadas em diferentes tempos e espaços. Paulo Valentim especializou-se em pintura antiga com o Mestre Ângelo Pereira e foi director artístico do atelier “Hera Cintra”. Ensina em várias instituições portuguesas de Macau desde 2011 e já participou em diversas exposições, tanto em Portugal como no estrangeiro.

6º SOLO

Luciana Mello

Nascida no meio da música, passou pela dança, espectáculos infantis e televisão até se afirmar como cantora. Depois de um interregno de quatro anos após o lançamento do quinto disco, durante os quais foi mãe pela primeira vez, a filha do cantor brasileiro Jair Rodrigues regressou com um trabalho mais maduro e ligado às raízes. A artista diz que a filha foi a maior inspiração para este 6º Solo, produzido pelo irmão Jairzinho Oliveira, com um repertório que passa por estrelas da música popular brasileira como Djavan, Gonzaguinha, Arnaldo Antunes e Chico César.



O GRANDE MEDO DO PEQUENO MUNDO

Samuel Úria

É o regresso do membro do movimento Flor Caveira aos discos de estúdio e explora a desilusão do autor com o humanismo, os excessos do homem que se “emancipou para se tornar a medida de todas as coisas”. Manuel Cruz (Ornatos Violeta, Foge Foge Bandido), António Zambujo e Márcia são alguns dos músicos convidados do músico que chamou as atenções com o EP *Em Bruto* e o álbum *Nem Lhe Tocava*, e foi aclamado pela crítica como um dos mais importantes escritores portugueses de canções da actualidade. Em 2010, lançou *A Descondecoração de Samuel Úria* que escreveu e gravou em casa num só dia, com a composição e registo das músicas filmada e transmitida em directo pela Internet.



ENTRE NÓS E AS PALAVRAS

Os Poetas

O projecto surgiu de encontros entre Rodrigo Leão, Gabriel Gomes e Hermínio Monteiro, antigo editor da Assírio & Alvim, em cujo espólio existiam gravações de poetas a dizerem os próprios poemas. A ideia original foi registada em disco editado em 1997, resultado de meses intensos de composição e afinidade com os poetas escolhidos e da amizade cúmplice entre os músicos. Nesta segunda edição os temas dão música às palavras de Adília Lopes, António Ramos Rosa e Al Berto, a que se juntam a Mário Cesariny, Herberto Helder e Luiza Nero Jorge, já abordados na primeira.



MANUEL FÚRIA CONTEMPLA OS LÍRIOS DO CAMPOS

Manuel Fúria e os Náufragos

É o sucessor de *Manuel Fúria Apresenta As Aventuras Do Homem Arranha* (2008) que marcou a estreia do ex-membro d’Os Golpes a solo. Totalmente composto por temas originais, com edição da Amor Fúria e distribuição da Valentim de Carvalho, o disco conta com a participações de músicos de várias outras bandas portuguesas como Hélio Morais dos Paus e Linda Martini, e Silas Ferreira dos Pontos Negros. Depois de *Que Haja Festa Não Sei Onde* e *Canção Para Casar Contigo* são os singles assinados pelo autor que se afirma como um “compositor profundamente comprometido com as suas raízes” e “autor de canções marcadas pela tradição e procura da ruralidade, por oposição ao bulício da cidade” como se lê na nota biográfica de Fúria.



UMA NOITE DE AMOR

Luísa Rocha

Trocou recentemente a Casa de Linhares, em Lisboa, pelo restaurante Porto de Macau, na RAEM. Durante um mês quem passou pela casa de fados improvisada na Taipá pôde conhecer as canções que compõem este primeiro disco da fadista portuguesa. Um trabalho que contou com os contributos de talentos do fado em Portugal como os guitarristas José Manuel Neto, Mário Pacheco, Custódio Castelo e Ricardo Rocha. Também Guilherme Banza, que acompanhou Luísa Rocha a Macau juntamente com Nelson Aleixo. O primeiro single é um fado-canção inédito de Paulo de Carvalho, *Dou-te Um Beijo (e Fujo De Ti)*, e o repertório inclui temas da autoria de José Carlos Ary dos Santos, António Lobo Antunes e José Luís Tinoco.





OS GOVERNADORES DE MACAU

Paulo Jorge Sousa Pinto, António Martins do Vale, Teresa Lopes da Silva e Alfredo Gomes Dias, coord. Jorge dos Santos Alves e António Vasconcelos de Saldanha
Livros do Oriente, 2013

De D. Francisco Mascarenhas ao general Vasco Rocha Vieira, mais do que biografias, esta obra integra a figura e acção governativa de cada um dos oficiais do Império português, responsáveis pela protecção e gestão executiva do território colonial de Macau, desde o século XVII até 1999. É o resultado do exaustivo trabalho de pesquisa de quatro historiadores em livros e arquivos de Portugal, Espanha e Índia durante mais de uma década. Em cerca de 500 páginas os autores relacionam os governadores de Macau com o estado das relações luso-chinesas em cada época, a História da China e a história geral da presença de Portugal na Ásia e da presença ultramarina até 1974, cruzando-a com outros poderes coloniais europeus no Extremo Oriente.

AS ESGANADAS

Jô Soares
Editorial Presença, 2013

O cenário é o Rio de Janeiro de 1938, onde um assassino em série persegue mulheres jovens, bonitas e gordas utilizando uma arma especial: irresistíveis doces portugueses. Há um chefe da polícia, um delegado rabugento, um auxiliar medroso, um ex-inspector lusitano, uma jornalista e uma fotógrafa que tentam cobrir o caso para a imprensa. Com o registo que lhe é conhecido, o humorista brasileiro Jô Soares narra uma série de crimes brutais... com piada. Piada que está nos meios e não nos fins, com detalhes históricos curiosos a condimentar, como uma corrida de automóveis no Circuito da Gávea, em que participam o cineasta Manoel de Oliveira e o lendário Chico Landi, e a transmissão pelo rádio da derrota do Brasil de Leônidas da Silva perante a Itália na semifinal do Mundial de Futebol de 1938, na França.

LIVRO DE RECEITAS DA MINHA TIA/MÃE ALBERTINA

Cíntia Conceição Serro
Instituto Internacional de Macau, 2012

Lançado com o apoio da Fundação Macau e do Instituto Cultural de Macau, é um contributo para a divulgação da gastronomia macaense, legado cultural de Macau agora classificado património imaterial da RAEM. Ideal para quem quiser conhecer a culinária típica da comunidade, a obra já foi apresentada em Toronto, Lisboa, São Francisco e Rio de Janeiro para chegar às mãos da diáspora, e foi recentemente editado também em versão inglesa. A autora nascida em Macau e criada no bairro de S. Lourenço conta os segredos que aprendeu com a tia Albertina Borges, de quem herdou algumas receitas antigas reunidas no livro de cerca de 200 páginas ilustradas, com muitos pratos tradicionais e alguns menos conhecidos.



HISTÓRIA POLITICAMENTE INCORRECTA DE PORTUGAL CONTEMPORÂNEO

Henrique Raposo
Editora Guerra & Paz, 2013

Em cinco ensaios Henrique Raposo tenta desconstruir cinco mitos da memória colectiva portuguesa que giram em torno de três figuras: António de Oliveira Salazar, Álvaro Cunhal e Mário Soares - personagens geralmente maquilhadas e desmaquilhadas pelas narrativas de análise da História de Portugal. Nesta obra o autor, que é investigador do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova, cronista do *Expresso* e ex-colaborador e editor da revista *Atlântico*, confronta os leitores com factos e conclusões que fazem repensar Portugal como uma pedrada no charco da análise política contemporânea.

Guerra e Paz Editores e Bertrand Picoas Plaza têm o prazer de o convidar para o lançamento do livro

História POLITICAMENTE INCORRECTA do Portugal Contemporâneo { DE SALAZAR A SOARES }

Henrique Raposo

O livro será apresentado por
António de Araújo e Camilo Lourenço

Quarta-feira
6 de Fevereiro, 18h30
Bertrand Picoas Plaza [Lisboa]
Rua Tomás Ribeiro Cruzamento c/Rua Viriato
Loja C 0.9

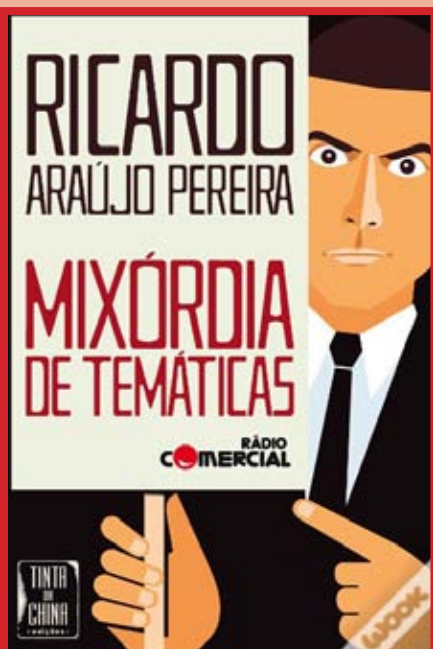
 GUERRA & PAZ
www.guerrapaz.net

 BERTRAND

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

MIXÓRDIA DE TEMÁTICAS

RÁDIO
COMERCIAL



TINTA DA CHINA

MIXÓRDIA DE TEMÁTICAS

Ricardo Araújo Pereira
Tinta da China, 2012

Esteve em Macau para participar no Festival Literário Rota das Letras e dispensa grandes apresentações. *Mixórdia de Temáticas* é o sucessor de *Boca do Inferno* (2007) - colectânea das crónicas publicadas na revista *Visão* - e *A Chama Imensa* (2010) - crónicas de futebol publicadas no jornal *A Bola*. Desta vez, o humorista compila os guiões da rubrica que mantém na Rádio Comercial com o mesmo nome. Além de cronista, Ricardo Araújo Pereira é guionista desde 1998 e autor da série cómica *Gato Fedorento*, cujos textos, criação de personagens e interpretação humorística o elevaram ao estatuto de principal referência da nova geração do humor em Portugal.



* Arquivo Histórico de Macau

RUÍNAS DE SÃO PAULO, DÉCADA DE 1950

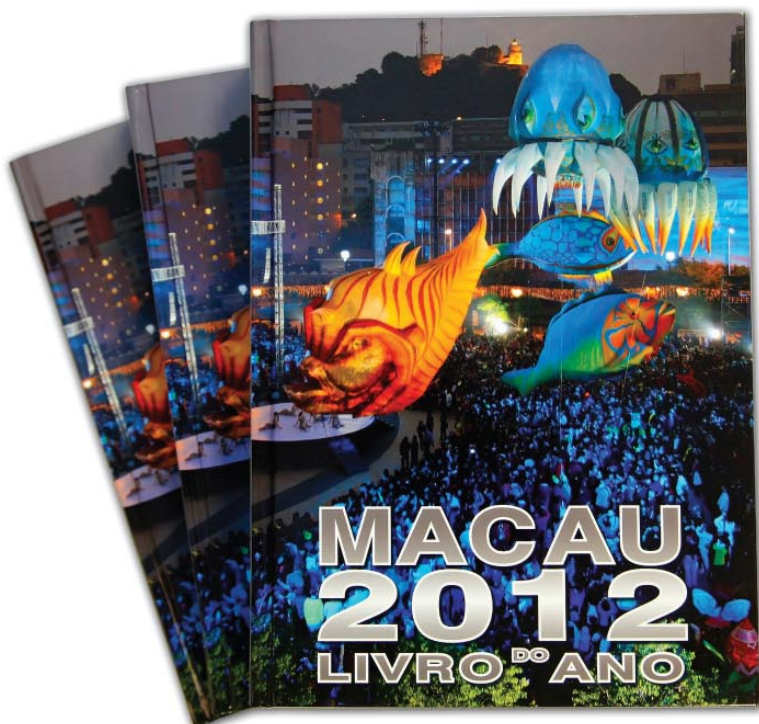
As Ruínas de S. Paulo referem-se ao conjunto formado pela fachada da antiga Igreja da Madre de Deus, construída entre 1602 e 1640, e as ruínas do antigo Colégio de S. Paulo, que ficava localizado ao lado da igreja, ambos destruídos por um incêndio em 1835. Em conjunto, a antiga Igreja da Madre de Deus, o Colégio de S. Paulo e a Fortaleza do Monte eram todas construções jesuítas e formavam um conjunto que pode ser identificado como a "acrópole" de Macau. Na proximidade da fachada, os vestígios arqueológicos do antigo Colégio de S. Paulo apresentam um testemunho do que foi em tempos a primeira universidade de modelo ocidental no Extremo Oriente, que contava com um programa académico extenso, incluindo as disciplinas de Teologia, Matemática, Geografia, Chinês, Português, Latim e Astronomia.

MACAU 2012

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2012** – Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2012** – Livro do Ano é uma publicação que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2012** – Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios) ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.



Colección Selos de Macau

收藏澳門郵票

Collect Macao's Stamps



OS PLANOS PARA UMA MACAU MAIS VERDE



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau

• 電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491
• 傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603

• 電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo
• 網址 Website : www.macaupost.gov.mo



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios